UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E DA COMUNICAÇÃO

- Ramo de Especialidade: Linguística Portuguesa Aplicada -

AQUISIÇÃO DO PLURAL NOS NOMES TERMINADOS EM DITONGO NASAL – ESTUDO COM CRIANÇAS ENTRE OS 3 E OS 7 ANOS

Ana Margarida Monteiro Cortes Ramalho

Orientadores:

Professora Doutora Fernanda Gonçalves

Professora Doutora Maria João Freitas

Outubro de 2010

Índice

Nota Prévia **4**

Resumo **6**

Palavras-chave **6**

Abstract **7**

Índice de Gráficos **8**

Índice de Quadros **11**

Índice de Figuras **13**

Lista de Abreviaturas **14**

Lista de Símbolos Fonéticos usados **14**

Introdução 15

1. Enquadramento Teórico 18

1.1. Propriedades do Português Europeu relativas aos ditongos nasais 18
1.1.1. Propriedades fonológicas 18
1.1.2. Propriedades morfofonológicas 21

1.2 Desenvolvimento fonológico e morfológico 32
1.2.1 Aspectos fonológicos 32
1.2.2 Aspectos morfológicos 37

2. Estudo Experimental – Aspectos Metodológicos 44

2.1 Questão orientadora, objectivos e hipóteses 44

2.1. Tipo de estudo 46
2.2. Amostra 46
2.3. Construção do instrumento para a recolha de dados 51
2.4. Recolha de dados 54
2.5. Tratamento dos dados 58

3. Apresentação, descrição e discussão dos resultados 63
3.1. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo I 63
3.1.1. Resultados para a prova de palavras 64
3.1.1.1. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] 67
3.1.1.2. Paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] 69
3.1.1.3. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] 71
3.1.2. Resultados para a prova de pseudopalavras 74
3.1.3. Sumário 78

3.2. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo II 79
3.2.1. Resultados para a prova de palavras 79
3.2.1.1. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] 82
3.2.1.2. Paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] 84
3.2.1.3. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] 86
3.2.2. Resultados para a prova de pseudopalavras 89
3.2.3. Sumário 91

3.3. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo III 92
3.3.1. Resultados para a prova de palavras 92
3.3.1.1. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] 95
3.3.1.2. Paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] 97
3.3.1.3. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] 99
3.3.2. Resultados para a prova de pseudopalavras 102
3.3.3. Sumário 104

3.4. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo IV 105
3.4.1. Resultados para a prova de palavras 105
3.4.1.1. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] 108
3.4.1.2. Paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] 110
3.4.1.3. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] 113
3.4.2. Resultados para a prova de pseudopalavras 116
3.4.3. Sumário 118

3.5. Discussão dos resultados 120
3.5.1. Comparação entre os grupos na prova de palavras 120
3.5.1.1. Valores globais 120
3.5.1.2. Comparação dos grupos por tipo de ditongo 121
3.5.1.3. Comparação dos grupos em função dos itens lexicais 126

3.5.2. Comparação entre os grupos na prova de pseudopalavras 130
3.5.3. Discussão das hipóteses colocadas 132

4. Considerações Finais 138

5. Referências Bibliográficas 141

6. Apêndices

Apêndice I – Pedido de autorização enviado às escolas/jardins-de-infância
Apêndice II – Declaração de autorização dos encarregados de educação
Apêndice III – Ficha de registo dos dados
Apêndice IV – Profissões dos pais das crianças integradas no estudo, de acordo com o Código Nacional das Profissões (IEFP, 2001)
Apêndice V – Nacionalidade dos pais das crianças integradas no estudo

(Em suporte digital)
Apêndice VI – Instrumento de recolha de dados
Apêndice VII – Transcrições fonéticas dos dados recolhidos
Apêndice VIII – Base de dados (*SPSS*)

Nota Prévia

Não podia iniciar a redacção deste trabalho sem antes prestar o meu agradecimento a todos os que me ajudaram, permitiram e, de alguma forma, contribuíram para a sua execução.

Desta forma, deixo o meu muito obrigada às Professoras Maria João Freitas e Fernanda Gonçalves, pelo acompanhamento e orientação prestados, pela paciência e dedicação.

À Professora Maria João pela paciência interminável, pela calma e, principalmente, pela partilha de conhecimentos que me permitiu crescer mais um pouco. É, de facto, um prazer trabalhar com alguém tão metódico e com tanto para partilhar.

À Professora Fernanda que, apesar das tantas dificuldades, aceitou a orientação e acreditou que seria possível concluir este projecto. O meu agradecimento pelo enorme esforço nas últimas horas.

A todas as crianças que integraram o estudo e aos seus pais por terem permitido a sua participação, pois sem eles não teria sido possível a sua concretização.

Aos jardins-de-infância e escolas, aos educadores e professores, pela sua impagável colaboração.

Aos colegas (e amigos) de trabalho (Ana, Ana e Ana, Catarina, Lili, Mané, Letícia e António), pela constante motivação, mesmo nas horas em que o trabalho nos inundava. Obrigada Ana M. pelas horas de espera enquanto eu estava em reunião e pelas intermináveis conversas acerca do tema. Deixo um agradecimento especial à professora Paula Vital, pela disponibilidade e ajuda no contacto com as instituições que colaboraram neste estudo e por ter desculpado as minhas falhas na parte final da concretização deste projecto.

Às colegas e às professoras do Mestrado, por terem tornado esta etapa ainda mais interessante e agradável.

A todos os meus amigos pela força que me dão sempre.

Cata, Maria, Elsa, Susana, Ana T., Sandra, João e Ricardo obrigada pela vossa amizade e compreensão pela atenção que não vos tenho dado.

À Marisa, pela ajuda com a base de dados, por partilhares o teu conhecimento comigo e pelas longas horas de debate (em que me despertas sempre a vontade de saber um pouco mais). Ao Hugo, entre várias coisas, pela assistência informática.

À minha mais recente família, principalmente aos pequenotes Maria e Martim.

À Letinha, pela amizade, pelos sábios conselhos de sempre.

À minha família de sempre. Mãe e mana, obrigada por tudo. Por serem parte de mim, por me ajudarem a ser quem sou... e pela paciência e encorajamento do costume!

Ao Pedro, por acreditar sempre em mim e nos meus (nossos) sonhos. Por me ajudar (sempre) a perceber que a vida é sempre mais...

Dedico, por fim, este trabalho ao meu avozinho, que já não pode presenciar o final de mais uma aventura! Não há palavras que definam a tua importância na minha vida. Obrigada por me teres ajudado a ser uma pessoa melhor.

Resumo

O principal objectivo deste estudo é o de fornecer dados de referência sobre a aquisição do plural em nomes terminados em ditongo nasal, em PE. Para a recolha de dados, construiu-se uma prova de nomeação, que foi aplicada a 130 crianças portuguesas entre [3;00-7;01] anos. Os resultados obtidos revelaram que, inicialmente (3 e 4 anos), as crianças usam produções que reflectem o impacto da regra de formação do plural (acrescente-se [ʃ] à forma de singular) – *efeito gramatical*: recorrem preferencialmente ao formato [ɐ̃w̃ʃ], independentemente do paradigma a que pertencem, tanto em palavras como em pseudopalavras. Posteriormente, começam a dar gradual atenção ao formato com maior produtividade no PE ([õj̃ʃ]), sendo [ɐ̃w̃ʃ] usado como formato não marcado em contextos problemáticos até aos 5 anos e não se registando, nas faixas etárias mais baixas, um efeito de frequência. O formato [ɐ̃j̃ʃ] revela-se o mais problemático e não se encontra estabilizado aos 6 anos. Apesar de a marcação do plural emergir cedo em PE, a estabilização do plural em nomes terminados em ditongo nasal ocorre tardiamente devido à complexidade morfofonológica que lhe está associada, não estando a estrutura ainda adquirida aos 6 anos.

Os resultados disponibilizados na presente tese são de utilidade para terapeutas da fala, educadores de infância, professores de 1º Ciclo do Ensino Básico e linguistas, que os poderão usar como valores de referência para o estudo e para a estimulação do desenvolvimento linguístico associado a esta estrutura.

Palavras-chave: aquisição; ditongo nasal; flexão; plural; nomes; paradigma nominal; fonologia; morfologia.

Abstract

The nasal diphthong [ɐ̃w̃] ending nouns acquisition in European Portuguese – study with [3;00-7;01] years children.

The main goal of this study is to provide reference data on the acquisition of plural in nouns ending with nasal diphthongs in EP. For data collection a naming test was built consisting of 36 stimuli – training items, target stimuli (words and nonwords) and distracters – that was applied to 130 Portuguese children between [3, 00-7; 01] years.
The results revealed that young children (3 and 4 year olds) tend to use a grammatical strategy (adding [ʃ] to the singular form); they use the format [ɐ̃w̃ʃ] to build the plural in words (for all paradigms) and nonwords. The [õj̃ʃ] shape, which is the most frequent paradigm in EP, appears later, at 5 years old, although, [ɐ̃w̃ʃ] is still used as unmarked in problematic contexts up to that age. We can conclude then that the frequency effect is not relevant for the youngest children. The [ɐ̃j̃ʃ] paradigm is the most problematic: it isn´t stabilized at six years.
As a general conclusion, we assume that although the nasal diphthong [ɐ̃w̃] ending in nouns seems to emerge early, it is stabilized lately – assumedly after 6 - due to the morphologic and phonologic complexity associated with it.
The results presented in this investigation are useful for speech and language pathologists, education professionals and linguists, who can use them as reference values for the study and stimulation of linguistic development associated with this structure.

Key words: acquisition; nasal diphthong; inflection; names; nominal paradigm; phonology; morphology.

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - *Distribuição da média das frequências relativas para as produção dos ditongos em [ɛ̃w̃], [õj̃] e [ɛ̃j̃] (nº de respostas=288) no Grupo I (N=32)* 65

Gráfico 2- *Distribuição das médias das frequências relativas do número de respostas (n=96) para o Grupo I (N=32) no paradigma [ɛ̃w̃]* 68

Gráfico 3 - *Distribuição das médias das frequências das respostas(n=96) relativas no paradigma [ɛ̃w̃], por item lexical, no Grupo I (N=32)* 69

Gráfico 4 - *Distribuição das médias das frequências das respostas (n=96) relativas no paradigma [õj̃] no Grupo I (N=32)* 69

Gráfico 5 - *Distribuição das frequências relativas das respostas (n=96), no paradigma [õj̃], por item lexical, no Grupo I (N=32)* 71

Gráfico 6 - *Distribuição das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo I (N=32) no paradigma [ɛ̃j̃]* 72

Gráfico 7 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) doGrupo I no paradigma [ɛ̃j̃], por item lexical* 74

Gráfico 8 - *Distribuição das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo I (N=32) para a prova de pseudopalavras* 75

Gráfico 9 - *Distribuição das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo I, por estímulo apresentado, na prova de pseudopalavras* 77

Gráfico 10 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo II (N=32) na prova de palavras* 80

Gráfico 11 - *Distribuição das médias frequências relativas das respostas (n=96), por formato de ditongo no plural das palavras no paradigma [ɛ̃w̃], no Grupo II (N=32)* 82

Gráfico 12 - *Distribuição das médias das frequências relativa das respostas (n=96), por item lexical para o paradigma [ɛ̃w̃], no Grupo II (N=32)* 83

Gráfico 13 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II no paradigma [õj̃] (N=32)* 85

Gráfico 14 - *Distribuição das médias frequências relativas das respostas (n=96), por item lexical incluídos no paradigma [õj̃], do Grupo II (N=32)* 86

Gráfico 15 – *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II(N=32), no paradigma [ɛ̃j̃]* 87

Gráfico 16 - *Distribuição de frequências relativas dos itens lexicais incluídos no paradigma [ɐ̃ʃ] para o Grupo II* 88

Gráfico 17 – *Distribuição geral das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II (N=32) na prova de pseudopalavras* 89

Gráfico 18 - *Distribuição das frequências relativas, por item, na prova de pseudopalavras no grupo II (N=32)* 90

Gráfico 19 - *Distribuição da média das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III (N=34) para s produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õʃ] e [ɐ̃ʃ]* 93

Gráfico 20 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III, no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]* 96

Gráfico 21 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas(n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], por item lexical* 97

Gráfico 22 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [õʃ]* 98

Gráfico 23 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [õʃ], por item lexical* 99

Gráfico 24 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [ɐ̃ʃ]* 100

Gráfico 25 - *Distribuição dos resultados no paradigma [ɐ̃ʃ], por item lexical, no Grupo III* 101

Gráfico 26 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III para a prova de pseudopalavras* 102

Gráfico 27 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III para a prova de pseudopalavras, por item apresentado* 103

Gráfico 28 - *Distribuição da média das frequências relativas das respostas (n=288)das produções dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õʃ] e [ɐ̃ʃ] no Grupo IV (N=32)* 106

Gráfico 29 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo III no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]* 108

Gráfico 30 - *Distribuição das médias das frequências das respostas (n=96) relativas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], por item lexical, no Grupo IV* 109

Gráfico 31 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV no paradigma [õ ʃ/]* 110

Gráfico 32 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV, por item lexical no paradigma [õ ʃ/]* 112

Gráfico 33 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV no paradigma [ɐ̃ ʃ/]* 113

Gráfico 34 - *Distribuição das médias das frequências relativas do Grupo IV, por item lexical, no paradigma [ɐ̃ ʃ/]* 115

Gráfico 35 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas globais (n=288) do Grupo IV para a prova de pseudopalavras* 116

Gráfico 36 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo IV na prova de pseudopalavras, por item apresentado* 118

Gráfico 37 – *Comparação das médias das frequências relativas globais (independentemente do alvo) das respostas (n=1170) dadas pelas crianças de cada grupo* 121

Gráfico 38 – *Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) nos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [ɐ̃ w̃/]* 122

Gráfico 39 - *Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [õ ʃ/]* 123

Gráfico 40 - *Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dadas pelas crianças dos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [ɐ̃ ʃ/]* 124

Gráfico 41 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV no paradigma [ɐ̃ w̃/]* 126

Gráfico 42 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV no paradigma [õ ʃ/]* 127

Gráfico 43 - *Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV no paradigma [ɐ̃ ʃ/]* 128

Gráfico 44 – *Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=1170) dos Grupos I, II, III e IV na prova de pseudopalavras* 130

Índice de Quadros

Quadro 1 – *Preservação da última vogal teórica do radical nas formas flexionadas do plural e em formas derivadas* 29

Quadro 2 – *Dados sócio-demográficos da amostra relativos a idade e sexo* 48

Quadro 3 – *Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo I na variável sexo (N=32)* 49

Quadro 4 – *Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo II na variável sexo (N=32)* 49

Quadro 5 – *Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo III na variável sexo (N=34)* 50

Quadro 6 - *Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo IV na variável sexo (N=32)* 50

Quadro 7 – *Palavras-alvo incluídas na prova de formação do plural, através de prova de nomeação e possibilidades de realização de plural, tendo em consideração os três formatos possíveis.* 51

Quadro 8 - *Palavras e distractores e respectiva fonte bibliográfica* 52

Quadro 9 – *Apresentação das pseudopalavras e sua transcrição fonética, por tipologia do estímulo* 53

Quadro 10 - *Datas de recolha em jardins-de-infância e escola* 56

Quadro 11 – *Frequência de ocorrência na língua das palavras usadas na prova* 60

Quadro 12 – *Ordenação crescente das palavras incluídas na prova por frequência de ocorrência de lemas e formas na língua* 61

Quadro 13 – *Outras respostas apresentadas pelas crianças do Grupo I* 66

Quadro 14 - *Outras produções registadas nas palavras incluídas no paradigma das palavras terminadas em [õ ʃ̃ʃ]* 70

Quadro 15 - *Descrição das produções conformes ao alvo – paradigma [ɐ̃ ʃ̃ʃ]* 72

Quadro 16 - *Selecção de [õ ʃ̃ʃ] como alternativa ao alvo* 73

Quadro 17 - *Outras produções realizadas pelas crianças no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ ʃ̃ʃ]* 73

Quadro 18 - *Produções residuais do Grupo I na prova de pseudopalavras* 75

Quadro19 – *Outras respostas apresentadas pelo Grupo II para a prova de palavras* 80

Quadro 20 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]* 84

Quadro 21 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [õʒʃ]* 85

Quadro 22 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ʒʃ]* 87

Quadro 23 - *Produções residuais do Grupo II na prova de pseudopalavras* 89

Quadro 24 – *Outras respostas do Grupo III para a prova de palavras* 94

Quadro 25 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]* 96

Quadro 26 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [õʒʃ]* 98

Quadro 27 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ʒʃ]* 100

Quadro 28 - *Produções residuais do Grupo III na prova de pseudopalavras* 103

Quadro 29 - *Outras respostas do Grupo IV para a prova de palavras* 106

Quadro30 – *Selecção de [ɐ̃ʒʃ]como alternativa ao alvo* 108

Quadro31 – *Outras respostas dadas pelas crianças do Grupo IV para as palavras do paradigma [ɐ̃w̃ʃ]* 109

Quadro 32 – *Formas desviantes usadas pelas crianças do Grupo IV para os itens incluídos no paradigma das palavras terminadas em [õʒʃ]* 111

Quadro 33 – *Outras respostas dadas pelas crianças do Grupo IV para o paradigma [õʒʃ]* 111

Quadro 34 - *Outras respostas apresentadas pelo Grupo IV para as palavras do paradigma [õʒʃ]* 113

Quadro 35 – *Outras respostas apresentadas pelas crianças do Grupo IV para as palavras do paradigma [ɐ̃ʒʃ]* 114

Quadro 36 - *Produções residuais do Grupo IV na prova de pseudopalavras* 117

Índice de Figuras

Figura nº1 – *Representação silábica de cães* 19
Figura nº2 – *Representação silábica da sílaba pa na palavra pato* 33
Figura nº 3 – *Representação da sílaba pas na palavra pasto* 34
Figura nº 4 – *Representação da sílaba pau na palavra pauta* 34
Figura nº 5 – *Imagem representativa do singular* 55
Figura nº 6 – *Imagem representativa do plural* 55
Figura nº 7 – *Patamares de frequência* 59

Lista de Abreviaturas

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

Cd – Coda

G – Glide

Nu – Núcleo

PE – Português Europeu

R – Rima

V – Vogal

Lista de símbolos fonéticos usados (Cf. Alfabeto Fonético Internacional)

Vogais Orais

[ɐ] - p**á**

[ɐ] - p**a**ra

[ɛ] - **e**rva

[e] – p**ê**ra

[ɨ] – m**e**nino

[i] - **i**rmã

[ɔ] - **o**vos

[o] - **o**lho

[u] – **u**va

Semivogais (glides) orais

[j] - vai

[w] – mau

Semivogais (glides) nasais

[j̃] - vai

[w̃] – mau

Consoantes

[p] - **p**ai

[b] - **b**ola

[t] - **t**eu

[d] - **d**ado

[k] - **c**aixa

[g] - **g**ola

[f] - **f**ita

[v] - **v**ida

[s] - **s**ala

[ʃ] - **x**aile

[ʒ] - **j**anela

[m] - **m**edo

[n] - **n**ada

[ɲ] - le**nh**a

[l] - **l**ua

[ɫ] - me**l**

[ʎ] - ve**lh**o

[ɾ] - ti**r**o

[ʀ] - **r**ato

Introdução

Pretende-se, com a presente investigação, contribuir para o estudo da aquisição de aspectos morfofonológicos relacionados com a formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃]. É descrito o comportamento verbal de crianças portuguesas entre os 3 e os 6 anos de idade, fornecendo-se, assim, uma perspectiva transversal do modo como estas crianças adquirem a estrutura linguística em foco. Os resultados disponibilizados na presente tese são de utilidade para terapeutas da fala, educadores de infância, professores de 1º Ciclo do Ensino Básico e linguistas, que os poderão usar como valores de referência para o estudo e a estimulação do desenvolvimento linguístico associado à formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal, estrutura que envolve a interacção de aspectos fonológicos, morfológicos, sintácticos e lexicais.

A linguagem desenvolve-se de uma forma espontânea, não requerendo um ensino explícito. Não é necessário ensinar às crianças quais as regras que governam, por exemplo, a ordem dos sons numa palavra ou o tipo de frases que podem ou não dizer (Guasti, 2002). Aos três anos, pode considerar-se que as crianças adquiriram já as características principais do sistema-alvo e são capazes, por exemplo, de usar ordens de palavras adequadas à língua-alvo (Guasti, 2002). O processo de aquisição não é instantâneo e algumas aquisições carecem de consolidação do conhecimento que as crianças vão acumulando. Estruturas que requerem uma maior consolidação são de aquisição mais tardia e estruturas que não necessitem de tanta consolidação, eventualmente menos complexas, estabilizam mais cedo, sendo de aquisição mais precoce (Gonçalves, Guerreiro e Freitas, *no prelo*). Neste último caso, está incluído o processo de formação do plural nos nomes, que, na aquisição do Português Europeu (PE), pode emergir antes dos 2 anos (Freitas, 1997, Freitas, Miguel e Faria, 2001).

Tendo como referência os aspectos acima mencionados, e considerando a escassez de dados para o PE relativamente à aquisição da estrutura que pretendemos analisar (aquisição do plural dos nomes terminados em ditongo nasal), desenvolvemos o projecto de investigação subjacente à presente tese, que se encontra dividida em três capítulos principais:

No primeiro capítulo, será apresentado o enquadramento teórico, onde serão descritas as propriedades fonológicas e morfológicas do PE envolvidas na formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃]. Relativamente aos aspectos fonológicos, apresentar-se-á uma revisão bibliográfica sucinta de aspectos relacionados com a descrição das estruturas implicadas na marcação do plural do tipo de palavras em foco (Rima ramificada, com Núcleo ramificado ([ɐ̃w̃],[ɐ̃j̃] e [õj̃]) e Coda [ʃ]). No que diz respeito aos aspectos morfológicos, serão descritos os três tipos de plurais possíveis para nomes terminados em [ɐ̃w̃] existentes em PE. Apresentar-se-ão quer as diferentes descrições incluídas nas gramáticas tradicionais relativamente aos vários paradigmas de formação do plural, com enfoque nos ditongos nasais (nomeadamente as que se prendem com a etimologia destas palavras), quer as análises morfofonológicas da formação de plurais realizadas por alguns dos autores que se têm dedicado ao estudo desta estrutura. Finalmente, far-se-á referência ao desenvolvimento fonológico e morfológico em nomes no plural, onde se dará conta dos dados disponíveis na literatura sobre a estrutura em estudo.

O segundo capítulo tratará dos *Aspectos Metodológicos* utilizados para desenvolver a presente investigação. Neste capítulo, serão apresentados a questão de investigação, as hipóteses e os objectivos e será definido o tipo de estudo levado a efeito. Neste capítulo, tratar-se-á ainda da caracterização da amostra e apresentar-se-á a construção do instrumento para a recolha de dados, referindo-se os procedimentos adoptados durante a recolha. Por último, será ainda feita referência ao tratamento dos dados, sendo de referir aspectos de natureza estatística e critérios utilizados na análise dos dados (frequência de ocorrência das palavras usadas na língua e definição de escala de aquisição de estruturas linguísticas).

No terceiro capítulo, apresentar-se-ão os resultados obtidos pelas crianças que participaram neste estudo. Os resultados serão apresentados por grupo etário (num total de quatro grupos), sendo sempre feita uma primeira referência aos resultados globais (independentemente do alvo), por grupo, seguindo-se uma apresentação dos resultados por paradigma ([ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]); finalmente, é feita a apresentação da prestação de cada grupo por item lexical. O terceiro capítulo incluirá ainda com a discussão dos resultados, onde serão comparados os resultados obtidos para as quatro faixas etárias

estudadas e debatidas as hipóteses formuladas no segundo capítulo. Por fim, serão apresentadas algumas considerações finais ao estudo.

1. Enquadramento Teórico

No presente capítulo, procede-se a uma revisão bibliográfica relativa a três aspectos específicos relacionados com o projecto de investigação inerente a esta tese: i) descrição das propriedades fonológicas (1.1.1.) e morfológicas (1.1.2.) do PE envolvidas na formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal; ii) caracterização do desenvolvimento fonológico (1.2.1) no que se refere quer à aquisição do segmento envolvido na formação do plural ([ʃ]), quer à aquisição da estrutura silábica inerente ao ditongo nasal nas formas do plural, ou seja, o constituinte *Rima ramificada*, com destaque para os constituintes *Núcleo ramificado* (ditongo) e *Coda* ([ʃ]); iii) caracterização de alguns aspectos do desenvolvimento relativo à morfologia flexional, inerente à formação dos plurais dos nomes terminados em [ɐ̃w̃] (1.2.2.).

1.1.Propriedades do Português Europeu relativas aos ditongos nasais

Nesta secção, serão descritos aspectos relativos à complexidade morfofonológica inerente à estrutura do PE em estudo, isto é, os diferentes ditongos nasais envolvidos na formação do plural dos nomes terminados em [ɐ̃w̃].

1.1.1. Propriedades fonológicas

Neste ponto, daremos conta dos aspectos fonológicos envolvidos na formação do plural de nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃].

Em termos fonológicos, os ditongos nasais decorrentes da formação de plurais de nomes terminados em [ɐ̃w̃] são Rimas ramificadas, constituídas por:

(i) um Núcleo ramificado, que domina o ditongo;

(ii) uma Coda, que domina uma fricativa coronal fonológica (representada nesta tese, de forma simplificada, por ([ʃ]), o seu alofone mais frequente).

Veja-se, em (1), a representação da estrutura interna de uma sílaba[1] do tipo supramencionado.

[1] Para a definição de sílaba de acordo com o Modelo de *Ataque-Rima* aqui adaptado (Selkirk, 1984), consulte-se Mateus e Andrade (2000), Mateus *et al.* (2003), Mateus *et al.* (2005).

(1) *Representação da sílaba de [kɐ̃jʃ]*

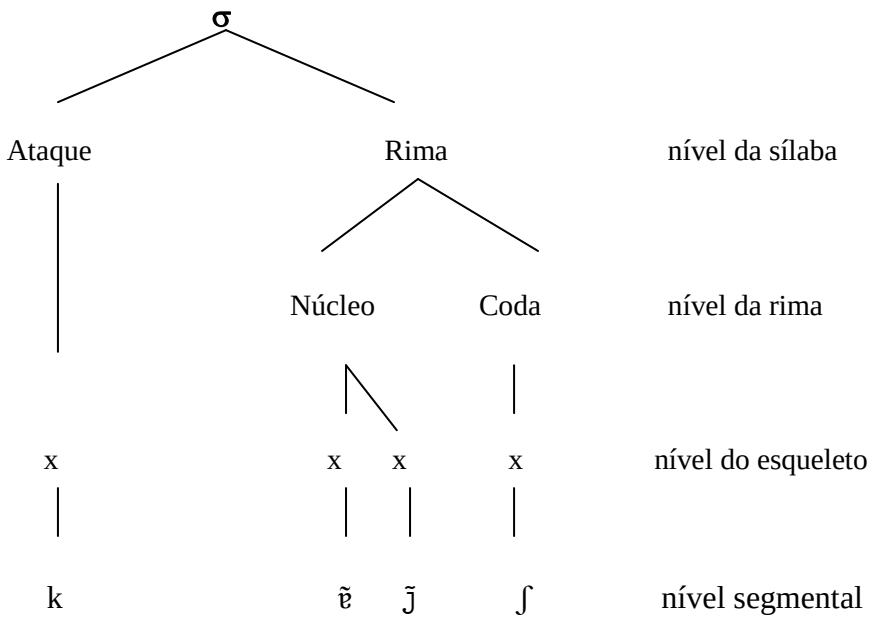


Figura nº1 – Representação silábica de *cães.*

No que se refere ao ditongo [ɐ̃w̃], este constitui um Núcleo ramificado; a formação do plural de nomes com esta terminação implica a presença de Coda.

Um ditongo nasal é uma estrutura fonética que, no PE, decorre de uma estrutura fonológica oral; a nasalidade é fonologicamente representada como um autossegmento nasal associado ao nó *Núcleo*, que se espraia sobre todos os segmentos desse Núcleo (vogal e semivogal), na estrutura fonética (Andrade, 1994; Mateus e Andrade, 2000). Segundo os autores anteriormente citados, os ditongos nasais constituem um argumento a favor de que os dois membros de um ditongo decrescente são parte do Núcleo da sílaba, já que ambos apresentam o traço de nasalidade, difundido no domínio do nó *Núcleo*.

Os ditongos nasais ocorrem, em PE, no nível fonético com bastante frequência, já que estes estão presentes na formação da terceira pessoa do plural dos verbos, em formas do paradigma nominal e em advérbios (e.g. *cantam*, *limão*, *não*). Os ditongos nasais são genericamente identificados em sílabas acentuadas ou pós-acentuadas, sempre em

posição final de palavra. (Mateus e d'Andrade, 2000:46, 47; Mateus, 2003). Seguem-se exemplos de ditongos nasais no PE, de acordo com Mateus e d'Andrade (2000:48):

(2) *Exemplos de ditongos nasais no PE*

a) em posição de sílaba acentuada

mãe [mɐ̃́j̃]

refém [Rɨfɐ̃́j̃]

compõe [kõpṍj̃]

mão [mɐ̃́w̃]

b) em posição de sílaba pós-acentuada

prendem [pɾɛ́dɐ̃j̃]

falam [fálɐ̃w̃]

homem [ɔ́mɐ̃j̃]

sótão [sɔ́tɐ̃w̃]

Cabe nesta última categoria a formação da terceira pessoa do plural nos verbos. Na categoria (2.a), entram as formas do paradigma nominal terminados em [ɐ̃w̃] e estudadas nesta tese (*e.g. irmão, limão, capitão*).

Observemos, em (3), as glides nasais que integram ditongos nasais em PE (Cf. Mateus, 2003:994):

(3) *Glides nasais*

a) [j̃]

[ɐ̃́j̃], como em *mãe*

[ṍj̃], como em *põe*

[ṹj̃], como em *muito*

b) [w̃]

[ɐ̃́w̃], como em *mão*

Como se poderá verificar na revisão bibliográfica apresentada na secção 1.1.2, os ditongos nasais envolvem o processamento de aspectos fonológicos e morfológicos, o que contribui para o seu grau de complexidade no sistema.

1.1. Propriedades morfofonológicas

Nesta secção, far-se-á referência a aspectos morfofonológicos envolvidos na formação do plural, estando a mesma organizada da seguinte forma: i)apresentação de alguns conceitos relativos à estrutura morfológica das palavras do paradigma nominal; ii) apresentação das perspectivas das gramáticas tradicionais relativamente à formação do plural dos nomes terminados em [ẽw̃]*;* iii) apresentação das análises morfofonológicas das palavras terminadas em [ẽw̃].

Em função da categoria sintáctica das palavras, assim se observam diferentes tipos de constituência morfológica. Desta forma, por exemplo, distingue-se a flexão verbal da nominal, já que os nomes variam em grau e em número e os verbos variam em tempo-modo-aspecto e em pessoa-número.

No paradigma nominal, a estrutura básica de uma palavra é constituída por radical, seguido de marcador de classe ou de género, a que se segue o marcador de número (flexão): /(prefixo)+radical+(sufixo(s))+marcador de classe+marcador de número/ (Duarte, 2000). A flexão é, de acordo com Villalva (2003: 926), "*o processo morfológico de formação de palavras que se caracteriza pela sua obrigatoriedade e sistematicidade*". Neste sentido, "*se dada categoria de palavras é flexionável numa dada categoria morfossintáctica (por exemplo, os adjectivos flexionam em número), então todas as palavras pertencentes a essa categoria sintáctica são flexionáveis na referida categoria morfossintáctica (i.e. todos os adjectivos flexionam em número)*". Contudo, a realização da flexão apenas varia de acordo com subclasses morfológicas identificadas no domínio da categoria de palavras em questão. A flexão nominal abarca nomes e adjectivos que realizam a categoria morfossintáctica de número, sendo que este possui dois valores (singular e plural). O singular caracteriza-se por uma categoria vazia na representação da palavra; o plural é normalmente marcado por uma fricativa coronal em final de palavra. Genericamente, nomes e adjectivos apresentam formas distintas

para ambos os valores, no entanto, existem nomes que aparentemente não apresentam flexão para o valor de plural, como no caso dos nomes próprios (*e.g. Luísa, Filipe*) (Villalva, 2003: 927).

No caso dos nomes próprios, estes podem ser flexionados, mas deixam de possuir as características associadas à categoria a que pertencem (e.g. *Marias, Filipes*), passando a referir entidades que partilham um conjunto de propriedades, como seja uma família ou uma mera conjunção de pessoas com o mesmo nome próprio (Villalva, 2003, Villalva, 2008). De acordo com Duarte e Oliveira (2003:212-215), os nomes próprios são sempre "*um designador de um único objecto identificado pertencente à classe dos objectos do universo de referência relativo a um dado discurso*". Os nomes próprios plurais não podem ocorrer no singular, mas os nomes próprios singulares, se ocorrerem no plural, deixam de funcionar como nomes próprios, passando a designar:

(i) uma parte plural (ou a parte plena) do conjunto de indivíduos designados pelo nome em questão;
(ii) (uma parte de) um conjunto de obras do indivíduo designado pelo nome em questão;
(iii) indivíduos ou situações com características semelhantes às do objecto designado pelo nome em questão, que deve ser sempre saliente socioculturalmente

Os nomes comuns designam um referente comum e, quando flexionados, passam a designar um conjunto de indivíduos.

Nas várias tipologias de classificação do plural dos nomes, e apesar de se verificarem algumas diferenças entre autores, em todas é possível identificar a criação de uma classe específica relativa ao paradigma dos nomes terminados em [ɐ̃ w̃]. Assumindo, nesta tese, a tipologia de Andrade (1977), fazemos a sua transcrição em (4):

(4) Tipologia de Andrade (1977:24)[2]

I.	livro	[lívɾu]	livros	[lívɾuʃ]
II.	mar	[máɾ]	mares	[máɾ(ɨ)ʃ]
III.	lápis	[lápiʃ]	lápis	[lápiʃ]
IV.	canil	[kɐníl]	canil	[kɐníʃ]
V.	mão	[mɐ̃w̃]	mãos	[mɐ̃w̃ʃ]
	avião	[ɐviɐ̃w̃]	avião	[ɐviõjʃ]
	pão	[pɐ̃w̃]	pães	[pɐ̃jʃ]

Em I, encontra-se a maior parte das palavras do sistema nominal do PE, que segue a regra: à forma do singular, acrescente-se uma fricativa coronal. Em II, por razões de natureza silábica, é inserido um [ɨ] entre a última consoante do radical e o morfema de plural, que preenche o Núcleo vazio criado pela adjunção da fricativa coronal (/ɾ+∅+s//→ [ɾɨʃ]). Em III, a sequência constituída pela fricativa final do radical e pelo marcador de plural (/s+∅+s/ →[ʃ]) implica a não alteração da forma do plural relativamente ao singular, por activação do processo fonológico de simplificação de consoantes geminadas em PE. Em IV, por razões de natureza silábica, a lateral semivocaliza, após a adjunção do marcador do plural (/Vl+∅+s/ →V[jʃ]). Em V, a forma do singular [ɐ̃w̃] corresponde a três formatos possíveis no plural [ɐ̃w̃ʃ], [õjʃ] e [ɐ̃jʃ]; várias análises têm sido propostas para a formação do plural destas estruturas, de que se dará conta a seguir.

A aparente assistematicidade que ocorre na formação dos plurais em PE decorre de alternâncias fonéticas condicionadas por determinados contextos fonológicos, como é o caso das palavras do tipo V (*mão/mãos, cão/cães, leão/leões*) ou do tipo IV (*papel/papéis, jornal/ jornais*) (Morales-Front, 1997, Villalva, 2003). Na verdade, e como referido por Andrade (1977), a regra de formação do plural no paradigma nominal é só uma (*acrescente-se uma fricativa coronal à forma do singular*), decorrendo as assimetrias entre tipos de formação do plural de processos fonológicos que alteram a estrutura fonética das palavras. A categoria sintáctica, assim como as propriedades

[2] Com adaptação dos símbolos [∧] a [ɐ] e [ə] a [ɨ]

morfológicas adstritas aos itens lexicais, podem activar processos fonológicos, factor que evidencia a relação entre os domínios fonológico e morfossintáctico da gramática (Villalva 2008, entre outros). A adjunção da fricativa coronal que marca o plural espoleta processos fonológicos que conferem complexidade morfofonológica aos nomes terminados em ditongo nasal, como se verá na síntese abaixo. Tendo em consideração a complexidade inerente a estas estruturas, vários autores se têm debruçado sobre a temática e proposto diversas análises. De forma a ilustrar a complexidade inerente ao paradigma V, descreveremos abaixo algumas das diferentes análises propostas pelos diversos autores.

As gramáticas

Várias gramáticas (Vázquez Cuesta e Luz, 1971; Vasconcelos, 1966; Teyssier, 1980; Cunha e Cintra, 1996), consideradas históricas e tradicionais, se têm debruçado sobre a flexão nominal. Em todos os casos é mencionado que, genericamente, o plural se forma a partir da adjunção do sufixo *–s* à forma do singular.

De acordo com Cunha e Cintra (1996), a maioria dos substantivos terminado em *-ão* muda a sua terminação, no plural, para *-ões* (e.g. *balão/balões, botão/botões*), estando incluídos neste conjunto todos os aumentativos (e.g. *amigalhão/amigalhões, espertalhão/espertalhões*). No que diz respeito à formação de *–ão* para *–ães*, apenas um número reduzido o faz desta forma (e.g. *alemão/alemães, cão/cães*), sendo que apenas uma pequena parcela de oxítonos em *–ão* e todos os paroxítonos em *–ão* realizam o plural do ditongo nasal acrescentando apenas a marca morfológica de plural *–s* (e.g. *cidadão/cidadãos, cristão/cristãos, acórdão/acórdãos, órfão/órfãos*), estando aqui incluídos os monossílabos tónicos *chão, grão, mão, vão*.

Para alguns dos substantivos terminados em ditongo nasal, não existe ainda uma formação de plural definitivamente fixada, mas, de acordo com os autores, evidencia-se uma preferência dos falantes pela formação mais produtiva (terminação em *-ões*) (e.g. *alazão→alazões/alazães, aldeão→aldeões/aldeãos/aldeões, anão→anões, anães*) (Cunha e Cintra, 1996, Cuesta e Luz, 1971).

Conforme Vasconcelos (1966:131), Vázquez Cuesta e Luz (1971:247-248, 374-375) e Tyessier (1980: 45-47), citados por Veloso (2005: 236), a justificação da irregularidade

dos plurais de nomes e adjectivos terminados em *–ão* dependeria da origem etimológica da palavra. De acordo com esta perspectiva diacrónica, a origem das diferenças na formação dos plurais dos nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃] decorre dos étimos das palavras latinas (presença de /a/ ou de /o/); as palavras que formam o plural em [ɐ̃w̃ʃ] derivam de um étimo terminado em *–ANU (MANU* > [ˈmɐ̃w̃ʃ]) (em *5.a*); as que formam o plural em [ɐ̃j̃ʃ] provêm de um étimo terminado em *–ANE (CANE* > [ˈkɐ̃j̃ʃ]) (*5.b*)); as palavras que formam plural em [õj̃ʃ] derivam de um étimo terminado em *–ONE (DEVOTIONE* > [dɨvuˈsõj̃ʃ]) (*5.c*)) (Vázquez Cuesta e Luz, 1971; Cunha e Cintra, 1996, Villalva, 2008).

(5) *Diferenças na formação dos plurais dos nomes terminados em [ɐ̃w̃]*

a) *-ão* para *-ãos* resulta da correspondência latina *–anum/-anos*, de onde derivam palavras como *mão- mãos*, a partir de *"manum-manos";*
b) *–ão* para *–ães* resulta da correspondência latina *–anem/-anes*, de onde derivam palavras como *cão- cães*, a partir de *"canem- canes";*
c) *–ão* para *–ões* resulta da correspondência latina *–onem/-ones*, de onde derivam palavras como *leão- leões*, a partir de *"leonem-leones";*

As análises morfofonológicas

Como refere Veloso (2005:326), as justificações diacrónicas são insuficientes, já que é possível encontrar uma série de casos não explicados por este tipo de análise, como é o caso da preferência pela formação *–ões*, independentemente da origem latina, ou a possibilidade de ocorrência das três possibilidades de plural para uma única forma de singular.

Morais Barbosa (1965/1983: 211; 1994) descreve globalmente o sistema fonológico do PE, numa perspectiva funcionalista. Nesta análise, faz referência ao *monema*[3] *de significado "plural"*, referindo que o mesmo pode apresentar diferentes significantes: i) segmentáveis (como /S/ ou /eS/, em *gatos* ou *pastores*, respectivamente); ii) não segmentáveis, amalgamados com o significante do substantivo. No caso dos nomes terminados em /awN/, o autor considera que o plural se forma apenas pela presença do

[3] Unidade mínima significativa (Cf. Martinet, 1976)

significante /S/, como no caso de *mãos*, ou amalgamado com o do substantivo, como em *cães* e *limões*).

Em Mateus (1975/1982) e em Andrade (1977), é também considerado que, em termos sincrónicos, as diferenças fonéticas existentes nas estruturas estudadas nesta tese derivam das diferentes vogais no final do radical e no marcador de plural.

(6) *Exemplos das estruturas em estudo*

irmão	[iɾmɐ̃w̃]	irmãos	[iɾmɐ̃w̃ʃ]
alemão	[ɐlɨmɐ̃w̃]	alemães	[ɐlɨmɐ̃j̃ʃ]
ladrão	[ladɾɐ̃w̃]	ladrões	[ladɾõj̃ʃ]

As alterações fonéticas da formação do plural decorrem de: a) qualidade da última vogal do radical /a/ ou /o/; b) da qualidade do marcador de classe (/u/ ou /e/) (Mateus 1975/82; Andrade 1977): /irman+u+s/ /patron+e+s/ /kan+e+s/[4].

Mais recentemente, Mateus *et al.* (2003: 1019, 1020) apresentam a seguinte proposta de análise para a formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal:

(7) *Proposta de Mateus et al.(2003)*

(a) irmão [iɾmɐ̃w̃]→irmãos [iɾmɐ̃w̃ʃ]

Em estrutura de base, *irmão* é formado por /irma [+nasal]+o/, sendo o ditongo /ɐ̃w̃/ formado pela vogal do radical (nasalizada por assimilação do traço de nasalidade) e pelo índice temático[5] /o/ (realizado como uma glide nasalizada [w̃], devido à precedência da vogal nasal). A esta terminação associa-se o sufixo de plural *–s*, assumindo uma palatalização pós-lexical, realizando-se foneticamente como [iɾmɐ̃w̃ʃ].

[4] Cf. Andrade 1977: 34; Mateus (2003: 49, 50)

[5] *Índice temático* refere-se à natureza fonética do constituinte temático nos nomes e adjectivos (veja-se Villalva, 2003), que corresponde às designações de marcador de classe ou de género.

(b) alemão [ɐlɨmɐ̃w̃]→ alemães [ɐlɨmɐ̃j̃ʃ]

Neste caso, *alemão* é formado por /alemã [+nasal]/ (sem índice temático), sendo a vogal final do radical acentuada, nasalizada por assimilação do traço nasal e realizada foneticamente como [ɐ̃]. Posteriormente, forma-se o ditongo [ɐ̃j̃], através da inserção da glide [j̃] ([-recuada] e nasalizada) e do sufixo do plural, gerando-se a forma [ɐlɨmɐ̃j̃ʃ].

(c) ladrão [lɐdɾɐ̃w̃] →ladrões [lɐdɾõj̃ʃ]

A estrutura de base de *ladrão* é formada a partir de /ladɾo [+ nasal/] (sem índice temático), sendo a vogal final do radical acentuada e nasalizada por assimilação do traço nasal, realizando-se como [õ]; inserida a glide [-recuada], que nasaliza, por interferência da vogal nasal [j̃], para formação do ditongo. Após a junção do sufixo do plural, resulta a forma fonética do plural [lɐdɾõj̃ʃ].

Note-se que a análise de Mateus *et al.* (2003), a proposta de ausência de índice temático em [ɐlɨmɐ̃j̃ʃ] e [lɐdɾõj̃ʃ] é semelhante à da análise de Morale-Front e Holt (1997).

A partir da análise de Mateus *et al.* (2003), é possível constatar que a diferença entre as formas do plural provém de dois processos distintos. Se por um lado, a diferença ao nível da qualidade da vogal final do radical interfere no formato da terminação no plural, a ausência de índice temático, no segundo e no terceiro casos, tem, por outro lado, a sua influência na formação destas estruturas.

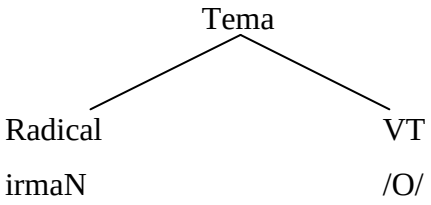
Veloso (2005) apresenta uma outra proposta de organização da estrutura interna dos nomes com singular terminado em [ɐ̃w̃]. O autor, com base nas propostas anteriormente apresentadas, assume que as vogais nasais presentes nestas estruturas são interpretadas, do ponto de vista fonológico, como uma vogal oral seguida de um segmento nasal teórico[6], representadas como /aN/ e /oN/. Assume, ainda, nesta proposta, a presença de uma vogal teórica (VT) do radical, que apresenta duas possibilidades de realização. Partindo destes pressupostos, o autor distingue as três formas de singular que resultam nas diferentes formações do plural para os nomes terminados em [ɐ̃w̃].

[6] Ou autossegmento nasal, ou ainda segmento flutuante (Andrade, 1994, Mateus e d'Andrade, 2000)

i) Palavras com VT *–o* (/O/)

Nas palavras com VT *–o,* o plural formar-se-á em [ɐ̃w̃ʃ], uma vez que à última vogal do radical flexionado /a/, cujo tema teórico é /ANO/, se irá juntar o morfema de plural.

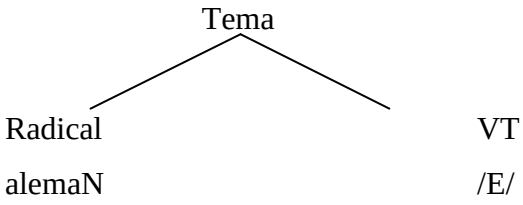
(8) *Exemplo irmão*



ii) Palavras com VT *–e* (/E/)

As palavras com VT *–e* apresentarão uma terminação do plural em [ɐ̃ʃ], resultante da adjunção da última vogal do radical flexional: /a/ à última VT do tema teórico /aNE/.

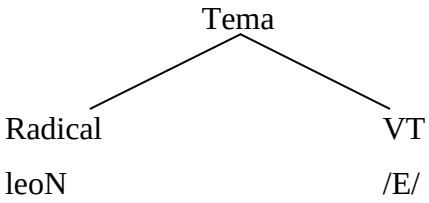
(9) *Exemplo alemão*



iii) Palavras com VT *–e* (/E/)

As palavras com VT *–e* que formam o plural a partir de um radical flexional cuja última vogal é /o/, decorrente de um tema teórico em /oNE/, formarão o plural em [õʃ].

(10) *Exemplo leões*



É considerado, na análise de Veloso (2005), que, nas formas derivadas, ao nível de superfície, é preservada a forma teórica da última vogal do radical.

No *Quadro 1*, são apresentados alguns exemplos referidos por Veloso (2005) como um argumento a favor de que nas formas derivadas é preservada na estrutura de superfície, a forma teórica da última vogal do radical.

Quadro 1 – Preservação da última vogal teórica do radical nas formas flexionadas do plural e em formas derivadas

Forma teórica do tema nominal	**Formas do masculino**	**Formas derivadas com preservação da última vogal do radical**
1.Palavras com tema teórico em /aNO/		
irm**a**NRadical+OVT	irmão – irm**ã**os	irm**a**ndade; irm**a**nar
cidad**a**NRadical+OVT	cidadão – cidad**ã**os	cid**a**dania
crist**a**NRadical+OVT	cristão – crist**ã**os	crist**a**ndade
2. Palavras com tema teórico em /aNE/		
p**a**NRadical+EVT	pão – p**ã**es	p**a**nificação
c**a**NRadical+EVT	cão – c**ã**es	C**a**nino
capt**a**NRadical+EVT	capitão – capit**ã**es	capit**a**nia
3. Palavras com tema teórico em /oNE/		
ser**o**NRadical+EVT	serão – ser**õ**es	Ser**o**ar
ladr**o**NRadical+EVT	ladrão – ladr**õ**es	ladr**o**agem
le**o**NRadical+EVT	leão – le**õ**es	le**o**nino

Quadro 1(Fonte: Veloso, 2005:331)

Ao analisar estas estruturas, Veloso (2005) verifica que a irregularidade demonstrada nos nomes terminados em [ẽw̃] se deve às palavras com VT-*e*, uma vez que não há correspondência directa com as formas teóricas dos radicais e temas correspondentes. O autor refere mesmo "*trata-se, com efeito, de uma terminação (…) é morfologicamente*

inanalisável, na medida em que não permite, no seu interior a marcação de fronteiras entre constituintes morfológicos importantes como o radical e a VT." (Veloso, 2005:333), remetendo para factores históricos e de variação dialectal as causas desta irregularidade. Assim, o autor assume uma posição contrária à descrita tradicionalmente, não aceitando estes plurais como formas excepcionais.

Em Villalva (2008:166), assume-se a complexidade fonológica e diacrónica inerente ao plural das palavras terminadas em *–ão*. Considerem-se os exemplos abaixo, retirados de Villalva (2008):

(11) *Plural das palavras terminadas em –ão*

a.	*man*$_{RN}$	*manual*	
	mão$_{RN}$	*mão, mãos*	
	man]$_{RN}$ *o*]$_{TN}$	*mano*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	*mano*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
	mão]$_{RN}$]$_{TN}$	*mão*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	*mão*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
		[ˊmɐ̃w̃]	[ˊmɐ̃w̃ʃ]
b.	*can*$_{RN}$	*canil*	
	cão$_{RN}$	*cão*	
	cãe$_{RN}$	*cães*	
	can]$_{RN}$ *ø*]$_{TN}$	*canø*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	*canø*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
	cão]$_{RN}$]$_{TN}$	*cão*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	*cãe*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
		[ˊkɐ̃w̃]	[ˊkɐ̃j̃ʃ]
c.	*león*$_{RN}$	*leonino*	
	leão$_{RN}$	*leão*	
	leõe$_{RN}$	*leões*	
	leon]$_{RN}$ *ø*]$_{TN}$	*leonø*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	*leonø*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
	leão]$_{RN}$]$_{TN}$	*leão*]$_{TN}$ [ ] [- plu]]$_{N}$ [-plu]	leõ*e*]$_{TN}$ [s] [+ plu]]$_{N}$ [+plu]
		[ˊljɐ̃w̃]	[ˊljõj̃ʃ]

A autora refere que as palavras que formam o plural em *–ãos* (por adjunção do sufixo *–s*) são formadas a partir de radicais atemáticos que dispõem de dois ou mais alomorfes. O caso referido em (11.a) diz respeito às palavras terminadas em [ɐ̃w̃], de origem latina com terminação em *-ANU* e que formam o plural da forma esperada (acrescente-se um *–s* à forma de singular). Nos casos (11.b) e (11.c), os radicais das palavras apresentadas são radicais de tema *-ø*, resultante de processos de neutralização que conferem à forma do singular a actual configuração fonética. Conforme mencionado pela autora, esta descrição não abrange todos os casos dos nomes terminados em [ɐ̃w̃] no PE, uma vez que se registam situações que não cumprem a formação esperada, tais como *limão* e *capitão (capitão* provém do latim tardio (CAPITANUS) e *limão*, de origem persa, entra possivelmente no Português a partir do Árabe (LIMUN)).

Também na análise de Villalva (2008) não se entende o plural das palavras terminadas em *–ão* como uma irregularidade, uma vez que este se efectua como esperado (pela adjunção de *–s* à forma de singular). A autora destaca, sim, a complexidade fonológica e diacrónica associada a esta estrutura.

Tal como já referido, é genericamente aceite que a forma mais produtiva para o plural dos nomes em *–ão* no PE é a terminação *–ões* (Cunha e Cintra, 1996, Duarte, 2000, Villalva, 2008) e que a frequência de ocorrência dos diferentes formatos ocorrerá nas seguintes proporções: 97,4% em [õj̃ʃ], 1,8% em [ɐ̃w̃ʃ] e 0,75% em [ɐ̃j̃ʃ] (*Portal da Língua Portuguesa*, citado por Castro, 2008).

A revisão bibliográfica efectuada nesta secção ilustra a complexidade morfofonológica a que a formação do plural das palavras do sistema nominal terminadas em [ɐ̃w̃] está associada. Na próxima secção, é dada informação sobre os aspectos fonológicos e morfológicos envolvidos na aquisição das estruturas em estudo nesta tese.

1.2. Desenvolvimento fonológico e morfológico

Na secção relativa aos aspectos do desenvolvimento fonológico e morfológico, pretendemos abordar questões genéricas de aquisição relacionadas com os constituintes linguísticos em causa nos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]. Como referido anteriormente, na estrutura em análise nesta tese, os aspectos fonológicos envolvidos são: (i) a estrutura da Rima (Núcleo ramificado e Coda); (ii) a estrutura segmental (ditongo nasal e fricativa). Os aspectos morfológicos envolvidos remetem para a formação do plural e para o formato da vogal à esquerda do marcador de plural (última vogal do radical e marcador de classe). Neste sentido, passamos a descrever os aspectos relativos à aquisição:

(i) da fricativa que marca o plural em PE, na sua relação com o constituinte Coda que a domina;
(ii) da estrutura da Rima ramificada, com Núcleo ramificado (ditongo nasal) e Coda associada a [ʃ];
(iii) da flexão no sistema nominal.

1.2.1. Aspectos fonológicos

Adquirir o sistema de sons de uma língua, apreender as suas características e saber como as utilizar de uma forma fluente e eficaz consiste numa tarefa complexa. Durante os primeiros cinco anos de vida, as crianças exploram os sons da sua língua, reconhecem os que fazem ou não parte do seu inventário, identificam as propriedades dos sons e constroem representações mentais da estrutura sonora. No entanto, e comparativamente com outras áreas da linguagem, o processo de aquisição da fonologia é relativamente rápido, quer na componente da compreensão, quer na da produção (Sim-Sim, 1998: 78-79; Bernhardt e Stemberger, 1998).

Aquisição da Rima

No que se refere à aquisição da sílaba, será apenas analisado o constituinte *Rima* por ser o considerado relevante para este estudo. Como referido na secção 1.1.1., a Rima pode ramificar em Núcleo e Coda.

Sobre o desenvolvimento da sílaba, e concretamente para o PE, sabe-se que o Ataque acompanha todo este processo de desenvolvimento, observando-se a seguinte ordem de estabilização dos constituintes silábicos (Freitas, 1997): (i) Ataque não ramificado e Núcleo não ramificado (Estádio I, onde se observa a produção dos formatos silábicos do tipo CV e V); (ii) Rima ramificada, com aquisição da Coda (Estádio II, sendo visíveis sílabas com formatos do tipo $CVC_{fricativa}$); (iii) Núcleo ramificado (Estádio III, onde já estabilizaram os formatos do tipo CVG e $CVC_{líquida}$; (iv) Ataque ramificado (Estádio IV, onde emergem estruturas como CCV). Apresentados alguns formatos ilustrativos de cada estádio de aquisição, ilustramos os três estádios na aquisição do constituinte Rima em PE (Freitas, 1997: 261):

(12) *Aquisição da Rima em PE*

Estádio I: Sílaba universal, caracterizada por Rimas não ramificadas e Núcleos não ramificados.

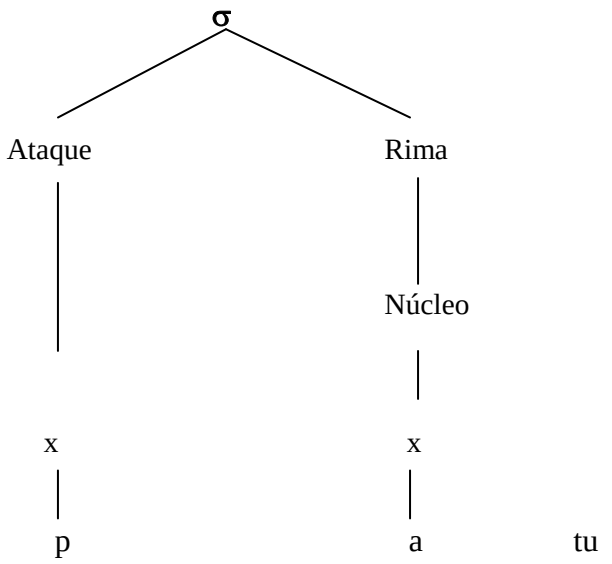


Figura nº2 – Representação silábica da sílaba *pa* na palavra *pato.*

Estádio II: Rimas ramificadas em Núcleo e Coda, com o aparecimento da fricativa em Coda.

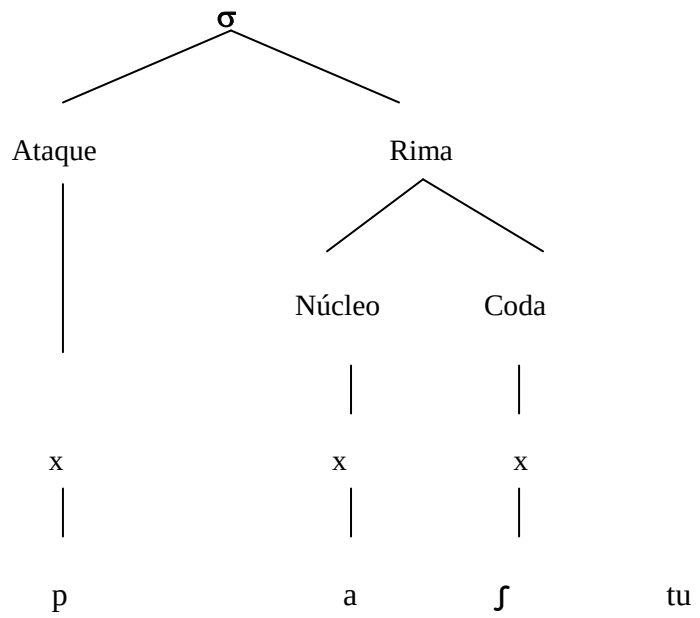


Figura nº 3 – Representação da sílaba *pas* na palavra *pasto*

Estádio III: Núcleos ramificados, com estabilização dos ditongos.

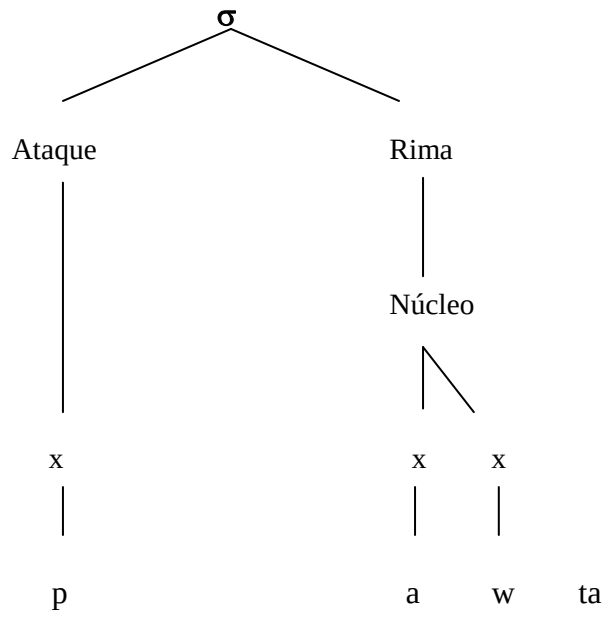


Figura nº 4 – Representação da sílaba *pau* na palavra *pauta*

A aquisição da forma do ditongo nasal implica o domínio da sílaba com Núcleo ramificado e a aquisição da forma com marcação do plural implica o domínio da sílaba com Rima ramificada, com Núcleo ramificado e a aquisição da Coda, ambos adquiridos durante os estádios II e III.

Em Correia (2004), verifica-se uma estabilização tardia dos ditongos. No entanto, em função do seu tipo, a idade de estabilização difere. Os ditongos orais emergem e estabilizam mais tardiamente, enquanto o domínio dos ditongos nasais é mais precoce. Neste estudo, verificou-se que todas as crianças que o integraram (com idades compreendidas entre [2,10-3,6] no início da investigação) já dominavam os ditongos nasais com e sem fricativa à direita (vejam-se os exemplos em (12)). Os ditongos orais, como referido, estabilizam mais tardiamente, tendendo as crianças a adoptar estratégias de simplificação da estrutura, transformando uma estrutura do tipo VG em V (vejam-se os exemplos apresentados em (13) (cf. Freitas 1997, Correia, 2004)

(13) *Exemplos de produções de ditongos nasais por crianças portuguesas*

a. Sem consoante à direita

avião	/ɐviˊɐ̃w̃/	→[ɐˊvjɐ̃w̃]	(Marta: 1;8.18)	(Freitas, 1997:320)
são	/ˊsɐ̃w̃/	→[ˊsɐ̃w̃]	(João: 1;9.1)	(Freitas, 1997:320)
leão	/liˊɐ̃w̃/	→[ˊljɐ̃w̃]	(Raquel: 1;10.2)	(Freitas, 1997:320)
cão	/ˊkɐ̃w̃/	→[ˊkɐ̃w̃]	(Marta: 2;10.27)	(Correia, 2004:114)
mão	/ˊmɐ̃w̃/	→[ˊmɐ̃w̃]	(Eva: 2;11.20)	(Correia, 2004:114)
limão	/liˊmɐ̃w̃/	→[liˊmɐ̃w̃]	(Bárbara: 3;4.2)	(Correia, 2004:114)

b. Com consoante fricativa à direita

cães	/ˊkɐ̃j̃ʃ/	→[ˊkɐ̃j̃ʃ]	(Marta: 2;10.27)
mãos	/ˊmɐ̃w̃ʃ/	→[ˊmɐ̃w̃ʃ]	(Eva: 2;11.20)
limões	/liˊmõj̃ʃ/	→[liˊmɐ̃w̃ʃ]	(Bárbara: 3;4.2)

A fricativa em Coda

Em termos globais, existem já alguns estudos sobre a idade de aquisição do segmento /ʃ/ no PE, sendo que, em Andrade *et al.* (citado por Mendes *et al.*, 2009), é feita referência aos 3;6 anos como idade de aquisição deste segmento. Deter-nos-emos, especificamente, na aquisição desta fricativa em Coda. Na recolha realizada para aferição do teste fonético-fonológico – avaliação da linguagem pré-escolar (TFF-ALPE), constatou-se que, na faixa etária dos 3 anos, as crianças já tinham este segmento estabilizado em todas as posições em que ocorre na palavra, incluindo a posição de Coda. No estudo de Correia (2004), realizado para o PE, as crianças incluídas no mesmo apresentavam, no início da recolha dos dados, idades compreendidas entre os 2;10 e os 3;6, tendo-se verificado que a *Coda* fricativa, seja lexical ou morfológica, se encontrava estabilizada nessas idades. Freitas (1997:221) refere a emergência precoce da fricativa em Coda, sendo este o primeiro segmento associado a esta posição silábica a emergir (vejam-se os exemplos em (13)):

(14)	meus	/ˊmɐwʃ/	→[ˊmɐwʃ]	(Inês: 1;9.19)
	vês	/ˊvɐʃ/	→[ˊiʃ]	(Marta: 1;2.0)
	bolachas	/buˊlaʃɐʃ/	→[ˊlaʃɐʃ]	(Luís: 1;11.20)
	bombons	/bõˊbõʃ/	→ [boˊbojʃ]	(Raquel: 1;10.2)

Freitas, Miguel e Faria (2001:48) distinguem dois tipos de Coda: i) Coda lexical e ii) Coda fricativa (vejam-se exemplos em (14)):

(15) *Exemplos de tipos de Coda*

a) Codas lexicais

nariz [nɐˊɾiʃ]

luz [ˊluʃ]

costa [ˊkɔʃtɐ]

b) Codas morfológicas

bolas [ˊbɔlɐʃ]

papéis [pɐˊpɛjʃ]

falas [ˊfalɐʃ]

Considerando esta classificação, a Coda fricativa dos ditongos [ẽw̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ] enquadra-se nas Codas morfológicas. De acordo com o estudo supramencionado, as Codas morfológicas são as primeiras a emergir.

(16) *Exemplo de produções de Codas morfológicas*

bolos	[ˊboluʃ]	→[ˊboluʃ]	(Inês: 1,9.19)
pés	[ˊpɛʃ]	→ [ˊpɛʃ]	(Marta: 1,5.17)
motas	[ˊmɔtɐʃ]	→ [ˊmɔtɐʃ]	(Luís: 2,0.27)

Segundo Freitas *et al.* (2001:53-54), as fricativas são, em PE, os primeiros segmentos a ocupar a posição final de sílaba. A aquisição das Codas fricativas, em PE, segue na seguinte ordem:

a) Coda fricativa morfológica em sílaba em posição final de palavra, acentuada e não acentuada;
b) Coda fricativa lexical em sílaba em final de palavra, acentuada e não acentuada;
c) Coda fricativa lexical em sílaba acentuada em posição medial de palavra;
d) Coda fricativa lexical em sílaba não acentuada em posição medial de palavra;

É mencionado por Freitas *et al.* (2001:56) que a emergência precoce da Coda fricativa em final de palavra é activada pela sua natureza preferencialmente morfológica nesta posição, funcionando a aquisição desta estrutura como um caso de promoção da aquisição por efeito da interacção de módulos gramaticais (neste caso, fonologia, morfologia e sintaxe).

1.2.2. Aspectos morfológicos

Nesta secção, daremos conta de alguns aspectos da aquisição da morfologia flexional, relacionados com a estrutura em estudo. Partiremos de aspectos genéricos relacionados com a aquisição da flexão nominal para uma descrição de dados de línguas como o Inglês, referindo ainda os estudos para o português (PB e PE).

Os primeiros estudos realizados sobre a aquisição de morfemas de flexão remontam à década de 60. Para estudarem as estruturas pretendidas, os autores recorriam muito ao uso de pseudopalavras, de que é exemplo o "teste dos *wug*" [7], de Berko. Já nesta altura foi registado que as primeiras produções de plural emergem precocemente, mas podem demorar muito tempo até que a sua estabilização e o seu uso consistente ocorra (Berko, 1958; Cadzen, 1968; Brown, 1973, citados por Peters, 1995:464).

Em Tomasello (2003, citado por Behrens, 2009) entende-se a emergência das categorias gramaticais como um processo de identificação da sua função em unidades comunicativas mais abrangentes, que hierarquiza da seguinte forma:

i) no *input* que recebe do seu parceiro de comunicação, a criança interpreta intenções comunicativas (e.g. *I want to see it*), e primeiro, tem de ser capaz de as reproduzir;
ii) cria um esquema com a informação que recebe, por um lado, mas, simultaneamente cria um filtro de categorias (e.g. *throw ball, throw can, throw pillow*);
iii) *a posteriori* consegue, a partir de uma forma de base, criar uma segunda construção/organização de símbolos (e.g. *Mary hugs John, John hugs Mary*);
iv) consegue depois formar construções abstractas, como as funções sintácticas baseadas em analogias (*e.g. A hugs B, X kisses Y*);
v) forma categorias paradigmáticas (e.g. parte de categorias de discurso ou paradigmas flexionais) com base na categorização feita através de uma análise distribucional.

Em Clark (2009:177) refere-se que as crianças começam por dominar regras mais simples (como a noção de que, em inglês, "mais do que um" implica a marcação com um *–s*) e só posteriormente conseguem realizar concordâncias. No processamento de estruturas associadas a alomorfia, a mesma autora refere que as crianças parecem ser sensíveis à *frequência* de diferentes formas, sendo que, regra geral, as formas mais

[7] O "wug test" constitui um desenho experimental criado por Jean Berko em 1958 para estudar a aquisição da flexão em crianças inglesas. A investigadora usou como estímulo, por exemplo, a instrução: "*This is a wug. Now there are two of them. There are two...*". A este respeito, veja-se Berko (1958).

produtivas no alvo são as que maior representatividade têm no sistema da criança. São assim, mais sensíveis ao uso de *flexão* do que ao uso de outros aspectos menos frequentes na estrutura morfológica (Clark, 2009: 184), acentuando a autora o papel preponderante dos *tokens*[8], em detrimento dos *types*[9].

> "*Findings so far show that children attend more to types than to tokens in the input. The first affixes they produce are those that appear on the largest number of types (Guillaume 1927), and typically represent the most widespread paradigms in a language. Once these are established, children begin to acquire affixes marking smaller, irregular, and specially conditioned paradigms. But the latter can take many months or even years to master.*" (Clark, 2001; 194)

Clark (2001) defende a existência de um padrão na aquisição da flexão, em geral, dando como exemplo a aquisição da flexão em Inglês, que passa por quatro estádios de desenvolvimento:

i) omissão em todos os contextos que exigem a marcação de plural (e.g. produzir *cat* (gato) em vez de *cats* (gatos));
ii) uso esporádico do plural em algumas situações onde o uso do plural é tão evidente que a criança é quase "forçada" a usá-lo;
iii) uso genérico com bastantes sobregeneralizações (aplicação do morfema *–s*, quer em palavras como *cat*, quer em palavras que obedecem a outras restrições, como *foot* ou *man*);
iv) identificação dos limites relevantes para o uso de formas regulares e formas irregulares (*cat/cats* versus *foot/feet*).

Baseando-se nos trabalhos de Brown (1973), Clark (2009) apresenta ordenadamente a aquisição de 14 morfemas gramaticais, sendo que o morfema de número *–s* se posiciona no quarto lugar. É ainda mencionado que, provavelmente, o morfema de plural é o primeiro morfema gramatical a ser adquirido (Robinson e Mervis, 1998, citado por Clark, 2009).

[8] O termo *token* corresponde a uma listagem de palavras únicas, ou seja, ao número total de itens ou palavras, incluindo as repetições de um mesmo item ou palavra (Ribeiro, sem data; Vigário *et al.*, 2009).
[9] O termo *type* corresponde a cada item ou palavra (listagem de palavras únicas), sem considerar as repetições (idem).

Alguns autores têm proposto que as crianças podem aprender formas irregulares antes mesmo de adquirirem a forma de marcação do plural regular. No entanto, estas formas tendem a perder-se em detrimento do uso das formas regulares (Clark, 2001). Por outro lado, estudos realizados têm demonstrado que a complexidade conceptual, como a complexidade formal, interfere no processo de aquisição. Um morfema de marcação menos complexo (e.g. *–x*) emergirá primeiro do que um mais complexo (e.g. formado por *–x* + *–y*) (Brown, 1973, Cazden, 1968 , Slobin, 1973, citados por Clark, 2001; Clark, 2009). Outro factor que contribui para a aquisição da flexão é a complexidade formal na expressão ou de um significado específico, ou seja, será mais fácil para uma criança adquirir dado marcador de flexão que seja simplesmente marcado com *–s* para dado paradigma do que um marcador da mesma característica morfológica que, noutra língua, requeira o uso de uma estrutura mais complexa (e.g. uso simultâneo de um afixo e sufixo; Clark, 2001).

Em Fromkin e Rodman (1993:140) é referido que, para que as crianças adquiram a formação do plural, não é necessária a aquisição de cada um dos sons que possibilita essa formação (para o PE, [ʃ], [ʒ] e [z]): elas adquirem antes regras gramaticais gerais, pois têm uma gramática mental interiorizada. Neste caso, as crianças adquirem uma regra geral de formação do plural (acrescentam um *–s* final à forma de singular), que, em função de aspectos contextuais, se realiza foneticamente de diferentes formas (se aparecesse um brinquedo novo chamado *glick*, uma criança que quisesse dois pediria dois *glicks* e não *gliken*, uma vez que a regra geral de formação do plural diz que à forma de singular se acrescenta um *–s*).

Num estudo realizado com crianças inglesas, Kouider *et al.* (2006) apresentaram diversos estímulos a crianças entre os 20 meses (1;08) e os 36 meses (3;00) de idade, com o objectivo de avaliar a forma como as crianças evoluiam na compreensão da marcação do plural. Para tal, pretendiam que as crianças distinguissem semanticamente a marcação de número através de uma de duas hipóteses:

i) de forma redundante, através das características morfológicas no verbo e no nome e de quantificadores lexicais, sendo apresentadas frases que se distinguiam nestes aspectos, como *Look there <u>are some</u> blicket<u>s</u>/ Look there <u>is a</u> blicketø*;

ii) ou unicamente através da morfologia do nome, sendo apresentadas frases do tipo *Look at the blickets/Look at the blicket*.

Os resultados demonstraram que, aos 24 meses, as crianças falharam a compreensão através da marcação unicamente do nome, mas, aos 36 meses, já eram capazes de identificar os estímulos através deste item, sugerindo que, numa primeira instância, as crianças começam por identificar semanticamente as diferenças existentes entre singular e plural. Só mais tarde começam a compreender que as distinções entre singular e plural se evidenciam através da marcação morfofonológica de verbos e nomes e de quantificadores.

As crianças inglesas começam a marcar a distinção entre singular e plural entre os 20 e os 24 meses, utilizando, no início, uma *estratégia analítica*[10], com uso de itens lexicais em detrimento de marcação morfológica para designar conceitos plurais (Wood *et al.*, 2009:206).

Os dados obtidos por Nicolaci-da-Costa e Harris (1983, citado por Clark, 2001) vêm ao encontro do mencionado anteriormente, atestando que as crianças, aos três anos, realizam melhor tarefas com plurais quando este é produzido de forma redundante, sugerindo que a forma como os adultos se comportam, do ponto de vista linguístico, junto das crianças terá influência na forma como estas o irão percepcionar e utilizar (possivelmente mais cedo). A compreensão da marca de plural depende de mais do que apenas o uso de *–s*; as crianças, geralmente, estão atentas a informação adicional, relativamente à marcação do plural, como seja: i) uso de numerais (e.g. *two cats*), ii) uso de pronomes demonstrativos (e.g. *those cats*) ou iii) de ambos (e.g. *these two cats*) (Nicolaci-da-Costa e Harris, 1983/1984, citado por Clark, 2009).

Referiremos, em seguida, estudos sobre a aquisição da marcação do plural em PB em PE.

[10] Cf. Slobin (1973, 1985, citado por Wood *et al.*, 2009)

Em Santos e Scarpa (*sem data*), num estudo realizado para o PB, é mencionado que o trabalho com a componente morfológica da linguagem, nomeadamente com a morfologia nominal e verbal (Santos e Scarpa, 2003, citado por Santos e Scarpa, *sem data*), se inicia por volta do 1;7 anos de idade, começando as crianças, nesta altura, a analisar a estrutura interna das palavras. Contudo, e devido à diversidade morfológica, o processo não é transversal a todos os morfemas.

Benfi-Lopes *et al.* (2009:174) refere que, para o PB, crianças sem patologia de linguagem associada, são capazes de compreender o morfema de número aos 3 anos, assim como a informação semântica a ele associada. No entanto, a produção do plural ocorre mais tardiamente, sendo que, por volta dos 3, usam predominantemente o singular e demonstram indícios de uso do plural; entre os 3 e os 4 anos, ainda não o dominam totalmente, idade em que emerge a capacidade de associação do conceito de número (do ponto de vista conceptual e linguístico) ao uso do som /ʃ/ como forma de expressão do conceito numérico. Só a partir dos 5 anos a criança é capaz de usar, com cerca de 80% de produções correctas, o plural.

Correa, Augusto e Ferrari-Neto (2005), após a realização de um estudo com pseudopalavras, confirmam que, por volta dos dois anos de idade, as crianças falantes do PB percebem informação morfofonológica relativa a número e são sensíveis à expressão gramatical de número. Tendo como referência este estudo experimental, Castro e Ferrari-Neto (2007) realizaram um estudo contrastivo entre o PE e o PB e obtiveram os mesmos resultados: quer no PB, quer no PE, aos dois anos, as crianças reconhecem a informação morfofonológica relativa ao número e são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua.

Centrar-nos-emos, agora, nos textos com informação sobre a aquisição do plural em PE. Tendo em conta o desenvolvimento linguístico infantil, sabe-se que a marcação do plural em nomes antecede, em PE, a marcação do plural em verbos (Gonçalves, 2004:64). Em Sim-Sim (1998), são descritas algumas questões relativas ao processo de aquisição das regras morfológicas. Na perspectiva da autora, durante a fase holofrásica e telegráfica, as crianças produzem basicamente nomes e verbos sem evidentes marcas de flexão. Lentamente as crianças vão adquirindo algumas formas flexionadas (artigos, preposições, conjunções e categorias nominais com marcas de flexão – género e

número). Este processo afirma-se como um "*exemplo paradigmático de que a aquisição da linguagem é uma apropriação de um sistema regulado por regras e não uma mera aprendizagem de cor de itens lexicais flexionados*" (Sim-Sim, 1998: 158). Neste contexto, surgem exemplificações como os erros de sobregeneralização realizados pelas crianças, sendo que um dos mais frequentes é o da formação do plural de *cão*, realizado muitas vezes, em estádios iniciais como *cãos.*

Num estudo realizado sobre a aquisição da concordância que envolve nomes terminados em *–ão* em PE (Castro, 2008), efectuado com 30 crianças entre o 1;6 e os 2;8 anos, foram apresentadas várias pseudopalavras às crianças e avaliadas as suas respostas relativamente às mesmas. A autora refere que a primeira forma que surge é a que deriva da formação por generalização da aplicação de *–s* como marcador de número, em detrimento da forma com maior ocorrência na língua para o plural de nomes em *–ão*, isto é, *-ões*. Todas as formas de plural incluídas na prova foram produzidas como *–ãos*.

Como vimos, a aquisição do morfema de plural emerge precocemente, ainda que o seu domínio dependa de outros factores que lhe estão associados, nomeadamente fonológicos e sintácticos.

Com a elaboração deste trabalho, pretendemos caracterizar o comportamento linguístico das crianças incluídas neste estudo e poder contribuir para o conhecimento acerca do domínio da formação do plural dos nomes terminados em *–ão*, em PE.

2. Aspectos metodológicos

O segundo capítulo do presente estudo refere-se à metodologia utilizada no mesmo, sendo explicitados os critérios metodológicos aos quais se recorreu para a sua elaboração. Assim, este capítulo fornece informação sobre: i) questão de investigação, objectivos do estudo e definição das hipóteses (secção 2.1.); iii) tipo de estudo (secção 2.2.); iv) caracterização da amostra (secção 2.3.); v) construção do instrumento de recolha de dados (secção 2.4.); vi) recolha de dados (2.5.); vii) tratamento dos dados (secção 2.6.).

2.1.Questão de investigação, objectivos e hipóteses

Partindo da questão orientadora "De que modo as crianças portuguesas adquirem o plural das palavras do paradigma nominal terminadas em [ɐ̃w̃]?", estabeleceram-se os seguintes objectivos, que passamos a enunciar:

[1] Fornecer dados de referência sobre a aquisição do plural em palavras do paradigma nominal terminadas em ditongo nasal, em PE, de interesse para terapeutas da fala, professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, educadores e linguistas.

[2] Contribuir para a identificação da ordem de aquisição de aspectos morfofonológicos envolvidos em estruturas complexas, de aquisição problemática no desenvolvimento típico, fornecendo, assim, informação válida para a construção de provas com vista ao diagnóstico e à intervenção terapêutica.

Tendo em conta a questão orientadora acima referida, importa saber de que forma as crianças adquirem o plural dos nomes terminados em ditongo nasal:

(i) Se, por um lado, as primeiras produções decorrerem exclusivamente da activação da regra de formação regular do plural em Português (Sim-Sim 1998; Castro 2008), "Associe-se um [ʃ] à forma do singular" (Andrade, 1977, Mateus e Andrade, 2000, Mateus, 2003, Mateus *et al.*, 2008), predir-se-á que as produções iniciais preferenciais sejam o ditongo [ɐ̃w̃ʃ] (limão + [ʃ]; pão + [ʃ]; mão + [ʃ]) (*efeito gramatical*);

(ii) Se, por outro lado, as crianças portuguesas, que adquirem cedo o plural no paradigma nominal em PE (Freitas, 1997; Freitas, Miguel e Faria, 2001), forem precocemente sensíveis à alomorfia associada aos diferentes paradigmas ([ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]), a complexidade destas estruturas poderá favorecer, desde cedo, produções conformes ao alvo (cf. Mateus 1975/1983; Andrade 1977, Mateus *et al.*. 2003; Veloso 2005; Villalva, 2008);

(iii) Se, porém, as crianças forem preferencialmente sensíveis à frequência da estrutura no sistema-alvo, a produção dominante será [õj̃ʃ] desde o início (Mateus 1975/1983; Mateus *et al.*. 2003; Villalva, 2008; Castro, 2008; Bybee, 2001, Bybee e Hopper, 2001) (*efeito de frequência*).

Consideram-se, assim, as seguintes hipóteses para as produções das palavras testadas nesta tese:

Hipótese 1: ao longo das quatro faixas etárias, o uso preferencial de [ɐ̃w̃ʃ] no início, vai sendo progressivamente substituído por produções conformes aos alvos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ] (*efeito gramatical*).

Hipótese 2: não se regista progressão ao longo das diferentes faixas etárias, pois as crianças são precocemente fiéis aos alvos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ].

Hipótese 3: ao longo das quatro faixas etárias, o uso preferencial de [õj̃ʃ] no início vai sendo substituído por produções conformes aos alvos [ẽw̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ẽj̃ʃ] (*efeito de frequência*).

Dados os potenciais efeitos lexicais nas respostas das crianças, foram introduzidas pseudopalavras no instrumento criado (cf. 2.3.), com o objectivo de testar o processamento morfofonológico dos ditongos na ausência de informação lexical (Castro-Caldas, 2000; Ingram, 2007; Corina e Knapp, 2006). Assim, coloca-se a seguinte hipótese para as pseudopalavras:

Hipótese 4: Em cada faixa etária, o comportamento verbal exibido para as pseudopalavras espelhará o das palavras.

2.2.Tipo de Estudo

Quando se pretende estudar um tópico sobre o qual não se sabe ainda o suficiente, ou seja, quando não se conhecem os factores relevantes que condicionam determinado fenómeno, pode recorrer-se a uma pesquisa descritiva (Lum, 2002). Quando nos propusemos realizar a presente investigação, foi considerado o facto de a investigação no tópico seleccionado ser escassa, motivo pelo qual se adoptou este tipo de pesquisa. O presente trabalho assume, assim, um carácter descritivo, uma vez que pretende descrever a situação actual do desenvolvimento das crianças relativamente à estrutura em análise, a partir de uma recolha de dados, tendo em vista a testagem das hipóteses colocadas na secção anterior (Carmo e Ferreira, 1998). Os estudos descritivos fornecem informação acerca de determinado acontecimento ou factor e permitem confirmar ou não hipóteses. Este tipo de estudo fornece uma base rica para a especulação e desencadeia o desenvolvimento de teorias que, posteriormente, poderão ser testadas, de forma analítica, em condições experimentais, possibilitando o estabelecimento de medidas de prevenção e intervenção (Bellusci, 1995; Lum, 2002). Este trabalho inclui-se nos estudos descritivos relativos ao desenvolvimento linguístico infantil e é de carácter transversal, uma vez que são estudados em simultâneo vários grupos, organizados por diferentes faixas etárias, recorrendo-se apenas a uma única recolha de dados junto da amostra (Carmo e Ferreira, 1998).

2.3.Amostra

Foram incluídas no estudo 130 crianças com idades compreendidas entre os 3;00 e os 7;00 anos, a frequentar o jardim-de-infância ou o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.
Tendo em consideração os dados de Freitas (1997), Correia (2004) e Mendes *et al.* (2009), definiu-se como idade mínima os 3 anos de idade, uma vez que as estruturas em análise (Rima ramificada com ditongo nasal e Coda fricativa) já se encontram estabilizadas nesta idade. Como limite máximo de idade estabeleceu-se 7 anos de idade, de forma a garantir a inclusão no estudo de crianças que estão a frequentar o 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico e a verificar se o contacto com o ensino formal é, ou não, um factor que contribui para a estabilização da estrutura em análise. As crianças encontram-se distribuídas por 4 grupos etários, como adiante se explicitará.

Sendo a amostra de carácter intencional, por motivos de disponibilidade do investigador e das próprias instituições que colaboraram neste estudo, os dados foram recolhidos no concelho de Oeiras.

Relativamente à selecção das crianças para a amostra, há ainda a referir que foi considerado o factor *disponibilidade,* já que apenas foram contempladas no estudo crianças que estivessem na sala de jardim-de-infância ou na escola no dia em que a investigadora se deslocou à instituição para recolher os dados.

De forma a minimizar a probabilidade de enviesamento dos dados recolhidos, havia sido solicitado às instituições que tivessem em consideração a não referenciação de crianças com suspeita ou de alterações de linguagem/comunicação confirmadas ou com critérios linguísticos que pudessem interferir no processo de aquisição da língua (incluir apenas crianças cujos pais detivessem nacionalidade portuguesa, sendo a língua materna o português europeu).

Tomaram-se como variáveis de controlo de inclusão a idade (ter entre 3 e 6 anos de idade cronológica) e a frequência de jardim-de-infância ou do 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico; como variáveis de exclusão, considerou-se a presença de perturbações desenvolvimentais, incluindo de linguagem. No dia da recolha, algumas das crianças que detinham autorização para avaliação manifestaram algumas características de desvio, pelo que tiveram de ser retiradas do estudo.

Apresentamos, seguidamente, os dados sócio-demográficos relativos às crianças incluídas no estudo, tendo em consideração as variáveis de controlo consideradas: *idade, sexo, nacionalidade, profissão dos pais* e *nacionalidade dos pais*. Através da observação do *Quadro 2,* é possível verificar a distribuição dos dados gerais das criança, em função das variáveis *idade* e *sexo*.

Quadro 2 – Dados sócio-demográficos da amostra relativos a idade e sexo (N=130)

Escolaridade/Grupo	**Idade**	**F**	**%**
Jardim-de-Infância (G I)	[3;00 – 3;12[	32	24,6%
Jardim-de-Infância (G II)	[4;00 – 4;12[	32	24,6%
Jardim-de-Infância (G III)	[5;00 – 6;02]	34	26,2%
1º ano 1º ciclo (G IV)	[6;00 – 6;12]	32	24,6%
Total		130	100%
Sexo		**F**	**%**
F		68	52,3%
M		62	47,7%
Total		130	100%

A média de idades da amostra é de x±dp=4,5±1,17, sendo composta por crianças com um mínimo de idade 3;02 e um máximo de 7;01, todas de nacionalidade portuguesa e possuindo o PE como língua materna, com uma distribuição na variável *sexo* de 47,7% para o sexo masculino e de 52,3% para o sexo feminino.

Relativamente aos dados sociodemográficos relativos aos pais, optou-se apenas pela classificação da categoria profissional e nacionalidade dos pais (consultem-se apêndices IV e V).

Como apresentado no *Quadro 2,* a amostra (N=130) foi subdividida em quatro grupos, segmentados por faixas etárias: o Grupo I (N=27) é constituído pelas crianças com 3 anos de idade e inclui crianças entre [3;00 – 3;12[; o Grupo II (N=31), grupo dos 4 anos, inclui crianças que incluídas no intervalo de tempo [4;00 – 4;12[; o Grupo III (N=34) é composto por crianças com idades compreendidas entre [5;00 – 6;02]; o Grupo IV integra crianças do 1º ano do Primeiro Ciclo com idades compreendidas entre os [6;00 – 7;01]. Ficaram incluídas no Grupo III algumas crianças com seis anos, já que devido aos momentos de recolha de dados tinham acabado de os completar.

Caracterização do Grupo I

O Grupo I é constituído por 32 crianças com idades compreendidas entre um mínimo de [3;00] e um máximo de [3;11], apresentando uma média de idades de x±dp= 3,06 ± 0,31. No *Quadro 3,* é apresentada a distribuição de frequências absolutas e relativas na variável *sexo.*

Quadro 3 – Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo I na variável sexo (N=32)

Grupo I (N=32)	F	%
F	19	59,4%
M	13	40,6%
Total	32	100%

Tal como é possível constatar através da observação do quadro, este grupo não tem uma distribuição exactamente igual por géneros, podendo considerar-se que ambos os sexos se encontram representados de forma significativa, com uma distribuição relativa de 59,4% para o sexo feminino e de 40,6% para o sexo masculino.

Caracterização do Grupo II

O Grupo II, correspondente à faixa etária dos 4 anos, apresenta um mínimo de idades de [4;00] e um máximo de [4;11], observando-se que a média/desvio-padrão para esta faixa etária é de x±dp= 4,07 ± 0,31. Segue-se a distribuição por sexos (valores absolutos e percentuais) para o Grupo II.

Quadro 4 – Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo II na variável sexo (N=32)

Grupo II (N=)	F	%
F	15	46,9%%
M	17	53,1%%
Total	32	100%

O Grupo II apresenta uma distribuição bastante homogénea quanto à distribuição por *sexo*, tendo sido contabilizados 46,9% crianças do sexo feminino e 53,1% do sexo masculino.

Caracterização do Grupo III

O Grupo III, relativo às crianças que frequentam o último ano de jardim-de-infância, é constituído, não só por crianças com 5 anos, mas contém também algumas crianças com 6 anos, pelos motivos já mencionados anteriormente, i.e., na altura da recolha já tinham completado os 6 anos de idade. Inclui assim crianças com um mínimo de idades de

[5;00] e com um máximo de idades de [6;02], sendo de registar uma média/desvio-padrão de x±dp= 5,13 ± 0,28.

No que se refere à distribuição por *sexo* neste grupo, este apresenta alguma heterogeneidade, como é possível verificar no *Quadro 5*.

Quadro 5 – Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo III na variável sexo (N=34)

Grupo III (N=34)	**F**	**%**
F	20	58,8%
M	14	41,2%
Total	34	100%

O Grupo III apresenta-se representado maioritariamente por elementos do sexo feminino (58,8%) relativamente ao sexo masculino (41,2%). Contudo, pode considerar-se que os dois sexos se apresentam representados de forma semelhante.

Caracterização do Grupo IV

No Grupo IV incluíram-se as crianças com idades compreendidas entre um mínimo de [6;00] anos e um máximo de [7;01] que se encontravam a frequentar o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, cuja média/desvio-padrão de idades registada foi de x±dp= 6,12 ± 0,23.

Quadro 6 - Distribuição dos dados sócio-demográficos relativos ao Grupo IV na variável sexo (N=32)

Grupo IV (N=30)	**F**	**%**
F	14	43,8%
M	18	56,3%
Total	32	100%

Apesar de o Grupo IV não apresentar exactamente a mesma distribuição para ambos os sexos, esta é bastante homogénea, sendo que estão representados 56,3% elementos do sexo masculino e 43,8% do sexo feminino.

2.4.Construção do Instrumento para a recolha de dados

Para a recolha dos dados, foram construídas duas provas de nomeação, uma com palavras e a outra com pseudopalavras, apresentando um total de 36 itens (9 palavras + 9 pseudopalavras + 9 palavras distractoras (nomes) + 9 pseudopalavras distractoras) e 6 itens de treino.

Cada uma das provas apresenta três estímulos de treino e é constituída por 18 estímulos na totalidade, sendo que nove correspondem a estímulos (nomes) terminados no ditongo-alvo [ɐ̃w̃] e os restantes nove distractores (nomes terminados em vogal oral na posição de marcador de classe).

Para a prova de palavras, foram eleitos os seguintes estímulos: três itens de treino (bota, rato, bata), nove distractores (*roda, fada, pinto, pato, vaca, dedo, dado, tampa, tambor*) e nove itens (*mão, grão, irmão, capitão, pão, cão, avião, limão, balão*), conforme é possível observar no *Quadro 7*. Os 9 itens-alvo representam as três possibilidades de formação de plural para o ditongo nasal na mesma proporção ([õj̃ʃ] para *avião, balão* e *limão*; [ɐ̃w̃ʃ] para *grão, irmão* e *mão* e; [ɐ̃j̃ʃ] para *cão, capitão* e *pão*).

Quadro 7 – Palavras-alvo incluídas na prova de formação do plural, através de prova de nomeação e possibilidades de realização de plural, tendo em consideração os três formatos possíveis.

Palavras-alvo	[ɐ̃w̃ʃ]	[õj̃ʃ]	[ɐ̃j̃ʃ]
Mão			
Irmão			
Grão			
Limão			
Avião			
Balão			
Pão			
Capitão			
Cão			

A selecção das palavras teve como um dos critérios mais importantes a fácil percepção visual e a sua previsível presença no léxico da criança. Como critérios linguísticos seleccionaram-se os seguintes: i) palavras com estrutura dissilábica, ii) utilização de CV nas sílabas que não contêm o ditongo e nas sílabas dos distractores; iii) padrão acentual regular dos nomes terminados em *–ão*; iv) padrão acentual paroxítono nos distractores;

v) estímulos apresentados de forma a que as crianças os processassem como nomes; vi) itens contendo as consoantes que primeiro são adquiridas pelas crianças ([p, b, m, t, d, f, v]).

Não foi possível aplicar os critérios definidos em todas as palavras seleccionadas para a prova de palavras (e.g. *grão* e *capitão*). Contudo, os distractores da prova com palavras, com excepção do item *tambor,* são estímulos com estrutura dissilábica de tipo CVCV e padrão acentual paroxítono ou o regular nas palavras terminadas em [ɐ̃w̃], por serem os formatos fonológicos de palavra mais frequentes no PE (Vigário e Falé, 1993; Vigário *et al.*, 2004, Mateus *et al.*, 2003).

Na construção da prova, e de forma a minimizar eventuais dificuldades no reconhecimento das imagens, recorreu-se a imagens presentes em testes formais de avaliação de linguagem publicados: Escala de Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem Reynell, TAPAC –PE (Falé e Faria, 2001), Teste de Identificação de Competências Linguísticas (TICL) – Viana, 2004, Teste de Discriminação de Pares Mínimos (uso de imagens) (Guimarães e Grilo, 1997). Teve-se, ainda, o cuidado de seleccionar imagens semelhantes graficamente, de forma a garantir alguma homogeneidade na apresentação gráfica dos estímulos. Para os estímulos-alvo *grão* e *capitão*, não foi possível usar imagens de testes existentes, pelo que se recorreu a bancos de imagens na internet, de forma a manter o perfil das imagens já seleccionadas (veja-se apêndice VI). No *Quadro 8,* é possível verificar a origem das imagens usadas para a construção da prova de nomeação de palavras.

Quadro 8 - Palavras e distractores e respectiva fonte bibliográfica

Palavras e distractores	**Fonte**	**Tipologia do estímulo**
Bota	Viana (2004) – TICL	Item de treino
Rato	Viana (2004) – TICL	Item de treino
Bata	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Item de treino
Mãos	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Estímulo-alvo
Irmãos	Reynell (1980) – EADL Reynell	Estímulo-alvo

Grãos	Retirada de site da internet[11]	Estímulo-alvo
Cães	Viana (2004) – TICL	Estímulo-alvo
Pães	Guimarães e Grilo (1997) – TDA	Estímulo-alvo
Capitães	Retirada de site da internet[12]	Estímulo-alvo
Aviões	Viana (2004) – TICL	Estímulo-alvo
Limões	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Estímulo-alvo
Balões	Viana (2004) – TICL	Estímulo-alvo
Dado	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Pato	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Tampa	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Dedo	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Vaca	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Pinto	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Fada	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Roda	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor
Tambor	Falé e Faria (2001) – TPAC-PE	Distractor

Para a construção da prova de pseudopalavras, foram seleccionados nove estímulos-alvo, nove distractores e três itens de treino, apresentados no *Quadro 9*. Contaram-se como critérios linguísticos para a construção das pseudopalavras: i) palavras com estrutura dissilábica; ii) utilização de CV nas sílabas que não contêm o ditongo e nas sílabas dos distractores; iii) padrão acentual regular nos nomes terminados em *–ão*; iv) padrão acentual paroxítono nos distractores; v) estímulos apresentados de forma a que as crianças os processassem como nomes; vi) itens contendo as consoantes que primeiro são adquiridas pelas crianças ([p, b, m, t, d, f, v]).

Quadro 9 – Apresentação das pseudopalavras e sua transcrição fonética, por tipologia do estímulo

Pseudopalavras	**Transcrição fonética**	**Tipologia do Estímulo**
Coto	[ˊkɔtu]	Item de treino
Vato	[ˊvatu]	Item de treino

[11] Fonte imagem *grão* http://lifedirector.files.wordpress.com/2007/10/chickpeas_1_s.jpg

[12] Fonte imagem *capitão* http://www.gpdesenhos.com.br/imagens/disney/capitaogancho3.jpg

Boma	[ˊbɔmɐ]	Item de treino
Pifão	[piˊfɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Catão	[kɐˊtɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Tipão	[tiˊpɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Bitão	[biˊtɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Futão	[fuˊtɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Nibão	[niˊbɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Vatão	[vɐˊtɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Sufão	[suˊfɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Midão	[miˊdɐ̃w̃]	Estímulo-alvo
Tito	[ˊtitu]	Distractor
Tago	[ˊtagu]	Distractor
Cada	[ˊkadɐ]	Distractor
Mada	[ˊmadɐ]	Distractor
Dica	[ˊdikɐ]	Distractor
Bito	[ˊbitu]	Distractor
Boda	[ˊbɔdɐ]	Distractor
Modo	[ˊmodu]	Distractor
Roba	[rɔbɐ]	Distractor

Uma vez que não havia necessidade de reconhecimento do item lexical, foram usadas imagens do *Office 2008*[13] (cf. apêndice VI), tendo-se mantido o critério da apresentação de imagens graficamente semelhantes.

2.5.Recolha de dados

Numa primeira fase, foram contactados os jardins-de-infância onde se pretendia proceder à recolha de dados. Foram solicitadas as devidas autorizações às instituições e encarregados de educação, de forma a proceder à recolha dos dados (consultem-se apêndices I e II).

O desenho inicial apenas previa a avaliação de crianças integradas em jardim-de-infância. Contudo, verificou-se a necessidade de ampliar a amostra ao 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, foram utilizados os mesmos procedimentos para a

[13] Disponível em http://office.microsoft.com/pt-br/outlook/CH010503431046.aspx

recolha de dados neste Ciclo: solicitou-se autorização às escolas e aos encarregados de educação com base nos documentos e critérios já referidos.

Após a selecção dos itens e das imagens a integrar na prova, foram impressas em folhas A5 as imagens usadas para o singular e para o plural e constituiu-se um pequeno caderno organizado em duas partes: palavras e pseudopalavras, onde foram colocados, em páginas separadas, a representação do singular e a representação do plural (duplicação da imagem do singular) (cf. (17)). Os alvos e distractores foram apresentados de forma aleatória, a seguir aos itens de treino.

(17) *Exemplo da apresentação das imagens às crianças*

a) representação do singular

Figura nº 5 – Imagem representativa do singular

b) representação do plural

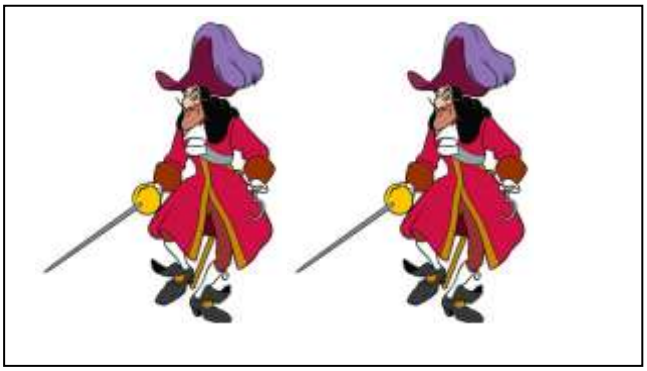


Figura nº 6 – Imagem representativa do plural

Concluída a construção do instrumento, foi realizado um pré-teste, aplicado a duas crianças, com 3 e 4 anos. Ambas realizaram a prova, apenas revelando alguma dificuldade no reconhecimento do item *grão*. Todavia, o recurso a pistas semânticas

permitiu o acesso ao item lexical, tendo ambas sido capazes de nomear correctamente quer o singular, quer o plural.

Como referido, a recolha de produções linguísticas foi obtida a partir de estímulos visuais, através da realização de uma prova de nomeação (veja-se *instrumento de recolha de dados* no apêndice VI). Simultaneamente, os dados foram registados numa ficha de registo individual (ver apêndice III) e realizada a gravação em suporte áudio da situação de recolha de dados com cada criança.

Tinha-se previsto inicialmente que a recolha fosse efectuada em local calmo e isolado, tentando suprimir o ruído existente. No entanto, e tendo em consideração as condições físicas dos jardins-de-infância e da escola, nem sempre foi possível recolher os dados da forma pretendida, tendo os mesmos de ser recolhidos, na maioria das vezes, nas salas onde se encontrava toda a turma.

De forma a ser possível avaliar todas as crianças, e considerando a dimensão da amostra, foram necessárias várias visitas aos jardins-de-infância e escola, conforme se pode verificar no *Quadro 10*.

Quadro 10 - Datas de recolha em jardins-de-infância e escola

Jardim-de-Infância/Escola	**Datas da recolha**
Os Filhotes	28 de Abril de 2009 5 de Maio de 2009
Os Gordinhos	20 de Maio de 2009 21 de Maio de 2009 27 de Maio de 2009 28 de Maio de 2009 2 de Junho de 2009
Casa da Criança Rainha Santa Isabel	24 de Junho de 2009 26 de Junho de 2009
Os Afonsinhos	21 de Dezembro de 2009
Colégio Tagus Park	2 de Fevereiro de 2010
Colégio Colibri	9 de Março de 2010

Foi aplicado o seguinte protocolo de aplicação do instrumento:

i) instruções às crianças;
ii) itens de treino;
iii) pergunta feita;
iv) pistas para acesso lexical, para além dos desenhos;
v) procedimentos para as palavras e para as pseudopalavras.

A duração da recolha dependeu em muito da idade das crianças, já que as crianças mais novas (Grupo I) precisavam geralmente de mais tempo, quer para a compreensão da tarefa, quer para a realização da mesma, tendendo também a distrair-se mais e a tentar introduzir outros assuntos que não a realização da tarefa. As durações das sessões variaram entre dois a oito minutos por criança, sendo as mais rápidas genericamente associadas às crianças mais velhas e excepcionalmente a algumas crianças mais pequenas.

Para a aplicação da primeira prova, construída com palavras, foi apresentada à criança uma imagem com a representação do singular, sendo-lhe solicitado que a nomeasse. Seguidamente, apresentou-se uma imagem duplicada ou triplicada da anterior e pediu-se novamente à criança que nomeasse os conceitos presentes.
Antes da aplicação da prova propriamente dita, foram usados três itens de treino, sendo o investigador a apoiar ou a realizar a tarefa na totalidade, de modo a que a criança entendesse exactamente o que deveria fazer, tendo sido dada a seguinte instrução: "*agora vou mostrar-te uns desenhos, aqui está uma bota e aqui estão duas...* (esperava-se a resposta por parte da criança). *Agora, tu sozinho.* (apresentação do novo desenho) *aqui está um(a)...*" (imagem nova no singular; resposta da criança); *agora aqui estão duas...* (imagem com duplicação).

Sempre que a criança não conseguiu realizar a nomeação do singular, primeiramente foi dada uma pista semântica e, se, mesmo assim, a criança não procedesse à nomeação do conceito, a investigadora nomeava o conceito no singular, para que a criança produzisse então a forma marcada em número.

Com a prova de pseudopalavras, para a elicitação da produção do seu plural, foi dada a seguinte instrução (explorada nos itens de treino e demonstrada pela investigadora): "*agora vou mostrar-te outras imagens* (e apresentavam-se as imagens relativas às pseudopalavras) *aqui está um coto, aqui estão dois...".* No entanto, muitas das crianças acabavam por não realizar a nomeação dizendo que se tratava de um cão ou de um gato, uma vez que foram usadas representações semelhantes a animais, motivo que nos levou a ter de alterar muitas vezes a instrução para "*São uns animais que têm uns nomes muito esquisitos. Este cão chama-se coto, aqui está um coto/este é o coto*[14] *e agora temos dois* ...".

2.6.Tratamento dos dados

Após a recolha de dados, procedeu-se à transcrição fonética[15] dos estímulos-alvo (plurais das palavras e pseudopalavras terminadas em ditongo nasal). Foi criada uma base de dados (veja-se apêndice III) no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 17.0 (SPSS 17.0)*, tendo em vista a análise estatística de forma descritiva (médias, análises de frequências absolutas (valores absolutos) e frequências relativas (valores percentuais). Tendo em consideração que a amostra foi estratificada em 4 grupos, os dados relativos a cada um dos grupos serão apresentados separadamente na secção *resultados*. Na base de dados foram introduzidas as variáveis sócio-demográficas (idade, grupo, sexo, nacionalidade e profissão dos pais) assim como as variáveis linguísticas (palavras e pseudopalavras introduzidas na prova). Estas últimas foram classificadas como variáveis ordinais, tendo sido introduzidos os seguintes critérios: i) item produzido como [ɐ̃w̃ʃ]; ii) item produzido como [õj̃ʃ]; iii) item produzido como [ɐ̃j̃ʃ]; iv) outras produções não contempladas pelo investigador no desenho inicial, que foram surgindo à medida que a investigadora foi realizando as transcrições fonéticas.

Durante a aplicação da prova, foi necessário incluir alguns procedimentos, não previstos no desenho inicial, mas que, por necessidade durante a aplicação da mesma, foram

[14] Apesar de não se pretender dar esta instrução (usando o artigo definido <o>, em vez do indefinido <um>) durante a recolha de dados, a investigadora acabou por usá-la com frequência, de forma a solucionar a nomeação das imagens no plural. Este facto pode ser considerado como uma limitação ao estudo.

[15] Cada criança foi codificada com um número, o qual é usado na sua identificação. Inicialmente, tinham sido integradas no estudo crianças provenientes do Distrito de Évora, mas por motivos de controlo de variáveis sócio-linguísticas, foram retiradas. Por este motivo, os registos relativos às transcrições fonéticas apresentados no apêndice VII contam com 143 sujeitos e não apenas com os 130 apresentados neste estudo.

considerados, tais como a estimulação da produção de alguns dos itens utilizados nas provas. Por várias vezes, e tendo cumprido com sucesso os itens de treino, algumas crianças, a meio da prova, deixaram de realizar a formação do plural, motivo que levou o investigador a adoptar um dos seguintes procedimentos: i) pedir para repetir, enfatizando "*aqui está um... e aqui estão dois...*"; ii) retomar os itens de treino (exemplificando novamente); iii) retomar o estímulo anterior em que a criança revelou sucesso na execução da tarefa. Apesar deste procedimento, algumas das crianças continuaram a não produzir a forma do plural. Assim, apenas foram contabilizadas como formas do singular aquelas que, apesar de terem sido estimuladas (através dos procedimentos imediatamente antes mencionados), a criança continuou a produzir com forma do singular.

Assumindo que a frequência de ocorrência de palavras na língua é um factor que contribui para o acesso ao léxico, considerou-se pertinente, antes da apresentação dos resultados, fazer referência a alguns dados relativos à frequência das palavras incluídas na prova, de forma a que, ao longo da apresentação e descrição dos resultados, se possa fazer referência a essas frequências. Para o acesso a estes dados, recorremos ao *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo*[16].

Patamares de Frequência ($\log_{10}/2$):

Lemas:		**Formas:**	
6 - 10	◩□□□□□	0 - 5	○○○○○
11 - 31	■□□□□□	6 - 10	◐○○○○○
32 - 100	■◩□□□□	11 - 31	●○○○○○
101 - 316	■■□□□□	32 - 100	●◐○○○○
317 - 1.000	■■◩□□□	101 - 316	●●○○○○
1.001 - 3.162	■■■□□□	317 - 1.000	●●◐○○○
3.163 - 10.000	■■■◩□□	1.001 - 3.162	●●●○○○
10.001 - 31.622	■■■■□□	3.163 - 10.000	●●●◐○○
31.623 - 100.000	■■■■◩□	10.001 - 31.622	●●●●○○
100.001 - 316.227	■■■■■□	31.623 - 100.000	●●●●◐○
316.228 - 1.000.000	■■■■■◩	100.001 - 316.227	●●●●●○
1.000.001 - 3.162.277	■■■■■■	316.228 - 1.000.000	●●●●●◐

Figura nº7 – Patamares de frequência (a partir do logaritmo de base 10 ($\log_{10}/2$)[17].

[16] Veja-se http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_lmcpc.php, de onde foi retirada a referência para os dados por nós considerados.
O Projecto tem como referência os dados obtidos para o *subcorpus* PAROLE desambiguado. É utilizada uma escala logarítmica (a partir do logaritmo de base 10 ($\log_{10}/2$).
Tendo em consideração que o *corpus* continua em constante desenvolvimento, os dados podem não traduzir exactamente a sua frequência na oralidade. No entanto, a sua utilização serve como referência para a nossa análise para comparação entre as palavras usadas.

[17] (Fonte: CLUL - Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo, disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_lmcpc.php)

No *Quadro 11*, é possível verificar a ocorrência dos lemas, e formas relativas aos mesmos, das palavras incluídas no desenho experimental. As palavras encontram-se organizadas pelos paradigmas a que pertencem: i) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]; ii) paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]; iii) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ].

Quadro 11 – Frequência de ocorrência na língua das palavras usadas na prova

	1. Grão[18]	2. Irmão[19]	3. Mão[20]
i)	@ grão (A) ■□□□□□ grão (A) ◐ ○○○○○ grãos (A) ○○○○○○ @ grão (N) ■■◩□□□ grão (N) ●●○○○○ grãos (N) ●●○○○○	@ irmão (A) ■◩□□□□ irmão (A) ●◐ ○○○○ irmãos (A) ●○○○○○ @ irmão (N) ■■■□□□ irmão (N) ●●●○○○ irmãos (N) ●●◐ ○○○	@ mão (N) ■■■◩□□ mão (N) ●●●◐ ○○ mãos (N) ●●●◐ ○○
	4. Avião[21]	5. Balão[22]	6. Limão[23]
ii)	@ avião (N) ■■■□□□ avião (N) ●●◐ ○○○ aviões (N) ●●◐ ○○○	@ balão (N) ■■□□□□ balão (N) ●●○○○○ balões (N) ●◐ ○○○○	@ limão (N) ■■◩□□□ limão (N) ●●◐ ○○○ limões (N) ●○○○○○
	7.Capitão[6]	8. Cão[24]	9. Pão[25]
iii)	@ capitão (N) ■■◩ □□□ capitães (N) ●◐ ○○○○ capitão (N) ●●◐ ○○○	@ cão (N) ■■■□□□ cães (N) ●●◐ ○○○ cão (N) ●●◐ ○○○	@ pão (N) ■■■□□□ pães (N) ●○○○○○ pão (N) ●●●○○○

Tendo em consideração a informação disponibilizada no *Quadro11*, constata-se que, para o paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ], a frequência das palavras seleccionadas para o instrumento é, no PE, na seguinte (ordem crescente): proporção

[18] Grão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_g.pdf
[19] Irmão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_i.pdf
[20] Mão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_m.pdf
[21] Avião – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_a.pdf
[22] Balão - – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_b.pdf
[23] Limão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_l.pdf
[24] Cão e Capitão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_c.pdf
[25] Pão – informação disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcpc/corlex_alf_p.pdf

mão>>irmão>>grão. Relativamente às palavras incluídas no paradigma dos nomes terminados em [õj̃ʃ], verificam-se diferenças na ocorrência destes nomes entre a forma de singular e a forma de plural. Para a forma no singular, a ordem crescente de ocorrência é: *avião; balão>>limão*. No que se refere à forma do plural, e ordenados de forma crescente relativamente à sua ocorrência na língua, os itens encontram-se na seguinte ordem crescente: *aviões>>balões>>limões*. Finalmente, e para os itens lexicais do paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ], também se verificam diferenças entre a ocorrência das formas do plural e do singular, sendo que para o singular se organizam da seguinte forma: *pão>>cão;capitão*; para o plural, as frequências alteram-se, passando a registar-se outra ordem: *cães>>capitães>>pães*.

Quadro 12 – Ordenação crescente das palavras incluídas na prova por frequência de ocorrência de lemas e formas na língua

Lemas (+ freq.>>- freq.)	**Formas**	
	Singular	**Plural**
mão>> irmão >>grão	mão>> irmão >>grão	mãos>> irmãos >>grãos
avião>>limão>> balão	avião>> balão>> limão	aviões>> balões>> limões
cão;pão>> capitão	pão>>cão; capitão	cães>>capitães>>pães

No *Quadro 12*, verifica-se que existem diferenças na ocorrência dos lemas e formas das palavras incluídas na prova. Constata-se ainda que as palavras não ocorrem na mesma proporção no singular e no plural; tendo em conta a natureza do projecto, tomaremos como referência apenas a ordenação das frequências para o plural.

Para se afirmar que um segmento está adquirido, muitas têm sido as propostas na literatura. A título ilustrativo, Smit (2004) e Mendes *et al.* (2009) consideram que a idade em que pelo menos 75% (ou 90%) das crianças o usa correctamente em todas as posições testadas. Bernhardt (1992, citado por Barberena *et al.*, 2008) utiliza ainda a seguinte escala como critério para aquisição do segmento.

i) entre 0-39% - segmento adquirido;
ii) entre 40-79% - segmento parcialmente adquirido;
iii) acima de 80% - segmento estabelecido.

A proposta de Hernandorena (1990, citado por Correia, 2004), adoptada na presente tese, propõe quatro critérios para a definição da fase de aquisição de uma estrutura linguística:

i) entre 0-50% - não adquirido;
ii) entre 51-75% - em aquisição;
iii) 76-85% - adquirido mas não estabilizado;
iv) 86-100% - estabilizado/dominado.

No próximo capítulo, preceder-se-á à apresentação dos resultados obtidos pelas crianças. Serão apresentados os resultados globais, por paradigma e por item lexical, em função de cada grupo etário.

3. Apresentação, descrição e discussão dos resultados

Neste capítulo, apresentar-se-ão os resultados obtidos a partir da aplicação do instrumento concebido para a recolha de dados inerente a este projecto de investigação. Procurar-se-á descrever o comportamento linguístico das crianças relativamente à formação do plural das palavras terminadas em ditongo nasal, quer de forma global, através do recurso à estatística descritiva, quer através de análise de casos particulares que mereçam destaque. Pretender-se-á, ainda, dar conta da evolução desta estrutura, numa perspectiva transversal, ao longo das faixas etárias incluídas no estudo, e relatar, comparando, as diferenças de resultados obtidas entre os vários os grupos etários.

Os resultados encontram-se organizados em vários itens: i) apresentação dos resultados relativos ao Grupo I (crianças com 3 anos de idade) na prova de palavras (3.1.1) e na de pseudopalavras (3.1.2.) ; ii) apresentação dos resultados relativos ao Grupo II (crianças com 4 anos de idade) na prova de palavras (3.2.1.) e na de pseudopalavras (3.2.2.) ; iii) apresentação dos resultados relativos ao Grupo III (crianças com 5 anos de idade) na prova de palavras (3.3.1.) e de pseudopalavras (3.3.3.); iv) apresentação dos resultados relativas ao Grupo IV (crianças com 6 anos a frequentar o primeiro ano do primeiro Ciclo do Ensino Básico) na prova de palavras (3.4.1.) e de pseudopalavras (3.4.2.); v) discussão dos resultados (3.5.).

3.1. Resultados do Grupo I

Nesta secção, descrever-se-ão os resultados relativos ao Grupo I, correspondente à faixa etária dos 3 anos, na prova de palavras (3.1.1.) e na prova de pseudopalavras (3.1.2.). Num primeiro momento, serão apresentados os resultados globais para cada formato de produção do plural ([ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]), independentemente do alvo. Seguidamente realizar-se-á uma análise por paradigma e por item lexical e, sempre que se justifique, os dados obtidos serão comparados com os descritos no *Corpus do Português Fundamental*. Os resultados relativos à prova das pseudopalavras serão apresentados no final da secção. Tal como na prova de palavras, primeiramente apresentar-se-ão as médias globais de produção em função de cada formato possível para a formação do plural de ditongo nasal e, em seguida, serão apresentadas as frequências de ocorrência por paradigma e por item apresentado.

3.1.1. Resultados do Grupo I para a prova de palavras

Serão apresentados nesta secção, os resultados relativos ao Grupo I, para a produção de palavras, que inclui a crianças na faixa etária dos 3 anos, nas tarefas de formação do plural em palavras da categoria gramatical *nome*, através da aplicação de uma prova de nomeação. Serão primeiramente descritos os dados gerais obtidos, sendo posteriormente descritas e analisadas as médias das produções em função das possibilidades de formação do plural para o ditongo nasal [ɐ̃w̃], a saber [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]. *A posteriori*, apresentar-se-á a análise em função de cada paradigma de formação do plural [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], assim como dos itens lexicais nele incluídos.

Observem-se, em (18), algumas das produções das crianças do Grupo I em conformidade com o alvo (18a, 18b e 18c), assim como algumas produções desviantes (18d, 18e e 18f).

(18) *Exemplos de produções das crianças do Grupo I*

(a)	Mãos	[ˊmɐ̃w̃ʃ]	→	[ˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 99: 3A11M)
(b)	Balões	[bɐˊlõj̃ʃ]	→	[bɐˊlõj̃ʃ]	(Criança 100: 3A 3M)
(c)	Cães	[ˊkɐ̃j̃ʃ]	→	[ˊkɐ̃j̃ʃ]	(Criança 52: 3A 4M)
(d)	Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→	[iɾˊmɐ̃j̃ʃ]	(Criança 52: 3A 4M)
(e)	Limões	[liˊmõj̃ʃ]	→	[liˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 38: 3A 6M)
(f)	Pães	[ˊpɐ̃j̃ʃ]	→	[ˊpɐ̃w̃ʃ]	(Criança 100: 3A3M)

Agruparam-se os dados relativos às produções das crianças deste no grupo e obtiveram-se médias das suas produções em função dos formatos possíveis para as estruturas em análise, [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]. No *Gráfico 1*, são apresentados os valores percentuais globais de produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], independentemente do formato da

estrutura-alvo. No gráfico, é referida a categoria *outras respostas*[26], onde são agrupadas produções não contempladas inicialmente pelo investigador.

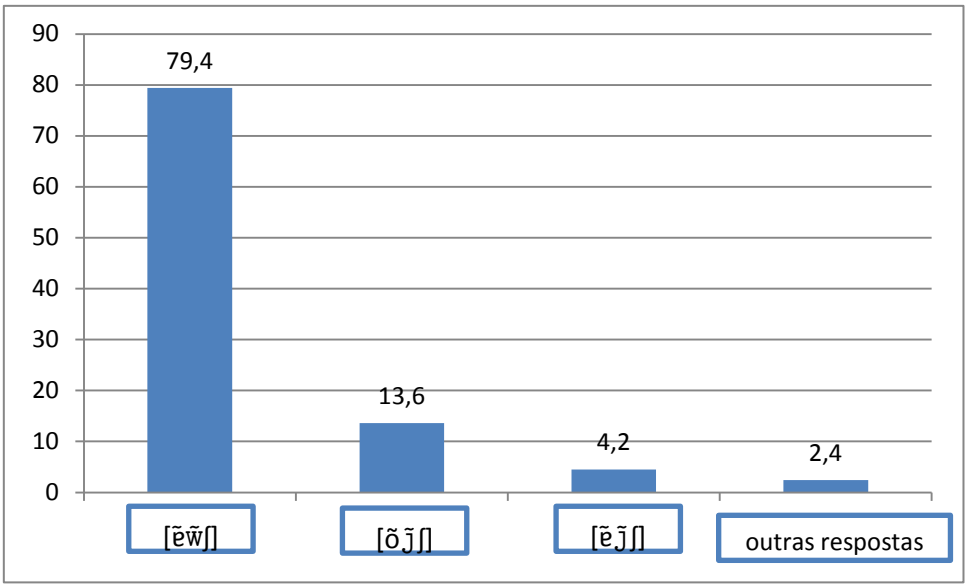


Gráfico 1 - Distribuição da média das frequências relativas para as produção dos ditongos em [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ] (nº de respostas=288) no Grupo I (N=32)

Através da análise do gráfico, facilmente se verifica que o formato [ɐ̃w̃ʃ] é, sem dúvida, o que as crianças mais usam para formar plurais, nesta faixa etária. Este formato assume cerca de 80% de ocorrências, por oposição às outras formas, que registam valores bastante inferiores, sendo que [õj̃ʃ] revela um uso de 13,6%, [ɐ̃j̃ʃ] um uso de 4,2% e as restantes ocorrências, referidas no gráfico como *outros*, apresentam um valor de 2,4%.

No *Quadro 13* são identificadas, quantificadas e descritas as produções incluídas na categoria *outras respostas* e feita referência à criança que as utilizou. Foram, neste grupo, identificadas cinco possibilidades correspondentes a sete produções, incluídas, nesta categoria: a) não marcação da forma de plural; b) utilização de outra forma, que não as esperadas; c) autocorrecções em que as crianças realizaram primeiro a produção conforme ao alvo, seguida de uma produção desviante; d) autocorrecções em que primeiro ocorreu uma produção desviante, seguida de uma produção correspondente ao alvo; e) duas produções desviantes.

[26] Conforme descrito no capítulo *Aspectos Metodológicos*, a categoria *outros* engloba comportamentos linguísticos não contemplados inicialmente pelo investigador, como sejam produções não esperadas, não formação do plural ou a realização de duas produções distintas para o mesmo alvo (autocorrecções).

Quadro 13 – Outras respostas apresentadas pelas crianças do Grupo I

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Ausência de marcador de plural	Capitães [kɐpi´tɐ̃ʃ] Irmãos [iɾmɐ̃w̃ʃ]	[kɐpi´tɐ̃w̃] [iɾmɐ̃w̃]	Criança 37 (3A6M) Criança 100 (3A3M)
Alternância do formato fonético	Capitães [kɐpi´tɐ̃ʃ] Aviões [ɐvi´õʃ]	[kɐpi´ tõʃ] [ɐvi´õʃ]	Criança 101 (3A 4M) Criança 110 (3A 1M)
Autocorrecções correcto →incorrecto	Aviões [ɐvi´õʃ]	1ª prod. [ɐvi´õʃ] 2ª prod. [ɐvi´ ɐ̃w̃ʃ]	Criança 72 (3A 2M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Cães [´kɐ̃ʃ]	1ª prod. [´kɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [´kɐ̃ʃ]	Criança 72 (3A 2M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Limões [li´mõʃ]	1ª prod. [li´mõʃ] 2ª prod. [li´mɐ̃w̃ʃ]	Criança (3A M)

Concluída a análise global dos resultados, passamos à observação dos resultados em função de cada paradigma alvo possível para a estrutura em análise:

i) Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] (secção 3.1.1.1.);

ii) Paradigma das palavras terminadas em [õʃ] (secção 3.1.1.2.);

iii) Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ʃ] (secção 3.1.1.3.).

Estes resultados dão conta das produções das crianças de 3 anos para cada um dos três tipos de estruturas-alvo. Vejam-se, em (19), alguns exemplos de produções das crianças do Grupo II:

(19) *Exemplos de produções (correctas e desviantes) das crianças do Grupo I para cada um dos alvos incluídos na prova de palavras*

(a)	Mãos	[ˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [ˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 20: 3A11M)
(b)	Grãos	[ˋgɾɐ̃w̃ʃ]	→ [ˋgɾɐ̃w̃ʃ]	(Criança 99: 3A11M)
(c)	Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 110: 3A1M)
(d)	Aviões	[ɐviˊõj̃ʃ]	→ [ɐviˊõj̃ʃ]	(Criança 109: 3A6M)
(e)	Limões	[liˊmõj̃ʃ]	→ [liˊmõj̃ʃ]	(Criança 111: 3A1M)
(f)	Balões	[bɐˊlõj̃ʃ]	→ [bɐˊlõj̃ʃ]	(Criança 108: 3A9M)
(g)	Pães	[ˊpɐ̃j̃ʃ]	→ [ˊpɐ̃j̃ʃ]	(Criança 109: 3A6M)
(h)	Capitães	[kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	(Criança 77: 3A6M)
(i)	Cães	[ˊkɐ̃j̃ʃ]	→ [ˊkɐ̃j̃ʃ]	(Criança 73: 3A11M)
(j)	Grãos	[ˋgɾɐ̃w̃ʃ]	→ [ˋgɾɐ̃j̃ʃ]	(Criança 39: 3A05M)
(k)	Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾˊmõj̃ʃ]	(Criança 72: 3A 2M)
(l)	Aviões	[ɐviˊõj̃ʃ]	→ [ɐviˊɐ̃w̃ʃ]	(Criança 101: 3A4M)
(m)	Limões	[liˊmõj̃ʃ]	→ [liˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 102: 3A11M)
(n)	Balões	[bɐˊlõj̃ʃ]	→ [bɐˊlɐ̃w̃ʃ]	(Criança 105: 3A4M)
(o)	Pães	[ˊpɐ̃j̃ʃ]	→ [ˊpɐ̃w̃ʃ]	(Criança 99: 3A11M)
(p)	Capitães	[kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpiˊtɐ̃w̃ʃ]	(Criança 111: 3A1M)
(q)	Cães	[ˊkɐ̃j̃ʃ]	→ [ˊkɐ̃w̃ʃ]	(Criança 101: 3A4M)

3.1.1.1.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

Para apresentação dos resultados relativos ao paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ], elaborou-se o gráfico que se segue, onde são apresentadas as médias das produções das crianças em função do formato de ditongo seleccionado.

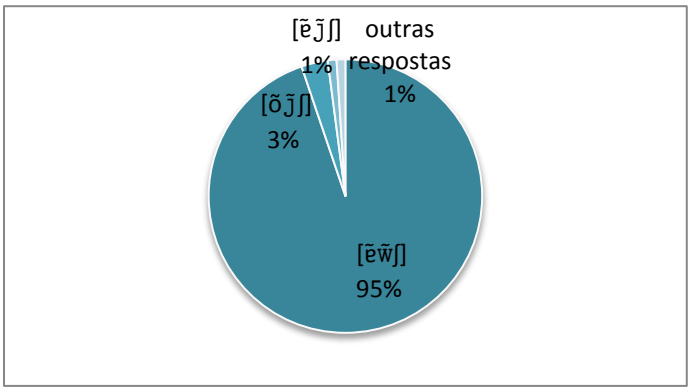


Gráfico 2- Distribuição das médias das frequências relativas do número de respostas (n=96) para o Grupo I (N=32) no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

Pode afirmar-se que as respostas estão, quase na sua totalidade, em conformidade com o alvo, apresentando 95% de ocorrências de produção de [ɐ̃w̃ʃ]. No que se refere às formas desviantes previstas (apresentadas em 20), todas as restantes possibilidades registam frequências residuais, 3% relativos à forma [õʒʃ], correspondente apenas a três produções, e apenas 1% assume a forma [ɐ̃ʒʃ], relativa a uma produção.

(20) *Produções desviantes no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]*

Grãos	[ˊgɾɐ̃w̃ʃ]	→ [ˊgɾõʒʃ]	(Criança 39: 3A 5M)
Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾˊmõʒʃ]	(Criança 72: 3A 2M)
Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾˊmõʒʃ]	(Criança 111: 3A 1M)
Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾmɐ̃ʒʃ]	(Criança 52: 3A 4M)

Em seguida, apresentam-se os resultados (médias percentuais) em função de cada item lexical incluído no paradigma [ɐ̃w̃ʃ].

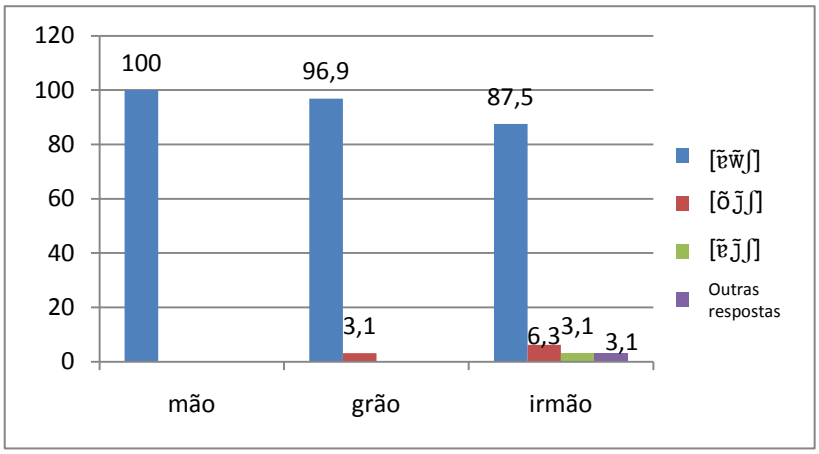


Gráfico 3 - Distribuição das médias das frequências das respostas(n=96) relativas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], por item lexical, no Grupo I (N=32)

A preferência pelo formato alvo [ɐ̃w̃ʃ] é inquestionável, sendo de destacar que, em *mão*, todo o grupo é fiel ao alvo. Contudo, nos restantes itens, não havendo fidelidade total, esta apresenta valores muito elevados (96,9% para [ˊgɾɐ̃w̃ʃ] e 87,5% para [iɾˊmɐ̃w̃ʃ]), sendo as restantes formas residuais, como descrito anteriormente. Apenas a ocorrência do item *mão* respeita a frequência de ocorrência para o PE (*mãos>>irmãos>>grãos*).

3.1.1.2. Paradigma das palavras terminadas em [õjʃ]

Para uma melhor análise dos resultados relativos às palavras incluídas no paradigma [õjʃ], sistematizámos a informação no *Gráfico 4*, onde são apresentadas as médias das produções das crianças para as palavras alvo terminadas em [õjʃ].

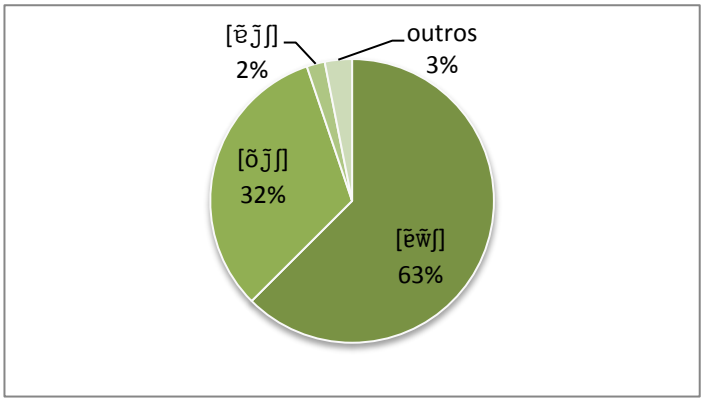


Gráfico 4 - Distribuição das médias das frequências das respostas (n=96) relativas no paradigma [õjʃ] no Grupo I (N=32)

De acordo com os dados apresentados no *Gráfico 4*, verifica-se que as crianças com 3 anos não revelam fidelidade relativamente ao alvo, tendo sido registados 32% de ocorrências do formato [õj̃ʃ]. As crianças deste grupo demonstram preferência pela forma [ɐ̃w̃ʃ], apresentando-se este formato com 63%.

No que concerne às restantes formas desviantes, a sua ocorrência é residual, tendo sido identificados 2% de produções terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] e 3% de outras produções (referidas no *Quadro 14*).

(21) *Exemplos do uso de forma desviante [ɐ̃j̃ʃ]*

Limões [li'mõj̃ʃ] → [li'mɐ̃j̃ʃ] (Criança 103: 3A 9M)

Balões [bɐ'lõj̃ʃ] →[bɐ'lɐ̃j̃ʃ] (Criança 73: 3A 11M)

Quadro 14 - Outras produções registadas nas palavras incluídas no paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Alternância do formato fonético	Aviões [ɐvi´õj̃ʃ]	[ɐvi´õʃ]	Criança 110 (3A 1M)
Autocorrecções: correcto →incorrecto	Aviões [ɐvi´õj̃ʃ]	1ª prod. [ɐvi´õj̃ʃ] 2ª prod. [ɐvi´ ɐ̃w̃ʃ]	Criança 72 (3A 2M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Limões [li´mõj̃ʃ]	1ª prod. [li´mõʃ] 2ª prod. [li´mɐ̃w̃ʃ]	Criança 52(3A 4M)

Após a análise global, seguem-se os dados relativos aos itens lexicais incluídos no paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ], apresentados no *Gráfico 5*.

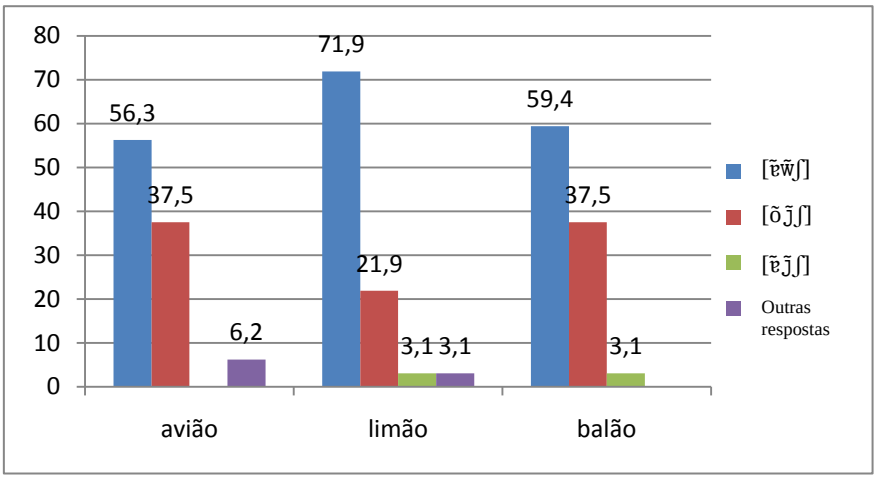


Gráfico 5 - Distribuição das frequências relativas das respostas (n=96), no paradigma [õjʃ], por item lexical, no Grupo I (N=32)

Conforme constatado no ponto anterior, o Grupo I dá preferência a uma forma desviante, não respeitando ainda o modelo adulto. Assim, as respostas conformes ao alvo são inferiores à forma desviante de eleição, ocorrendo nas seguintes proporções para cada item lexical: *aviões* (37,5%)>>*balões* (37,5%)>>*limões*(21,9%).

No que se refere às formas não coincidentes com o alvo, e como já mencionado, a forma preferida pela amostra para realizar o plural das palavras incluídas neste paradigma é [ɐ̃w̃ʃ], verificando-se que o item com maior número de produções em [õjʃ] é *limão* (75%), seguido de *balão* (59,4%) e de *avião* (56,3%), inversamente proporcional à ordem de ocorrência para o PE (*aviões*>>*balões*>>*limões*).

3.1.1.3. Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃jʃ]

No *Gráfico 6*, é possível observar as médias percentuais relativas às produções das crianças do Grupo I para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃jʃ].

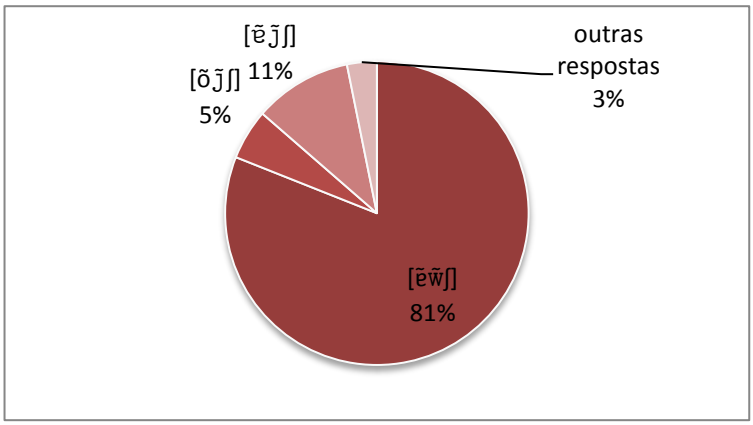


Gráfico 6 - Distribuição das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo I (N=32) no paradigma [ɐ̃j̃ʃ]

Na formação de plurais de palavras que pertencem ao paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ], o Grupo I mostra-se muito pouco sensível ao alvo, apresentando apenas 11% de produções coincidentes com o mesmo (10/98).

Quadro 15- Descrição das produções conformes ao alvo – paradigma [ɐ̃j̃ʃ]

Estímulo		**Produções**	**Identificação da criança**
Capitães	[kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	[kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	Criança 77: 3A6M
Pães	[pɐ̃j̃ʃ]	[pɐ̃j̃ʃ]	Criança 109: 3A6M
Cães	[´kɐ̃j̃ʃ]	[´kɐ̃j̃ʃ]	Criança 35: 3A 4M Criança 37: 3A 6M Criança 39: 3A 5M Criança 52: 3A 4M Criança 73: 3A 11M Criança 89: 3A 11M Criança 109: 3A6M Criança 111: 3A 1M

Assim, a maioria das produções assume um padrão desviante, sendo o formato [ɐ̃w̃ʃ] o que continua a prevalecer, apresentando 81% das preferências por parte do Grupo I.
Realativamente às restantes produções, em 7% dos casos (5/98) é seleccionado o formato [õj̃ʃ] e em 3% das situações, ocorrem outro tipo de produções (3/98), que podem ser consideradas residuais.

Quadro 16 - Selecção de [õj̃ʃ] como alternativa ao alvo

Estímulo	Produções	Identificação da criança
Capitães [kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	[kɐpi´tõj̃ʃ]	(Criança 35: 3A 4M) (Criança 39: 3A 5M) (Criança 52 3A 4M) (Criança 65: 3 A 8M) (Criança 109: 3A 6M)

O único item para o qual as crianças seleccionam o formato [õj̃ʃ] como alternativa ao formato em concordância com o modelo adulto é *capitão*.

Quadro 17 - Outras produções realizadas pelas crianças no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Ausência de marcador de plural	Capitães [kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	[kɐpi´tɐ̃w̃]	Criança 37 (3A6M)
Alternância do formato fonético	Capitães [kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	[kɐpi´ tõʃ]	Criança 101 (3A 4M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Cães [´kɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [´kɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [´kɐ̃j̃ʃ]	Criança 72 (3A 2M)

Seguidamente, passar-se-á a analisar os resultados relativos ao paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ], observando a prestação linguística das crianças relativamente a cada um dos estímulos lexicais apresentados. Para tal, observe-se o *Gráfico 7*.

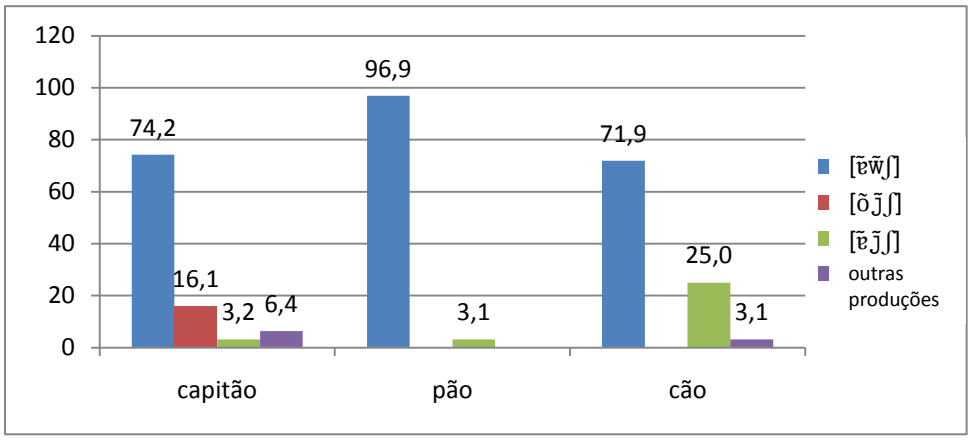


Gráfico 7 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo I no paradigma [ɐ̃j̃ʃ], por item lexical

Como descrito anteriormente, as produções das crianças concordantes com o modelo adulto revelam-se escassas neste paradigma: através da análise do *Gráfico 7*, é possível constatar que, além de raras, se distribuem de forma pouco homogénea entre os diferentes estímulos: *cão* apresenta os valores mais elevados (25%) de conformidade com o alvo, seguido de *capitão* (3,2%) e de *pão* (3,1%), ilustrados em (9). No caso de *cão*, e sendo o único que apresenta um valor expressivo relativamente ao uso do formato [ɐ̃j̃ʃ], pode considerar-se que se verifica um efeito lexical, uma vez que, dos três itens, é *cães* o que apresenta maior frequência na língua portuguesa: *cães>>capitães>>pães* (Cf. *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo – CLUL*).

Conforme mencionado na análise global deste paradigma, e no que diz respeito às formas desviantes, o *Grupo I* revela clara preferência pelo formato [ɐ̃w̃ʃ]. O valor de 81%, obtido a partir das médias relativas aos itens lexicais contemplados, distribui-se de forma mais ou menos uniforme entre os e estímulos apresentados, revelando sempre valores superiores a 70% em *pão* (96,9%), *capitão* (74,2%) e *cão* (71,9%).

3.1.2. Resultados do Grupo I para a prova das Pseudopalavras

Nesta secção, far-se-á a apresentação dos resultados obtidos pelo Grupo I na prova de pseudopalavras, sendo apresentados em dois momentos: i) resultados globais das

produções para as pseudopalavras (por formato de plural) e ii) apresentação dos resultados por pseudopalavra.

No *Gráfico 8*, são apresentados os resultados globais relativos a este grupo, na prova de pseudopalavras.

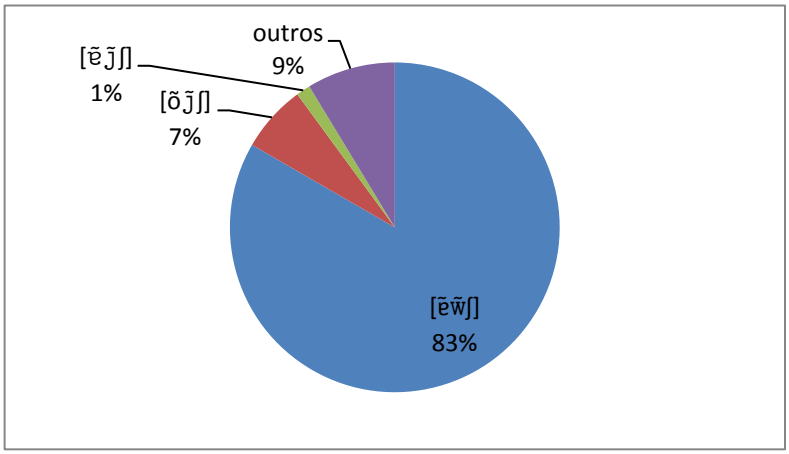


Gráfico 8 - Distribuição das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo I (N=32) para a prova de pseudopalavras

Observando o comportamento das crianças do Grupo I na prova de pseudopalavras, constata-se que a única produção que se destaca é [ɐ̃w̃ʃ]. Os restantes tipos apresentam valores percentuais inferiores a 10%, sendo de referir que [ɐ̃ɲʃ] apenas regista 1% de ocorrências, a forma [õɲʃ] regista 7% de produções, e outro tipo de produções, como seja a não marcação do plural, atinge os 9%, conforme é possível observar no *Quadro 18.*

Quadro 18 - Produções residuais do Grupo I na prova de pseudopalavras

Produções Residuais	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Produções residuais: uso de [ɐ̃ɲʃ] para formar o plural	Sufão [suˊf ɐ̃w̃]	[suˊf ɐ̃ɲʃ]	Criança 64: 3A 4M
	Pifão [piˊf ɐ̃w̃]	[piˊf ɐ̃ɲʃ]	Criança 73: 3A 11M
	Bitão [biˊt ɐ̃w̃]	[biˊt ɐ̃ɲʃ]	Criança 73: 3A 11M
	Nibão [niˊb ɐ̃w̃]	[niˊb ɐ̃ɲʃ]	Criança 73: 3A 11M
Produções residuais: uso de [õɲʃ] para formar o plural	Pifão [piˊf ɐ̃w̃]	[piˊfõɲʃ]	Criança 52: 3A 4M
	Catão [kɐˊtɐ̃w̃]	[kɐˊtõɲʃ]	Criança 35: 3A 4M Criança 39: 3 A 5M Criança 52: 3A 4M

			Criança 109: 3A 6M Criança 111: 3A 1M
	Tipão [ti´p ɐ̃w̃]	[ti´põ ʃ]	Criança 39: 3A5M Criança 52: 3A 4M
	Bitão [bi´t ɐ̃w̃]	[bi´tõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M Criança 52: 3A 4M Criança 109: 3A 6M
	Futão [fu´t ɐ̃w̃]	[fu´tõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M Criança 109: 3A 6M
	Nibão [ni´bɐ̃w̃]	[ni´bõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M Criança 52: 3A 4M
	Vatão [va´tɐ̃w̃]	[va´tõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M Criança 52: 3A 4M
	Sufão [su´fɐ̃w̃]	[su´fõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M
	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dõ ʃ]	Criança 39: 3 A 5M
Ausência de marcador de plural	Pifão [pi´f ɐ̃w̃] Pifão [pi´f ɐ̃w̃]	[fi´f ɐ̃w̃] [pi´f ɐ̃w̃]	Criança 37: 3A6M Criança 100: 3A 3M Criança 106: 3A 10M
	Tipão [ti´p ɐ̃w̃]	[ti´p ɐ̃w̃]	Criança 100: 3A 3M Criança 106: 3A 10M
	Bitão [bi´t ɐ̃w̃]	[bi´t ɐ̃w̃]	Criança 37: 3A6M Criança 64: 3A 4M Criança 100: 3A 3M
	Futão [fu´t ɐ̃w̃]	[fu´t ɐ̃w̃]	Criança 37: 3A6M Criança 100: 3A 3M
	Nibão [ni´bɐ̃w̃]	[ni´bɐ̃w̃]	Criança 100: 3A 3M Criança 102: 3A 11M
	Vatão [va´tɐ̃w̃]	[va´tɐ̃w̃]	Criança 100: 3A 3M
	Sufão [su´fɐ̃w̃]	[su´fɐ̃w̃]	Criança 37: 3A6M Criança 100: 3A 3M Criança 106: 3A 10M
	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dɐ̃w̃]	Criança 37: 3A6M Criança 64: 3A 4M Criança 100: 3A 3M Criança 106: 3A 10M
Uso de [õʃ] para formar o plural	Pifão [pi´f ɐ̃w̃]	[pi´ fõʃ]	Criança 108: 3A9M Criança 109: 3A 6M
Autocorrecções	Futão [fu´tɐ̃w̃]	1ª prod. [fu´tõ ʃ]	Criança 52: 3A4M

[õj̃ʃ] → [ɐ̃w̃ʃ].		2ª prod. [fu´t ɐ̃w̃ʃ]	
	Nibão [ni´bɐ̃w̃]	1ª prod. [ni´bõj̃ʃ] 2ª prod. [ni´bɐ̃w̃ʃ]	Criança 52: 3A4M
	Vatão [vɐ´tɐ̃w̃]	1ª prod. [vɐ´tõj̃ʃ] 2ª prod. [vɐ´tɐ̃w̃ʃ]	(Criança 77: 3A 6M)

No *Gráfico9*, são apresentadas as médias de ocorrências dos diferentes tipos de ditongos registados no desempenho da tarefa, em função de cada estímulo apresentado.

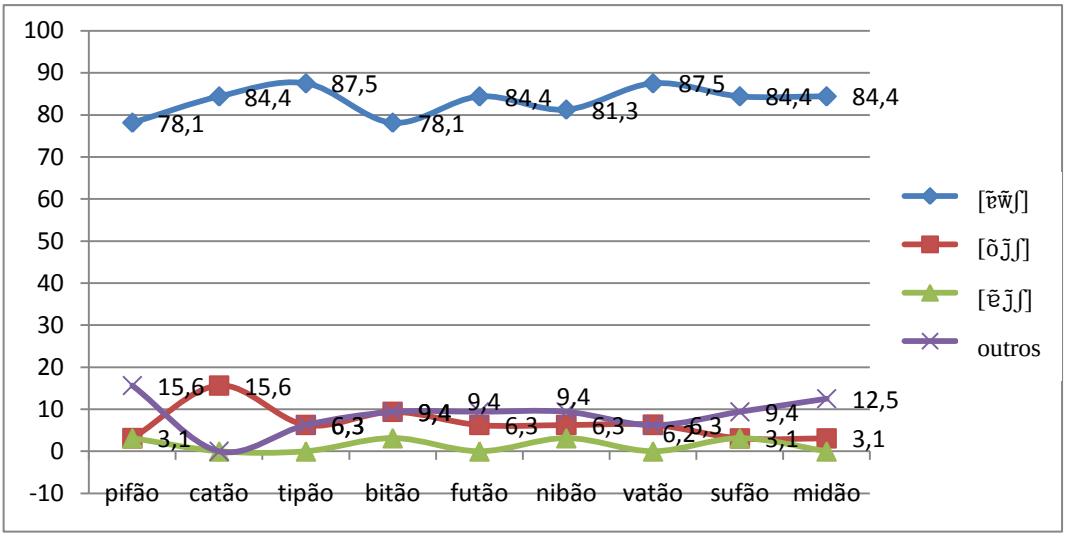


Gráfico 9 - Distribuição das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo I, por estímulo apresentado, na prova de pseudopalavras

Na análise do *Gráfico 9*, observa-se, além da preferência pelo formato [ɐ̃w̃ʃ] (83%), que a distribuição entre os itens se faz de forma equilibrada entre os 78% e 88%.

Relativamente à possibilidade de [ɐ̃j̃ʃ] para formação do plural, esta apenas é seleccionada em 4 pseudopalavras: *pifão*, *bitão*, *nibão* e *vatão*, sendo as três última seleccionadas pela mesma criança, conforme apresentado em 10.

3.1.3. Sumário

Analisando os dados provenientes da estatística descritiva relatados ao longo deste capítulo, é possível verificar que o Grupo I se comporta da seguinte forma:

(i) preferência pela forma [ɐ̃w̃ʃ], na prova de palavras (em todos os paradigmas):
   a. para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], observa-se um elevado nível de fidelidade ao alvo;
   b. constitui-se como forma desviante privilegiada.

(ii) não se verifica preferência pelo alvo no paradigma [õj̃ʃ]; o formato desviante privilegiado é [ɐ̃w̃ʃ].

(iii) a forma [ẽj̃ʃ] não constitui uma opção para formação do plural.

(iv) em termos lexicais, regista-se um possível efeito lexical no ite*m cão.*

(v) na prova de pseudopalavras, 83% do Grupo I prefere o formato [ɐ̃w̃ʃ]; tal como na prova de palavras, as crianças dos 3 anos optam preferencialmente por este formato do ditongo.

3.2. Resultados do Grupo II

Nesta secção, são apresentados os resultados obtidos pelas crianças incluídas no Grupo II, correspondente à faixa etária dos 4 anos, para as tarefas apresentadas: i) formação do plural de nomes terminados em ditongo nasal e ii) formação do plural de pseudopalavras terminadas em ditongo nasal [ɐ̃w̃]. Serão apresentados, primeiramente, os resultados genéricos para cada formato de produção do plural ([ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]), independentemente do alvo, e posteriormente será realizada uma análise por paradigma e item lexical. Sempre que se justifique, será feita referência às frequências de ocorrência descritas no *Corpus do Português Fundamental*, de modo a relacionar as produções conformes, ou não, ao alvo, com a frequência de ocorrência das mesmas na língua. Finalmente, apresentar-se-ão os resultados relativos à prova das pseudopalavras. Tal como na descrição para a prova das palavras, será apresentada globalmente a média das frequências de produção em função de cada formato possível para a formação do plural de ditongo nasal e, em seguida, apresentadas as frequências de ocorrência por estímulo apresentado.

3.2.1. Resultados do Grupo II para a prova de palavras

Segue-se a apresentação de algumas das produções do Grupo II, sendo as primeiras (1a, 1b, e 1c) relativas a produções que coincidem com o alvo e as seguintes (1d, 1e, 1f) relativas a exemplos que não vão ao encontro do formato do adulto.

(22) *Exemplos de produções de crianças do Grupo II*

(g)	Irmãos	[iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	→	[iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	(Criança 14: 4A 3M)
(h)	Limões	[li´mõj̃ʃ]	→	[li´mõj̃ʃ]	(Criança 21: 4A 1M)
(i)	Pães	[´pɐ̃j̃ʃ]	→	[´pɐ̃j̃ʃ]	(Criança 45: 4A 11M)
(j)	Grãos	[ˈgɾɐ̃w̃ʃ]	→	[ˈgɾõj̃ʃ]	(Criança 56: 4A 7M)
(k)	Balões	[bɐlõj̃ʃ]	→	[bɐlɐ̃w̃ʃ]	(Criança 41: 5A 3M)
(l)	Capitães	[kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	→	[kɐpi´t ɐ̃w̃ʃ]	(Criança 47: 4A 11M)

A partir das produções das crianças, agruparam-se os dados em função de cada formato possível para o ditongo nasal na formação do plural. No *Gráfico 10,* são apresentadas as médias das frequências relativas globais para a produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], apresentadas pelo Grupo II. À semelhança do Grupo I, também neste grupo aparece a categoria *outras respostas*, que contempla outro tipo de produções não previstas no desenho experimental pela investigadora.

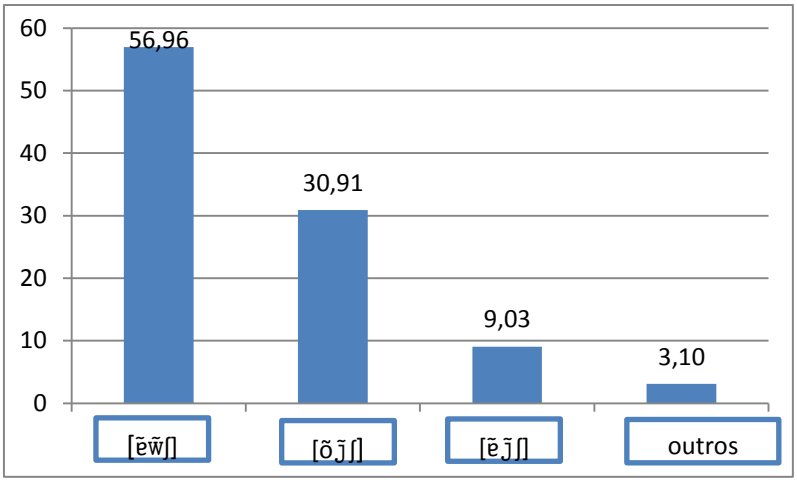


Gráfico 10- Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo II (N=32) na prova de palavras

Como é possível constatar, a partir da observação do gráfico, verifica-se uma preferência pelo formato [ɐ̃w̃ʃ] (57%), sendo que o segundo formato privilegiado é [õj̃ʃ] (31%). Apenas 9% dos formatos correspondem a [ɐ̃j̃ʃ]. É ainda de referir que 1,79% (9/98) realiza produções não contempladas nas três categorias referidas.

Quadro19 – Outras respostas apresentadas pelo Grupo II para a prova de palavras

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Ausência de marcador de plural	Grãos [ˊgɾɐ̃w̃ʃ] Capitães [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] Pães [ˊpɐ̃j̃ʃ] Limões [liˊmõj̃ʃ]	[ˊgɾɐ̃w̃] [kɐpiˊtɐ̃w̃] [ˊpɐ̃w̃] [liˊmɐ̃w̃]	Criança 8: 4A 08M Criança 8: 4A 08M Criança 15: 4A 01M Criança 8: 4A 08M Criança 8: 4A 08M

Autocorrecções correcto →incorrecto	Grãos [ˊgɾɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [ˊgɾɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [ˊgɾõj̃ʃ]	Criança 78 (4A8M)
	Pães [ˊpɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [ˊpɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [ˊpõj̃ʃ]	Criança 9 (4A7M)
	Limões [liˊmõj̃ʃ]	1ª prod. [liˊmõj̃ʃ] 2ª prod. [liˊmɐ̃w̃ʃ]	Criança 60 (4A6M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Cães [ˊkɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [ˊkõj̃ʃ] 2ª prod. [ˊkɐ̃j̃ʃ]	Criança 45 (4A 11M)

Após a análise global dos resultados, segue-se a apresentação dos resultados, para o Grupo II, em função de cada paradigma alvo possível para a estrutura em análise: i) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] (3.2.1.1.); ii) paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] (3.2.1.2.); iii) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] (3.2.1.3.).

Observe-se em (23) alguns exemplos de produções das crianças do Grupo II para cada item lexical incluído na prova de palavras:

(23) *Exemplos de produções (correctas e desviantes) das crianças do Grupo II para cada um dos alvos incluídos na prova de palavras*

(a) Mãos [ˊmɐ̃w̃ʃ] → [ˊmɐ̃w̃ʃ] (Criança 97: 4A6M)

(b) Grãos [ˋgɾɐ̃w̃ʃ] → [ˋgɾɐ̃w̃ʃ] (Criança 82: 4A00M)

(c) Irmãos [iɾˊmɐ̃w̃ʃ] → [iɾˊmɐ̃w̃ʃ] (Criança 70: 4A8M)

(d) Aviões [ɐviˊõj̃ʃ] → [ɐviˊõj̃ʃ] (Criança 78: 4A8M)

(e) Limões [liˊmõj̃ʃ] → [liˊmõj̃ʃ] (Criança 69: 4A7M)

(f) Balões [bɐˊlõj̃ʃ] → [bɐˊlõj̃ʃ] (Criança 68: 4A11M)

(g) Pães [ˊpɐ̃j̃ʃ] → [ˊpɐ̃j̃ʃ] (Criança 59: 4A6M)

(h) Capitães [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] → [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] (Criança 68: 4A11M)

(i) Cães [ˊkɐ̃j̃ʃ] → [ˊkɐ̃j̃ʃ] (Criança 62: 4A11M)

(j) Grãos [ˈgɾɐ̃w̃ʃ] → [ˈgɾõj̃ʃ] (Criança 68: 4A11M)

(k) Irmãos [iɾˈmɐ̃w̃ʃ] → [iɾˈmõj̃ʃ] (Criança 97: 4A6M)

(l) Aviões [ɐviˈõj̃ʃ] → [ɐviˈɐ̃w̃ʃ] (Criança 54: 4A5M)

(m) Limões [liˈmõj̃ʃ] → [liˈmɐ̃w̃ʃ] (Criança 57: 4A9M)

(n) Balões [bɐˈlõj̃ʃ] → [bɐˈlɐ̃w̃ʃ] (Criança 83: 4A06M)

(o) Pães [ˈpɐ̃j̃ʃ] → [ˈpɐ̃wʃ] (Criança 60: 4A6M)

(p) Capitães [kɐpiˈtɐ̃j̃ʃ] → [kɐpiˈtõj̃ʃ] (Criança 59: 4A6M)

(q) Cães [ˈkɐ̃j̃ʃ] → [ˈkɐ̃w̃ʃ] (Criança 53: 4A6M)

3.2.1.1.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

No que se refere aos resultados relativos ao paradigma dos nomes terminados em [ɐ̃w̃ʃ], apresentam-se seguidamente as produções das crianças relativas aos itens lexicais integrados neste paradigma.

Através da observação do *Gráfico 11* será possível verificar que se mantém a proporção descrita anteriormente (para o Grupo I), i.e., o formato [ɐ̃w̃ʃ] apresenta-se com frequências superiores relativamente às restantes possibilidades [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ].

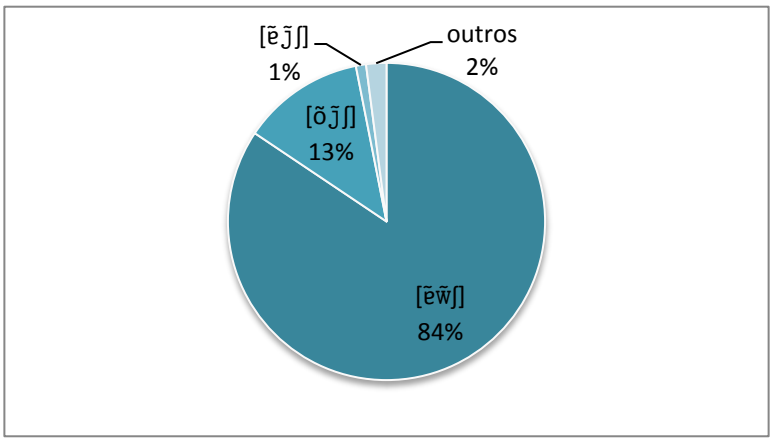


Gráfico 11 - Distribuição das médias frequências relativas das respostas (n=96), por formato de ditongo no plural das palavras no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], no Grupo II (N=32)

Como é possível constatar, as crianças deste grupo, e concretamente neste paradigma, dão privilégio ao alvo [ɐ̃w̃ʃ], o formato alvo, apresentando frequência de ocorrência deste formato no valor de 84 %.

No que diz respeito às produções desviantes, o formato preferencial é [õj̃ʃ], sendo que se pode afirmar ser o único relevante como alternativa à forma conforme ao alvo, já que ocorre com uma frequência relativa de 13% comparativamente a [ɐ̃j̃ʃ], que ocorre apenas com1% de frequência.

Tal como nos resultados apresentados, também neste paradigma se observa a ocorrência de formas não contempladas inicialmente pelo investigador, nomeadamente autocorrecções, que ocorrem numa proporção de 1%.

Passamos, então, a analisar os resultados obtidos para cada item lexical, apresentados no *Gráfico 12*.

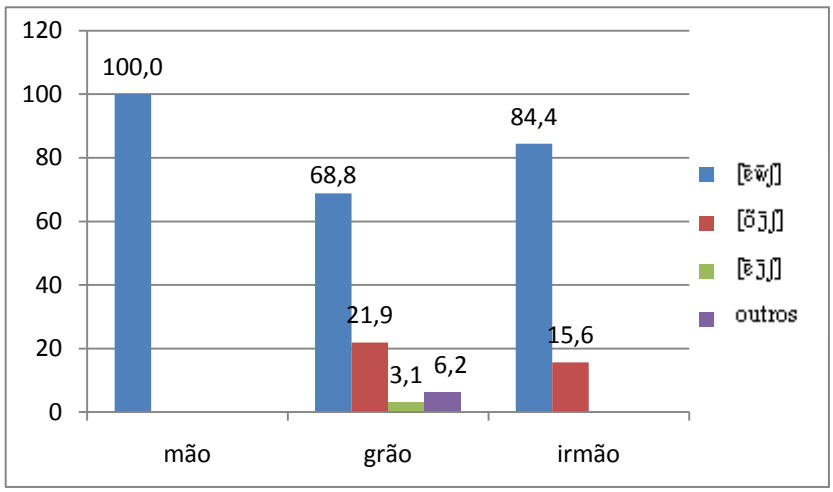


Gráfico 12 - Distribuição das médias das frequências relativa das respostas (n=96), por item lexical para o paradigma [ɐ̃w̃ʃ], no Grupo II (N=32)

Analisando os dados apresentados no *Gráfico 12*, é possível comprovar que as crianças do Grupo II, e no que respeita às palavras incluídas neste paradigma, manifestam preferência pela formação do plural de acordo com o modelo adulto. No entanto, há a registar o seguinte, em função dos itens considerados: relativamente à fidelidade ao alvo, no item *mão* observa-se total fidelidade ao alvo (100%), seguindo-se os itens

irmão (84,4%) e *grão* (68,8%). Os valores obtidos no Grupo II estão em conformidade com os valores de frequência de ocorrência das palavras seleccionadas no *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo – CLUL: mãos>>irmãos>>grãos*.

Como forma desviante relevante, é apresentado o formato [õjʃ], que ocorre em *irmão*, representado com 15,6% de ocorrências, e em *grão*, com 21,9% de produções. Apenas neste último item se registaram outro tipo de ocorrências, como sejam a ocorrência de [ẽjʃ] (3,1%) e de *outras respostas* (6,2%) (*Quadro 20).*

Quadro 20 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Ausência de marcador de plural	Grãos [ˊgɾɐ̃w̃ʃ]	[ˊgɾɐ̃w̃]	Criança 8: 4A 08M
Autocorrecções correcto →incorrecto	Grãos [ˊgɾɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [ˊgɾɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [ˊgɾõjʃ]	Criança 78 (4A8M)

3.2.1.2.Paradigma das palavras terminadas em [õjʃ]

Após a apresentação dos resultados para o paradigma [ɐ̃w̃ʃ], passamos à apresentação dos resultados obtidos pelas crianças do Grupo II para os nomes do paradigma [õjʃ].

De uma análise mais genérica das médias obtidas para cada possibilidade de ditongo nas formas do plural, a qual pode ser consultada no *Gráfico 13*, passar-se-á a uma descrição em função de cada item lexical.

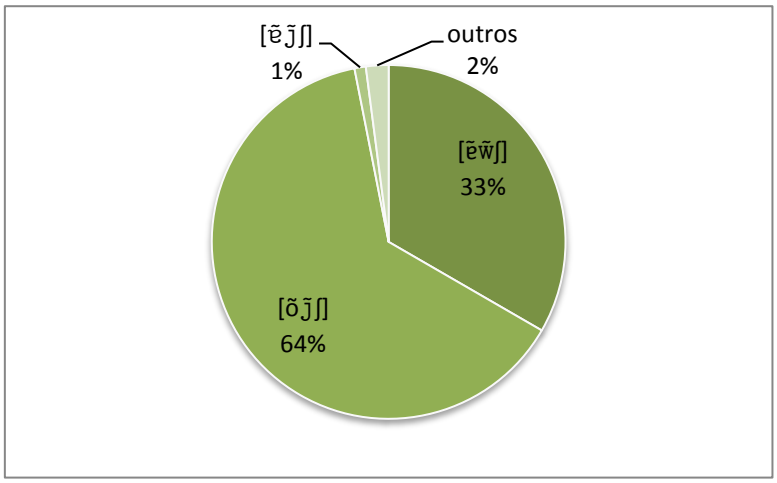


Gráfico 13 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II no paradigma [õj̃ʃ] (N=32)

Da observação dos resultados apresentados no *Gráfico 13*, é possível atestar uma preferência pelo modelo alvo [õj̃ʃ], que regista um valor percentual de 64%). A forma desviante que ocorre com percentagem mais alta é [ẽw̃ʃ], verificando-se 33% de ocorrências deste tipo. Registaram-se, ainda, a ocorrência de [ẽj̃ʃ] e de *outras respostas*, ambas com valor residual (1% e 2%, respectivamente).

Quadro 21 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Ausência de marcador de plural	Limões [li´mõj̃ʃ]	[li´mẽw̃]	Criança 8: 4A 08M
Autocorrecções correcto →incorrecto	Limões [li´mõj̃ʃ]	1ª prod. [li´mõj̃ʃ] 2ª prod. [li´mẽw̃ʃ]	Criança 60 (4A6M)

Após a apresentação dos resultados genéricos, são descritos os resultados obtidos pelo Grupo II por item lexical, expostos no *Gráfico 14*.

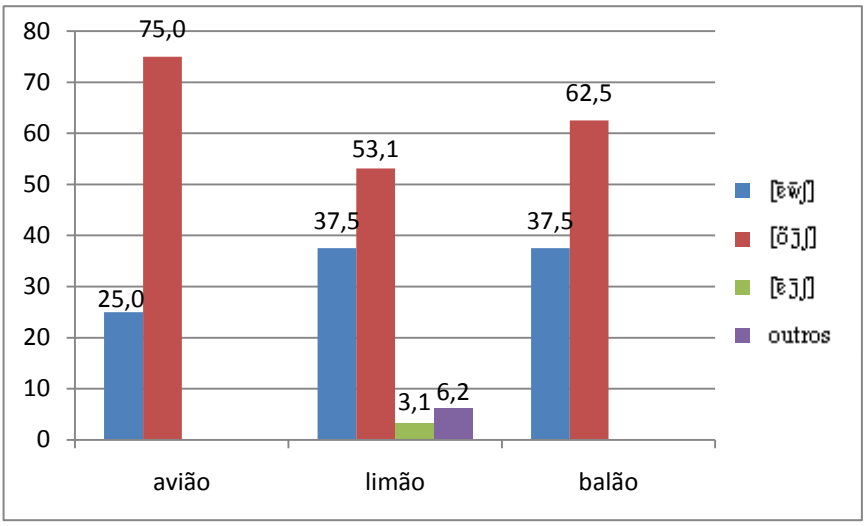


Gráfico 14 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96), por item lexical incluídos no paradigma [õj̃ʃ], do Grupo II (N=32)

O Grupo II apresenta resultados mais díspares neste paradigma do que no paradigma anterior, variando a fidelidade ao alvo: *aviões* (75%)>>*balões* (63%)>>*limões* (53%). Parece assim registar-se um efeito lexical, indo estes valores ao encontro das frequências registadas na língua para as palavras em causa *aviões*>>*balões*>>*limões*[27].

Analisando as formas desviantes que ocorreram neste paradigma, há a referir que a única forma relevante é [ɐ̃w̃ʃ], e que esta se apresenta com valores iguais em *limão* e *balão* (37,5%) e com o valor inferior no item *avião* (25%).

Relativamente às restantes palavras, apenas o item *limão* apresenta outras alternativas, ainda que nenhuma das opções registadas seja significativa: [ɐ̃j̃ʃ] apresenta 3,1% (1/96) de ocorrências e *outras respostas*, que inclui autocorrecções e a não marcação do plural, regista 6,3% (2/96).

3.2.1.3.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ]

Em seguida apresentar-se-ão os resultados conseguidos pelo Grupo II no paradigma [ɐ̃j̃ʃ]. Os resultados gerais, relativos às médias dos valores percentuais para os diferentes formatos, estão registados no *Gráfico15*.

[27] De acordo com o *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo - CLUL*

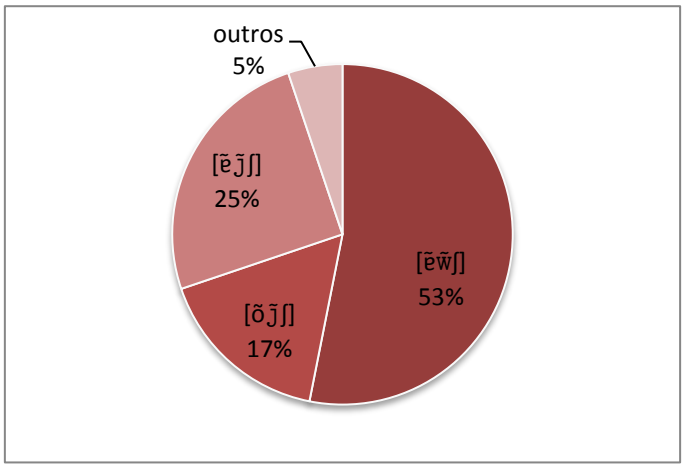


Gráfico 15 – Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II(N=32), no paradigma [ɐ̃ȷ̃ʃ]

Observando o G*ráfico15*, constata-se que este é o único paradigma em que o Grupo II não privilegia o alvo, apresentando apenas 25% de produções conformes ao mesmo. Assim, a maioria das produções coincidem com formas desviantes (77%), sendo que [ɐ̃w̃ʃ] se assume como a forma mais produzida, com 53% de ocorrências, seguida de [õȷ̃ʃ], que é considerada como opção em 17%. Parece-nos, ainda, pertinente referir que é também neste paradigma que a forma *outras respostas* assume o valor mais elevado (5%). Esta forma integra diferentes tipos de autocorrecções, como é possível observar no *Quadro 22.*

Quadro 22 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo II no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ȷ̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Ausência de marcador de plural	Capitães [kɐpi´tɐ̃ȷ̃ʃ] Pães [´pɐ̃ȷ̃ʃ]	[kɐpi´tɐ̃w̃] [´pɐ̃w̃]	Criança 8: 4A 08M Criança 15: 4A 01M Criança 8: 4A 08M
Autocorrecções correcto →incorrecto	Pães [´pɐ̃ȷ̃ʃ]	1ª prod. [´pɐ̃ȷ̃ʃ] 2ª prod. [´põȷ̃ʃ]	Criança 9 (4A7M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Cães [´kɐ̃ȷ̃ʃ]	1ª prod. [´kõȷ̃ʃ] 2ª prod. [´kɐ̃ȷ̃ʃ]	Criança 45 (4A 11M)

Relatados os aspectos globais, passamos a uma análise por item lexical incluído na prova. Observe-se o *Gráfico16* de modo a averiguar o comportamento do Grupo II relativamente a cada palavra incluída no teste.

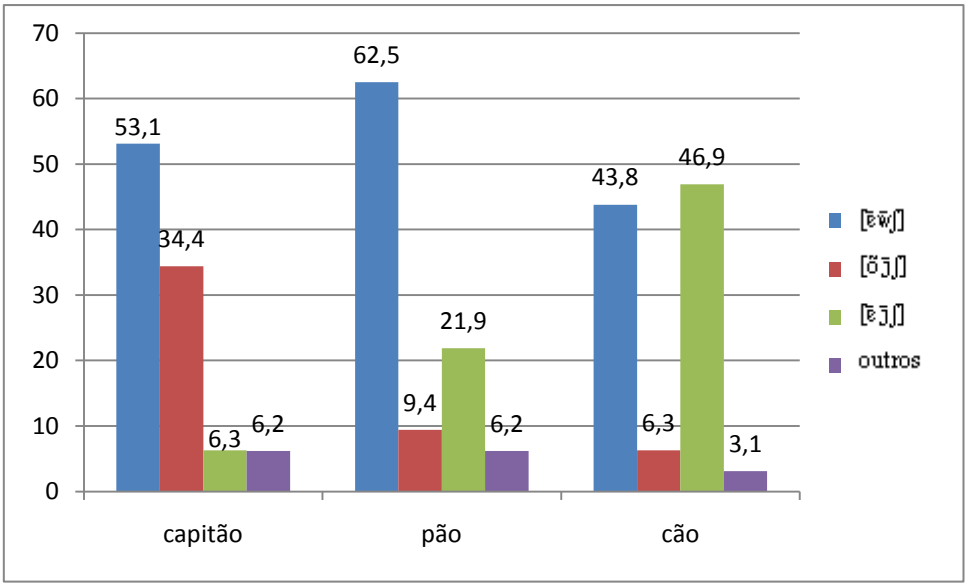


Gráfico 16 - Distribuição de frequências relativas dos itens lexicais incluídos no paradigma [ẽj̃ʃ] para o Grupo II

O grupo apresenta, neste paradigma, um comportamento menos estável, quando comparado com os anteriores paradigmas. O único item em que o grupo revela ligeira preferência pelo alvo é *cão*, sendo esta na ordem dos 46, 9%. Em *pão*, apenas 21,9% da amostra apresenta uma produção correspondente à do modelo adulto e, em *capitão*, apenas 6,3% respeita a forma correcta.

A forma eleita como alternativa ao alvo [ẽj̃ʃ] é [ẽw̃ʃ], quer nos itens em que é assumida como forma preferencial, como em *pão* (62,5%) e em *capitão* (53,1%), quer no caso de *cão*, em que se assume como segunda opção de produção apresentando valores não muito díspares dos do alvo (43,8%). A forma [õj̃ʃ] constitui também uma possibilidade na forma plural dos itens referidos, ocorrendo na seguinte proporção: *capitão*(34,4%)>>*pão* (9,4%)>>*cão* (6,3%). Todos os itens admitem ainda outro tipo de produções, contabilizadas em 6,2% para *capitão* e *pão* e em 3,1% para *cão*.

3.2.2. Resultados do Grupo II para a Prova de Pseudopalavras

Nesta secção, descrever-se-ão os resultados obtidos pelo Grupo II na prova de pseudopalavras. Primeiro, serão apresentadas as médias dos valores percentuais obtidos pelo Grupo II (*Gráfico 17*) e, seguidamente, serão apresentados os resultados por pseudopalavra.

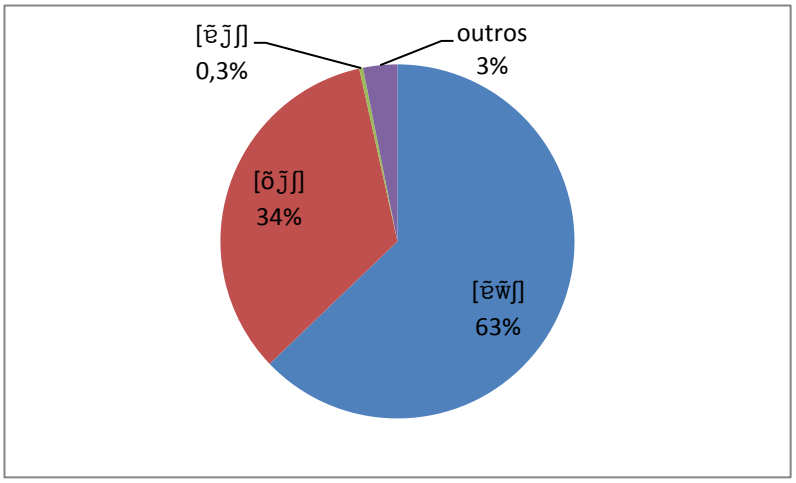


Gráfico 17 – Distribuição geral das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo II (N=32) na prova de pseudopalavras

Ao contrário do revelado na prova de palavras, em que se verificou um aumento de [õ j̃ ʃ] na formação do plural, nesta prova, as crianças continuam a manifestar uma preferência pelo formato [ɐ̃ w̃ ʃ] na formação do plural para estímulos desconhecidos, apresentando um valor percentual de 63%, ao passo que [õ j̃ ʃ] apenas apresenta um valor de 34%. A ocorrência de [ɐ̃ j̃ ʃ] é insignificante, registando-se apenas 0,3% de ocorrências, tendo ainda sido registado 3% de outras produções (autocorrecções e não marcação do plural), apresentadas no *Quadro 23*.

Quadro 23 - Produções residuais do Grupo II na prova de pseudopalavras

Produções Residuais	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Ausência de marcador de plural	Futão [fu´t ɐ̃ w̃]	[fu´t ɐ̃ w̃]	Criança 14: 4A3M
	Nibão [ni´bɐ̃ w̃]	[ni´bɐ̃ w̃]	Criança 14: 4A3M Criança 78: 4A8M
	Vatão [va´tɐ̃ w̃]	[va´tɐ̃ w̃]	Criança 14: 4A3M
	Sufão [su´fɐ̃ w̃]	[su´fɐ̃ w̃]	Criança 78: 4A8M

	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dɐ̃w̃]	Criança 14: 4A3M Criança 78: 4A8M
Autocorrecções **[õj̃ʃ] → [ɐ̃w̃ʃ]**	Bitão [bi´tɐ̃w̃]	1ª prod. [bi´tõj̃ʃ] 2ª prod. [bi´tɐ̃w̃ʃ]	Criança 59: 4A 6M
Autocorrecções **[õj̃ʃ] → [õʃ]**	Midão [mi´dɐ̃w̃]	1ª prod. [mi´dɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [mi´dõj̃ʃ]	Criança 59: 4A 6M

Os dados relativos a cada uma das pseudopalavras incluídas na prova são apresentados no *Gráfico 18*, onde é possível verificar as médias de ocorrência para cada estímulo.

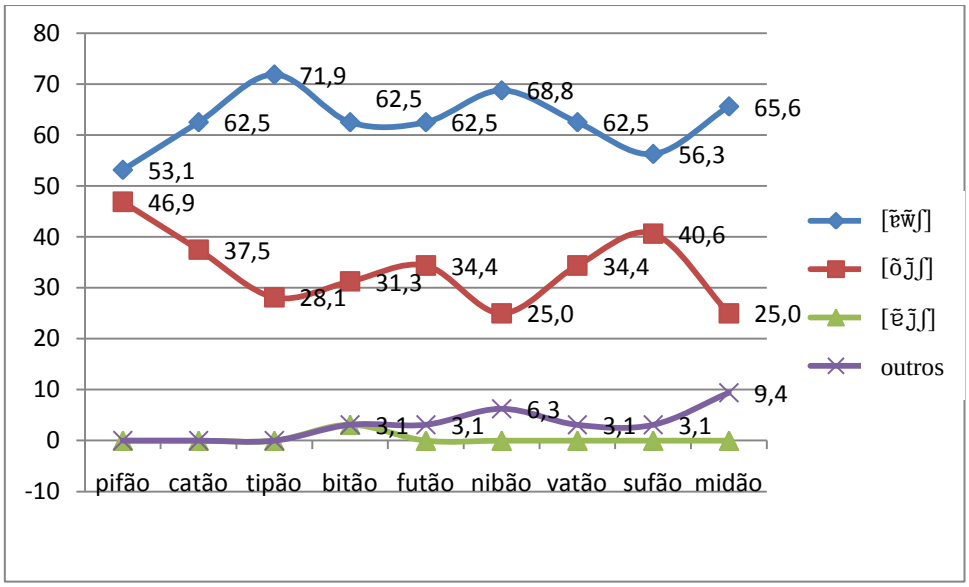


Gráfico 18 - Distribuição das frequências relativas, por item, na prova de pseudopalavras no grupo II (N=32)

Conforme é possível constatar através da análise do *Gráfico 18*, o uso de [ɐ̃w̃ʃ] é uma constante e esta forma ocorre sempre com frequências relativas acima dos 50%. Verifica-se exactamente o inverso para o formato [õj̃ʃ], que ocorre sempre numa percentagem abaixo dos 50%.

3.2.3. Sumário

Após uma análise dos resultados obtidos pelo Grupo II, torna-se evidente que:

(i) as ocorrências de [ɐ̃w̃ʃ] são, genericamente, superiores às de [õj̃ʃ], quer na prova de palavras, quer na de pseudopalavras;

(ii) o Grupo II mantém os valores mais altos de fidelidade ao alvo nas palavras que formam o plural em [ɐ̃w̃ʃ];

(iii) regista-se um aumento da fidelidade ao alvo relativamente ao Grupo I, nas palavras relativas ao paradigma [õj̃ʃ], ainda que [ɐ̃w̃ʃ] ainda apresente valores elevados;

(iv) o formato [ẽj̃ʃ] muito raramente constitui uma opção e o seu uso restringe-se aos itens *pão* e *cão*, o que parece indicar um efeito lexical;

(v) no que se refere às pseudopalavras, verifica-se uma preferência por [ɐ̃w̃ʃ], relativamente a [õj̃ʃ], não sendo seleccionadas outras formas para a formação do plural nesta prova.

3.3. Resultados do Grupo III

Nesta secção, apresentar-se-ão os resultados obtidos pelo Grupo III (5 anos) em ambas as tarefas apresentadas: i) formação do plural de nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃] numa prova com palavras e ii) formação do plural de pseudopalavras terminadas em ditongo nasal [ɐ̃w̃].

3.3.1. Resultados Grupo III na prova de palavras

Num primeiro momento, descrever-se-ão os resultados globais para a produção de ditongos, independentemente do alvo, através da apresentação das médias obtidas para cada formato [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]. Seguidamente, serão apresentados os resultados relativos a cada paradigma, com referência quer a produções em conformidade com o alvo, quer a produções desviantes. Por outro lado, será também apresentada uma descrição por item lexical, de modo a identificar eventuais efeitos lexicais no sucesso da produção de ditongos nasais nas formas do plural. Finalmente, apresentar-se-ão os resultados relativos à prova das pseudopalavras, sendo referenciada a produção por estímulo-alvo, e as médias obtidas por formato de plural.

Em (24), são apresentadas produções das crianças ilustrativas de produções conformes ao alvo (24a, 24b e 24c) e produções desviantes do alvo (24d, 24e e 24f).

(24) *Exemplos de produções, em conformidade com o alvo e desviantes, das crianças do Grupo III*

(m)	Mãos	[ˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [ˊmɐ̃w̃ʃ]	(Criança 5: 5A5M)
(n)	Aviões	[ɐvjõj̃ʃ]	→ [ɐvjõj̃ʃ]	(Criança 1: 5A 9M)
(o)	Capitães	[kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	(Criança 32: 5A 6M)
(p)	Irmãos	[iɾˊmɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾˊmõj̃ʃ]	(Criança 3: 5A 3M)
(q)	Limões	[limõj̃ʃ]	→ [limɐ̃w̃ʃ]	(Criança 41: 5A 3M)
(r)	Capitães	[kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpiˊtõj̃ʃ]	(Criança 5: 5A5M)

Os resultados das produções das crianças incluídas no Grupo III foram agrupados e obtidas médias das suas produções em função dos formatos possíveis para a estrutura em análise. Assim, o *Gráfico 19* apresenta valores percentuais globais de produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], na faixa dos 5 anos de idade, independentemente do formato da estrutura-alvo. É também apresentada a categoria *outras respostas*.

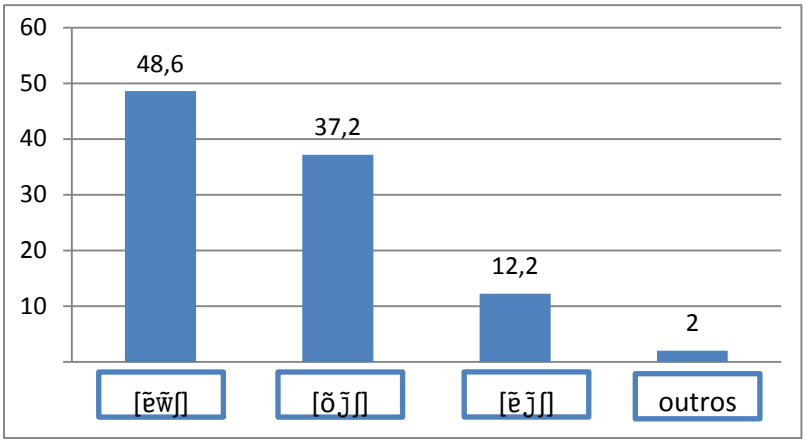


Gráfico 19 - Distribuição da média das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III (N=34) para as produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]

A análise do gráfico permite verificar uma ocorrência global da forma [ɐ̃w̃ʃ] (48,6%9), seguida da forma [õj̃ʃ] (37,2%), sendo que [ɐ̃j̃ʃ] se apresenta como a menos utilizada pelas crianças (12,2%) do Grupo III.

Foi ainda observada uma percentagem residual de outro tipo de produções, designada por *outras respostas* (com frequência relativa de 2% (6/306)), tendo-se registado, neste grupo, três possibilidades de autocorrecções: i) situações em que as crianças realizaram primeiro a produção conforme ao alvo, seguida de uma produção desviante; ii) situações em que primeiro ocorreu uma produção desviante, seguida de uma produção correspondente ao alvo; iii) outro tipo de ocorrência em que ambas as produções não correspondem ao formato correcto (cf. *Quadro 24*).

Quadro 24 – Outras respostas apresentadas pelo Grupo III para a prova de palavras

Tipo *Outras Respostas*	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Autocorrecções incorrecto →correcto	Aviões [ɐvi´õj̃ʃ]	1ª prod. [ɐvi´ɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [ɐvi´õj̃ʃ]	Criança 28 (5A07M)
	Limões [li´mõj̃ʃ]	1ª prod. [li´mɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [li´mõj̃ʃ]	Criança 32 (5A06M)
	Irmãos → [iɾmɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [iɾm õj̃ʃ] 2ª prod. [iɾmɐ̃w̃ʃ]	Criança 40 (5A10M)
	Pães→ [pɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [pɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [pɐ̃j̃ʃ]	Criança 28 (5A7M) Criança 33 (5A11M)
Autocorrecções correcto →incorrecto	Irmãos → [iɾmɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [iɾmɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [iɾm õj̃ʃ]	Criança 31 (5A10M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Capitães [kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	1ªprod. [kɐpi´tɐ̃w̃ʃ] 2ªprod. [kɐpi´tõj̃ʃ]	Criança 5 (5A 3M) Criança 31 (5A10M)

Após a apresentação da distribuição global das produções dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], passamos à observação dos resultados por paradigma: i) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] (secção 3.3.1.1.); ii) paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] (secção 3.3.1.2); iii) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] (secção 3.3.1.3.).

Os exemplos apresentados em (2) dão conta de algumas das produções das crianças do Grupo III para cada palavra incluída num dos três tipos de estruturas-alvo.

(25) *Exemplos de produções das crianças (em conformidade com o alvo e desviantes) do Grupo III para cada um dos itens incluídos na prova de palavras*

(a) Mãos [ˊmɐ̃w̃ʃ] → [ˊmɐ̃w̃ʃ] (Criança 1: 5A9M)

(b) Grãos [‘gɾɐ̃w̃ʃ] → [‘gɾɐ̃w̃ʃ] (Criança 2: 5A0M)

(c) Irmãos [iɾˊmɐ̃w̃ʃ] → [iɾˊmɐ̃w̃ʃ] (Criança 4: 5A2M)

(d) Aviões [ɐviˊõj̃ʃ] → [ɐviˊõj̃ʃ] (Criança 5: 5A3M)

(e) Limões[liˊmõj̃ʃ] → [liˊmõj̃ʃ] (Criança 6: 5A5M)

(f) Balões [bɐ’lõj̃ʃ] → [bɐˊlõj̃ʃ] (Criança 3: 5A1M)

(g) Pães [pɐ̃j̃ʃ] → [ˊpɐ̃j̃ʃ] (Criança 11: 5A0M)

(h) Capitães[kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] → [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] (Criança 32: 5A6M)

(i) Cães [ˊkɐ̃j̃ʃ] → [ˊkɐ̃j̃ʃ] (Criança 22: 5A10M)

(j) Grãos [ˊgɾɐ̃w̃ʃ] → [ˊgɾ õj̃ʃ] (Criança 3: 5A1M)

(k) Irmãos [iɾˊmɐ̃w̃ʃ] → [iɾˊmõj̃ʃ] (Criança 5: 5A3M)

(l) Aviões [ɐviˊõj̃ʃ] → [ɐviˊ ɐ̃w̃ʃ] (Criança 5: 5A3M)

(m) Limões [liˊmõj̃ʃ] → [liˊm ɐ̃w̃ʃ] (Criança 41: 5A3M)

(n) Balões [bɐˊlõj̃ʃ] → [bɐˊlɐ̃w̃ʃ] (Criança 7: 5A11M)

(o) Pães [pɐ̃j̃ʃ] → [ˊpõj̃ʃ] (Criança 3: 5A1M)

(p) Capitães [kɐpiˊtɐ̃j̃ʃ] → [kɐpiˊtõj̃ʃ] (Criança 1: 5A9M)

(q) Cães [ˊkɐ̃j̃ʃ] → [ˊkɐ̃w̃ʃ] (Criança 28: 5A7M)

3.3.1.1.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

No *Gráfico 20*, é possível observar a distribuição dos resultados no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]. São apresentadas as médias das produções das crianças em conformidade com o alvo [ɐ̃w̃ʃ], assim como as formas desviantes.

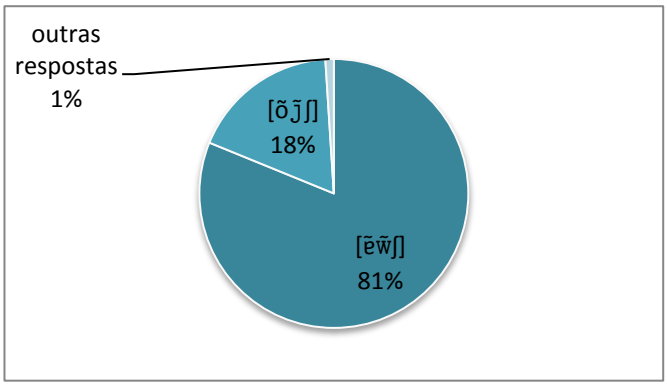


Gráfico 20 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III, no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

As respostas das crianças coincidem maioritariamente com o alvo (81%), sendo o único formato de desvio registado o do ditongo [õj̃ʃ] (18%) e tendo-se verificado apenas 1% de autocorrecções (quer no sentido do formato correcto (primeiro é realizada a forma desviante (Criança 40: 5A1M), quer no sentido inverso (Criança 31: 5A1M)). Veja-se para o efeito, o *Quadro 23*.

Quadro 25 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Autocorrecções incorrecto →correcto	Irmãos → [iɾmɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [iɾm õj̃ʃ] 2ª prod. [iɾmɐ̃w̃ʃ]	Criança 40 (5A10M)
Autocorrecções correcto →incorrecto	Irmãos → [iɾmɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [iɾmɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [iɾm õj̃ʃ]	Criança 31 (5A10M)

Segue-se a apresentação dos resultados por item lexical testado no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]. Para cada item lexical, são apresentadas as médias de cada tipo de ditongo produzido pelas crianças do Grupo III.

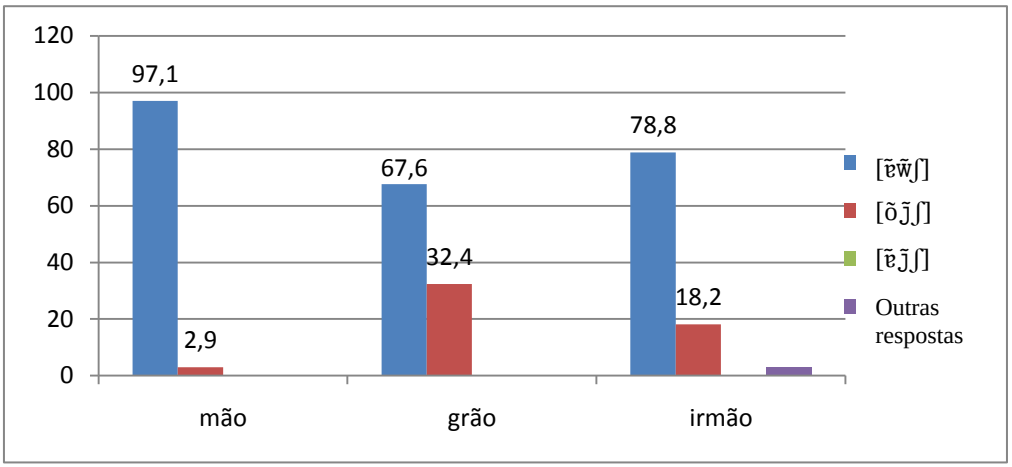


Gráfico 21 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], por item lexical

Este grupo dá preferência ao alvo [ɐ̃w̃ʃ], apesar de esta variar em função do item lexical. Relativamente às formas desviantes, as crianças optam pela forma [õjʃ], não se verificando a ocorrência da forma [ɐ̃jʃ] em nenhum dos alvos apresentados. A palavra alvo *mãos* é a produzida com mais sucesso em conformidade com o sistema adulto, apresentando 97,1% de fidelidade ao alvo, e apenas uma percentagem residual de formas desviantes (2,9%) é produzida como [õjʃ]. O estímulo *irmão* é a segunda forma com maior fidelidade ao alvo (78,8%), sendo que as formas desviantes (18,2%) são realizadas como [õjʃ]. O alvo *grão* apresenta-se como o mais problemático, verificando-se uma fidelidade ao alvo de 67,6%, sendo 32,4% as produções que não coincidem com o alvo, com formato [õjʃ]. Parece registar-se um efeito lexical, que espelha a preferência dos itens no PE *mãos>>irmãos>>grãos*.

3.3.1.2.Paradigma das palavras terminadas em [õjʃ]

No gráfico seguinte, são apresentadas as médias das produções das crianças em avaliação para as palavras terminadas em [õjʃ].

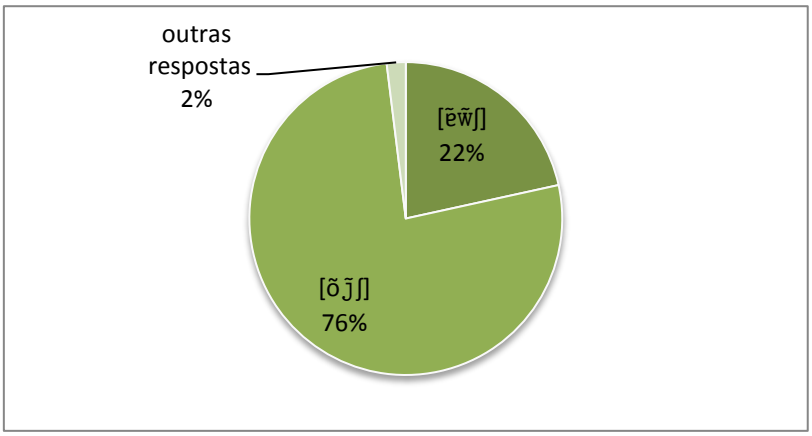


Gráfico 22 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [õj̃ʃ]

Face ao formato-alvo [õj̃ʃ], as crianças do Grupo III dão privilégio a produções conformes ao alvo (76%), ainda que 22% opte por um padrão desviante, sob a forma de [ɐ̃w̃ʃ]. Também neste paradigma se observa a ocorrência residual de autocorrecções (2%), em que se constata primeiro a opção por [ɐ̃j̃ʃ], seguida da produção de acordo com o alvo, apresentadas no *Quadro 26.*

Quadro 26 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Autocorrecções incorrecto →correcto	Aviões [ɐvi´õj̃ʃ]	1ª prod. [ɐvi´ɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [ɐvi´õj̃ʃ]	Criança 28 (5A07M)
	Limões [li´mõj̃ʃ]	1ª prod. [li´mɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [li´mõj̃ʃ]	Criança 32 (5A06M)

Seguem-se os valores percentuais relativos aos itens lexicais pertencentes ao paradigma das palavras com [õj̃ʃ], apresentadas no *Gráfico 23*.

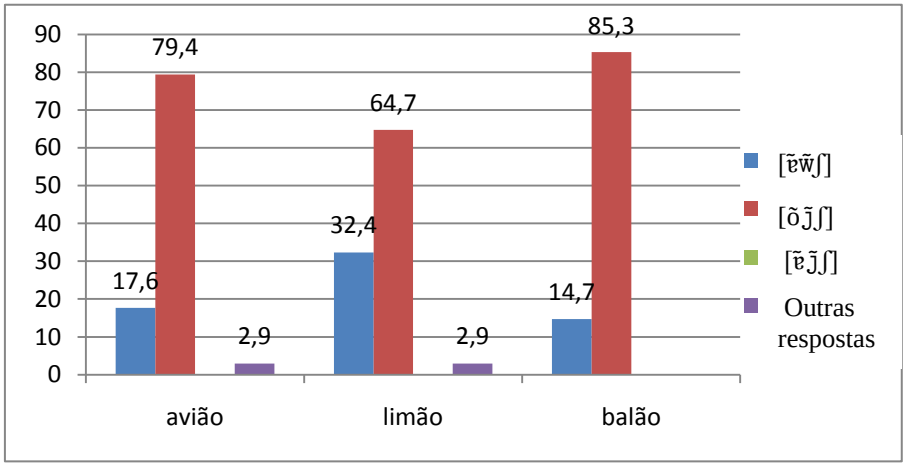


Gráfico 23 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) *no paradigma [õj̃ʃ], por item lexical*

Constata-se, através da observação do gráfico, alguma dispersão nos resultados para cada um dos itens lexicais. Os itens *balão* e *avião* reúnem maior consenso no que se refere à preferência pelo formato em conformidade com o alvo, contrariamente a *limão*, com valor mais baixo. Assim, o alvo *balão* é o que maior fidelidade apresenta (85,3%), seguido de *avião* (79,4%) e de *limão* (64,7%). O único formato de erro apresentado pelas crianças é [ɐ̃w̃ʃ], que ocorre com maior evidência em *limão* (32,4%), seguido de *avião* (17,6) e *balão* (14,7%). Estes resultados parecem estar relacionados com o efeito de frequência no alvo, uma vez que a preferência destes 3 itens segue a ordem: *aviões>>balões>>limões* (*Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo - CLUL*).

3.3.1.3.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ]

No gráfico seguinte, é possível observar as médias percentuais relativas às produções das crianças do Grupo III para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃j̃ʃ].

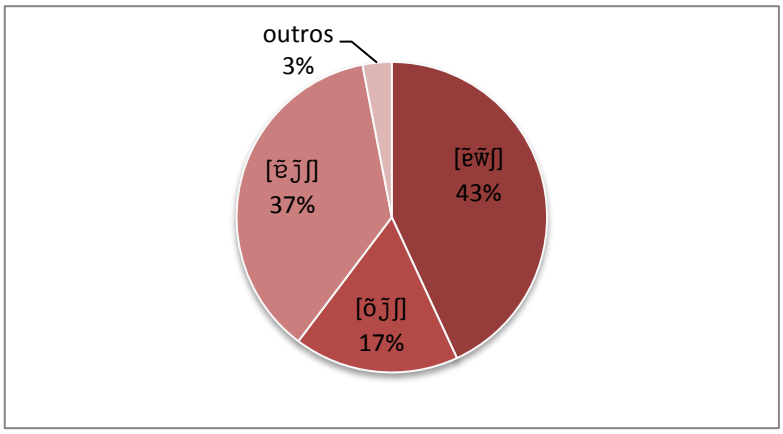


Gráfico 24 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=102) do Grupo III (N=34) no paradigma [ɐ̃ʒ̃ʃ]

Neste paradigma, e no que se refere à fidelidade ao alvo, é possível verificar que apenas 37% das crianças opta pelo formato [ɐ̃ʒ̃ʃ]. A maioria das crianças continua a dar privilégio a um formato que não coincide com o alvo (67%), sendo dada preferência a [ɐ̃w̃ʃ] (43%), em detrimento de [õʒ̃ʃ] (17%). Verifica-se ainda a ocorrência de 3% de autocorrecções conforme se pode observar no *Quadro 27*.

Quadro 27 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo III no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ʒ̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Autocorrecções incorrecto →correcto	Pães→ [pɐ̃ʒ̃ʃ]	1ª prod. [pɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [pɐ̃ʒ̃ʃ]	Criança 28 (5A 7M) Criança 33 (5A11M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Capitães [kɐpi´tɐ̃ʒ̃ʃ]	1ªprod. [kɐpi´tɐ̃w̃ʃ] 2ªprod. [kɐpi´tõʒ̃ʃ]	Criança 5 (5A 3M) Criança 31 (5A10M)

Da análise global das ocorrências registadas para as palavras incluídas neste paradigma passamos a uma descrição mais detalhada, em função dos itens lexicais seleccionados para este formato (*Gráfico 25*).

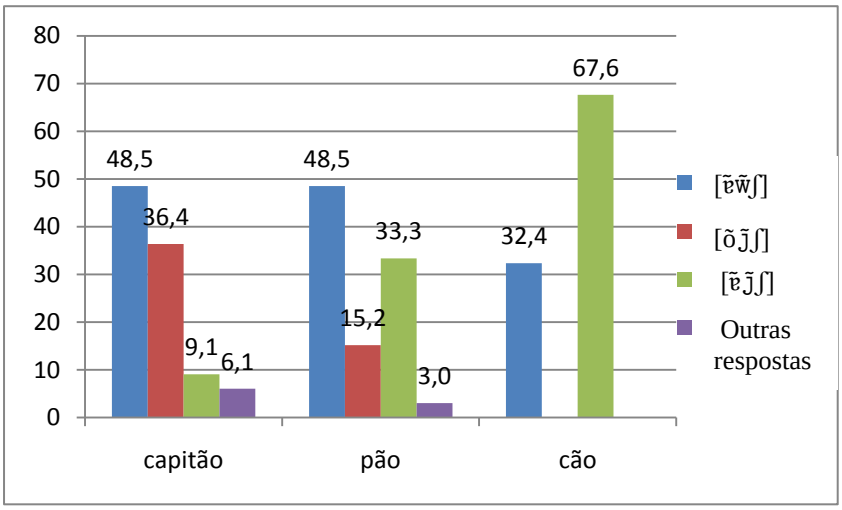


Gráfico 25 - Distribuição dos resultados no paradigma [ɐ̃ʒʃ], por item lexical, no Grupo III

Verifica-se, nas palavras terminadas em [ɐ̃ʒʃ], um aumento da heterogeneidade relativamente às produções das crianças. Se, nos restantes paradigmas, se revelava uma maior preferência por um determinado formato, tal não acontece neste caso, apresentando-se assim como o paradigma mais heterogéneo no grupo III.

O alvo mais estável é *cão*, sendo o único em que a maioria das produções são conformes ao alvo (67,6%), que se pode dever a um efeito lexical (conforme referido na secção 2.5, a ordem relativa à frequência destes itens no PE é: *cães>>capitães>>pães* (*Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo - CLUL*). Nos restantes itens, *capitão* e *pão*, não existe fidelidade ao alvo, verificando-se que a selecção do alvo correcto surge na seguinte relação: *cães* (67,6%) >> *pães* (33,3%) >> *capitães* (9,1%).

Relativamente às formas desviantes, as crianças optam maioritariamente por [ɐ̃w̃ʃ], verificando-se uma preferência de 32, 4% para o item *cão* e de 48,5%, quer em *capitão* quer em *pão*. A forma desviante menos produtiva é [õʒʃ], tendo sido registadas frequências relativas de 36,4% em *capitães* e de 15,2% em *pães*, não tendo sido identificado este formato em *cão.*

3.3.2. Resultados do Grupo III na prova de pseudopalavras

Nesta secção, far-se-á a apresentação dos resultados obtidos pelo Grupo III na prova de pseudopalavras, sendo apresentados em dois momentos: i) resultados globais das produções para as pseudopalavras (por formato de plural) e ii) apresentação dos resultados por pseudopalavra.

No *Gráfico 26*, são apresentados os resultados globais, relativos ao Grupo III, na prova de pseudopalavras.

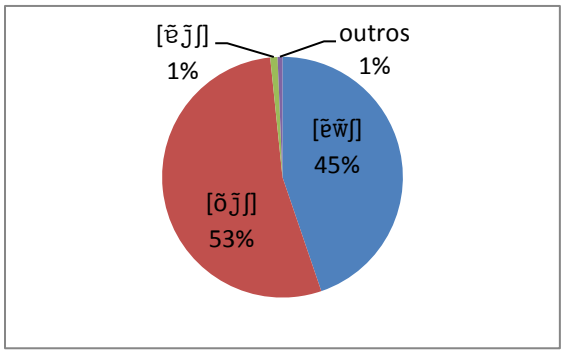


Gráfico 26 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III para a prova de pseudopalavras

Observando o comportamento das crianças do Grupo III face à prova de pseudopalavras, constata-se que as produções relevantes [ẽw̃ʃ] e [õʒʃ] apresentam valores próximos de 45% e 53%, respectivamente, apesar de se verificar uma tendência do aumento do uso de [õʒʃ], relativamente a [ẽw̃ʃ].

Registaram-se como formas residuais o formato [ẽʒʃ] e outras produções, referidas como *outros*, e que registaram uma ocorrência de 1% cada. Utilizaram a forma [ẽʒʃ] apenas 3 crianças e verificaram-se como intercorrências em *outros* a omissão de [ʃ] final por uma criança e uma autocorrecções (de [õʒʃ] →[ẽw̃ʃ]) , como é possível confirmar no *Quadro 28*.

Quadro 28 - Produções residuais do Grupo III na prova de pseudopalavras

Produções Residuais	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Uso de [ɐ̃ j̃ ʃ]	Catão [kɐ´t ɐ̃w̃] Vatão [vɐ´t ɐ̃w̃]	[kɐ´t ɐ̃ j̃ ʃ] [vɐ´t ɐ̃ j̃ ʃ]	Criança 91: 5A6M Criança 93: 5A2M Criança 95: 5A1M
Ausência de marcador de plural	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dɐ̃w̃]	Criança 27: 5A12M
Autocorrecções [õ j̃ ʃ] → [ɐ̃w̃ ʃ]	Pifão [pi´fɐ̃w̃]	1ª prod. [pi´fõ j̃ ʃ] 2ª prod. [pi´fɐ̃w̃ ʃ]	Criança 22: 5A10M

No *Gráfico 27*, são apresentadas as médias de ocorrências dos diferentes tipos de ditongos registados no desempenho da tarefa, em função de cada estímulo apresentado.

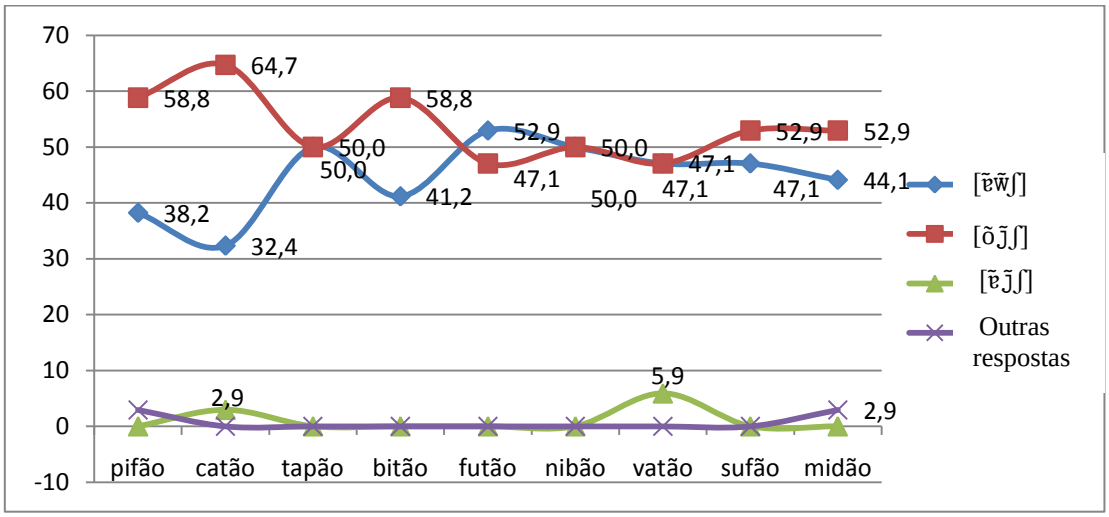


Gráfico 27 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=306) do Grupo III para a prova de pseudopalavras, por item apresentado

Da análise do *Gráfico 27*, é possível atestar que é nos primeiros itens apresentados na prova que se detectam maiores diferenças entre a ocorrência de [ɐ̃w̃ ʃ] e [õ j̃ ʃ]. Nos estímulos seguintes, os valores são muito próximos. A selecção de [ɐ̃ j̃ ʃ], como opção, não é significativa e ocorre apenas em dois alvos e em percentagens residuais.

3.3.3. Sumário

Analisando os dados provenientes da estatística descritiva relatados ao longo desta secção, constata-se que o Grupo III apresenta comportamentos díspares dos grupos que englobam faixas etárias inferiores, sendo de evidenciar o seguinte:

(i) aumento global do uso de [õjʃ], relativamente a [ɐ̃w̃ʃ];

(ii) para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], mais estáveis em faixas etárias anteriores, apesar de a maioria das crianças se manter fiel ao alvo, observa-se um aumento na selecção de formato desviante [õjʃ];

(iii) o formato [ẽjʃ] muito raramente constitui uma opção ao alvo e o seu uso restringe-se a itens lexicais específicos, como sejam *cão* e *pão*;

(iv) registaram-se efeitos lexicais, associados ao item *cão*.

(v) no paradigma [ẽjʃ], continua a registar-se a preferência pelo formato [ɐ̃w̃ʃ];

(vi) no que se refere às pseudopalavras, verifica-se um aumento de [õjʃ], apesar de não haver diferença significativa entre as duas formas preferenciais, [õjʃ] e [ɐ̃w̃ʃ].

3.4. Resultados do Grupo IV

Nesta secção apresentar-se-ão os resultados obtidos pelo Grupo IV (6 anos) em ambas as tarefas apresentadas: i) formação do plural de ditongos terminados em ditongo nasal numa prova com palavras e ii) formação do plural numa prova com pseudopalavras.

3.4.1. Resultados do Grupo IV na prova de palavras

Primeiramente, serão apresentados os resultados globais para a produção dos formatos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], independentemente do alvo. Segue-se a apresentação dos resultados por paradigma. Finalmente, apresentar-se-á a descrição por item lexical, de modo a identificar o eventual efeito lexical e sucesso na produção de ditongos nasais nas formas do plural.

Em (26), são apresentadas produções das crianças ilustrativas de produções conformes ao alvo (26a, 26b e 26c) e produções desviantes ao alvo (26d, 26e e 26f).

(26) *Exemplos de produções em conformidade com o alvo e desviantes das crianças do Grupo IV*

(a)	Irmãos	[iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	(Criança 143: 6A9M)
(b)	Limões	[li´mõj̃ʃ]	→ [li´mõj̃ʃ]	(Criança 142: 6A8M)
(c)	Cães	[´kɐ̃j̃ʃ]	→ [´kɐ̃j̃ʃ]	(Criança 135: 6A8M)
(d)	Irmãos	[iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾ´mõj̃ʃ]	(Criança 123: 6A3M)
(e)	Limões	[limõj̃ʃ]	→ [limɐ̃w̃ʃ]	(Criança 118: 6A12M)
(f)	Capitães	[kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpi´tõj̃ʃ]	(Criança 124: 6A10M)

A partir das produções das crianças do Grupo IV, os dados foram agrupados e obtiveram-se médias das suas produções em função dos formatos possíveis para a estrutura em análise. Podem observar-se no *Gráfico 28*, os valores percentuais globais para a produção dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], na faixa dos 6 anos de idade, independentemente do formato da estrutura-alvo.

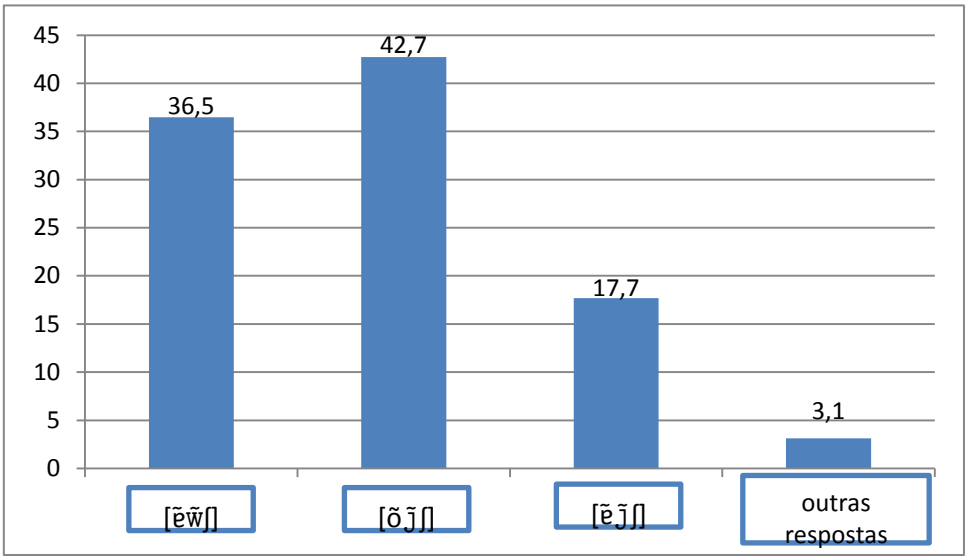


Gráfico 28 - Distribuição da média das frequências relativas das respostas (n=288)das produções dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ] no Grupo IV (N=32)

Analisando o gráfico, observa-se que a forma que ocorre com maior frequência no grupo dos 6 anos é [õj̃ʃ] (42,7%), a que se segue [ɐ̃w̃ʃ] (36,5%) e [ɐ̃j̃ʃ] (17,7%). Neste grupo registaram-se ainda outras respostas, ainda que com valores considerados residuais (3,1%) e que foram contabilizados e podem ser observados no *Quadro 29*.

Quadro 29 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo IV para a prova de palavras

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Alternância do formato fonético	Irmãos [iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	[iɾ´mɐ̃ʃ]	Criança 134 (6A 6M)
Autocorrecções correcto →incorrecto	Pães [´pɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [´pɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [´pɐ̃w̃ʃ]	Criança 126 (6A 6M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Mãos [´mɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [´mɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [´mɐ̃w̃ʃ]	Criança 141 (6A 2M)
	Pães [´pɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [´põj̃ʃ] 2ª prod. [´pɐ̃j̃ʃ]	Criança 139 (6A 5M)
		1ª prod. [li´mɐ̃w̃ʃ]	Criança 123 (6A 3M)

	Limões [li´mõj̃ʃ]	2ª prod. [li´mõj̃ʃ]	
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Capitães [kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	1ª prod. [kɐpi´tõj̃ʃ] 2ª prod. [kɐpi´tɐ̃w̃ʃ]	Criança 118 (6A12M) Criança 130 (6A 2M)
		1ª prod. [kɐpi´tɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [kɐpi´tõj̃ʃ]	Criança 138 (6A 7M)
	Balões [bɐ´lõj̃ʃ]	1ª prod. [bɐ´lɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [bɐ´lɐ̃w̃ʃ]	Criança 126 (6A6M)

Após a apresentação da distribuição global das produções dos ditongos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], passamos à observação dos resultados por paradigma: i) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ] (secção 3.4.1.1.); ii) paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ] (secção 3.4.1.2.); iii) paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃j̃ʃ] (secção 3.4.1.3.). Estes resultados dão conta das produções das crianças para cada um dos três tipos de estruturas-alvo nas palavras contempladas na prova.

Vejam-se em (27), alguns exemplos de produções das crianças do Grupo IV:

(27) *Exemplos de produções conformes ao alvo, das crianças do Grupo IV, para cada um dos itens incluídos na prova*

(a)	Grãos	[‘gɾɐ̃w̃ʃ]	→ [‘gɾõj̃ʃ]	(Criança 124: 6A10M)
(b)	Irmãos	[iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	→ [iɾ´mõj̃ʃ]	(Criança 127: 6A9M)
(c)	Aviões	[ɐvi´õj̃ʃ]	→ [ɐvi´ɐ̃j̃ʃ]	(Criança 126: 6A6M)
(d)	Limões	[li´mõj̃ʃ]	→ [li´m ɐ̃w̃ʃ]	(Criança 125: 6A12M)
(e)	Balões	[bɐ’lõj̃ʃ]	→ [bɐ’l ɐ̃w̃ʃ]	(Criança 135: 6A 8M)
(f)	Pães	[pɐ̃j̃ʃ]	→ [p ɐ̃w̃ʃ]	(Criança 123: 6A3M)
(g)	Capitães	[kɐpi´tɐ̃j̃ʃ]	→ [kɐpi´tõj̃ʃ]	(Criança 117: 6A9M)
(h)	Cães	[´kɐ̃j̃ʃ]	→ [´kɐ̃w̃ʃ]	(Criança 123: 6A3M)

3.4.1.1.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]

Em seguida, são descritos os resultados obtidos pelas crianças no paradigma [ɐ̃w̃ʃ] e apresentadas as médias das produções das crianças em conformidade com o alvo, assim como as formas desviantes.

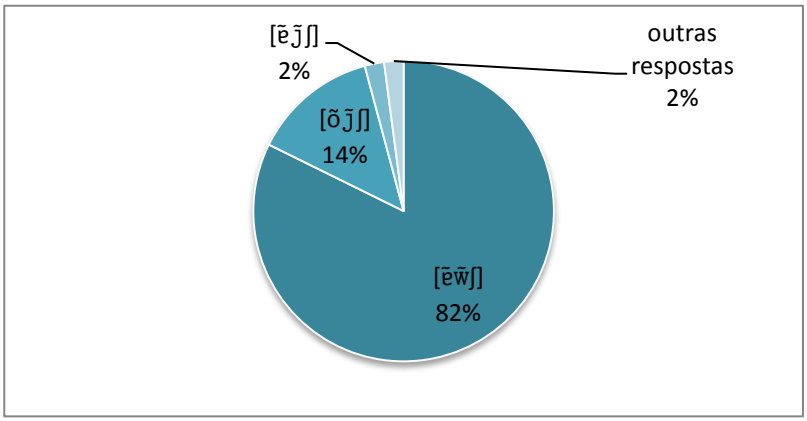


Gráfico 29 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo III no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

Neste paradigma, as respostas das crianças do Grupo IV coincidem, na maioria, com o alvo (82%). O único formato de desvio relevante é [õʒʃ] (14%), tendo-se verificado que 2% opta por [ɐ̃ʒʃ] (Cf. *Quadro 30*) e que 2% de ocorrência correspondem a outro tipo de respostas que não as esperadas.

Quadro30 – Selecção de [ɐ̃ʃ]como alternativa ao alvo

Estímulo	Produções	Identificação da criança
Irmãos [iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	[iɾ´mɐ̃ʒʃ]	Criança 113: 6 A 11M
Grãos [´gɾɐ̃w̃ʃ]	[´gɾɐ̃ʒʃ]	Criança 136: 7A 1M

As *outras respostas* encontram-se descritas no *Quadro 31*.

Quadro31 – Outras respostas dadas pelas crianças do Grupo IV para as palavras do paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Alternância do formato fonético	Irmãos [iɾ´mɐ̃w̃ʃ]	[iɾ´mɐ̃ʃ]	Criança 134 (6A 6M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Mãos [´mɐ̃w̃ʃ]	1ª prod. [´mɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [´mɐ̃w̃ʃ]	Criança 141 (6A 2M)

Seguidamente, passamos a descrever os resultados obtidos pelo Grupo IV em função de cada item lexical testado no paradigma [ɐ̃w̃ʃ].

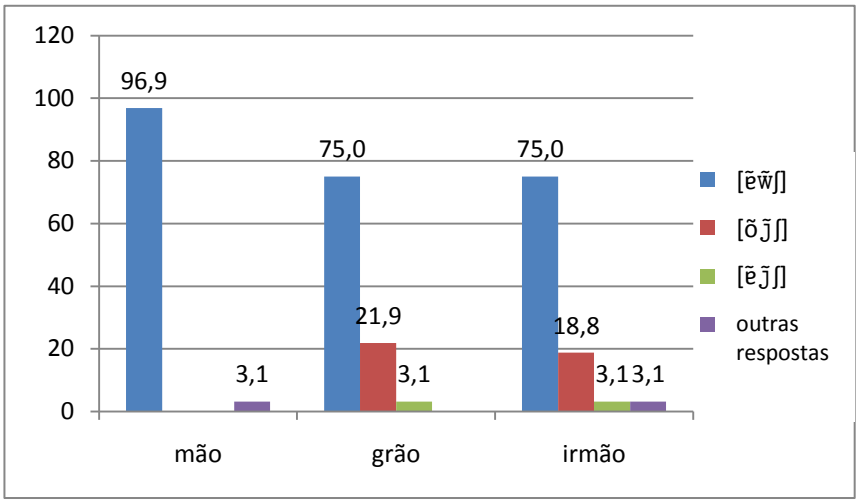


Gráfico 30 - Distribuição das médias das frequências das respostas (n=96) relativas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], por item lexical, no Grupo IV

Neste paradigma, as crianças demonstram clara preferência pelos alvos, formando maioritariamente os plurais em [ɐ̃w̃ʃ]. No que se refere às formas desviantes, apenas [õj̃ʃ] se pode considerar como opção produtiva no sistema das crianças, já que [ɐ̃j̃ʃ] apenas apresenta valores residuais de 3,1% (2/96) em dois dos itens lexicais .

O alvo *mãos* é o único que apresenta sucesso total, já que a produção, correspondente a 3,1%, e classificada como *outras respostas*, se refere a uma autocorrecção realizada por

uma criança (Criança 141). Esta, assim que produz *mães*, imediatamente se autocorrige, produzindo *mãos.*

No que se refere aos itens *grão* e *irmão*, estes apresentam a mesma percentagem de fidelidade ao alvo, 75%. Para ambos, e conforme mencionado, [õj̃ʃ] é a forma desviante de eleição, sendo que em *grão* ocorre com 21,9% e em *irmão* com 18,8%; ambos registam o mesmo valor percentual para o uso de [ɐ̃j̃ʃ] de 3,1% conforme ordem dos itens no PE *mãos>>irmãos>>grãos*.

3.4.1.2.Paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]

No *Gráfico 31*, são apresentadas as médias das produções das crianças do grupo dos 6 anos para as palavras terminadas em [õj̃ʃ].

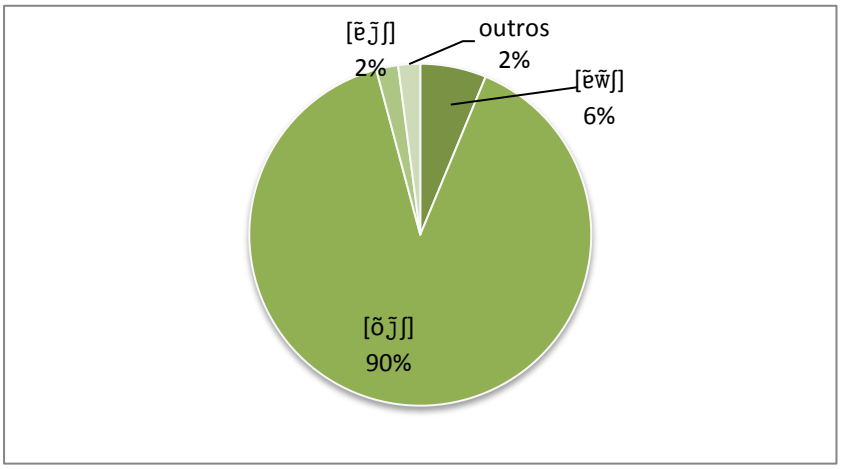


Gráfico 31- Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV no paradigma [õ j̃ʃ]

Neste paradigma, o Grupo IV apresenta um comportamento em conformidade ao alvo [õj̃ʃ] (90%). As formas desviantes apresentam valores muito baixos, 6% para [ɐ̃w̃ʃ] (6/96) e 2% para [ɐ̃j̃ʃ] (2/96),vejam-se os exemplos no *Quadro 32*.

Quadro 32 – Formas desviantes usadas pelas crianças do Grupo IV para os itens incluídos no paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ]

Formas Desviantes Usadas	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
uso de [ɐ̃j̃ʃ]	Aviões → [ɐviˊõj̃ʃ] Balões → [bɐˊlõj̃ʃ]	[ɐviˊ ɐ̃j̃ʃ] [bɐˊlɐ̃j̃ʃ]	Criança 126: 6A6M Criança 135: 6A8M
uso de [ɐ̃w̃ʃ]	Balões → [bɐˊlõj̃ʃ] Limões→ [liˊmõj̃ʃ]	[bɐˊlɐ̃w̃ʃ] [liˊmɐ̃w̃ʃ]	Criança 139: 6A5M Criança 117: 6A9M Criança 118: 6A12M Criança 125: 6A12M Criança 126: 6A6M Criança 134: 6A6M

As crianças do Grupo IV apresentaram ainda autocorrecções, correspondentes a um valor percentual de 2% (2/96), apresentadas no *Quadro 33.*

Quadro 33 – Outras respostas dadas pelas crianças do Grupo IV para o paradigma [õj̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Autocorrecções incorrecto →correcto	Limões [liˊmõj̃ʃ]	1ª prod. [liˊmɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [liˊmõj̃ʃ]	Criança 123 (6A 3M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Balões [bɐˊlõj̃ʃ]	1ª prod. [bɐˊlɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [bɐˊlɐ̃w̃ʃ]	Criança 126 (6A6M)

Seguem-se os valores percentuais relativos aos itens lexicais pertencentes ao paradigma das palavras com [õj̃ʃ], apresentadas no *Gráfico 32*.

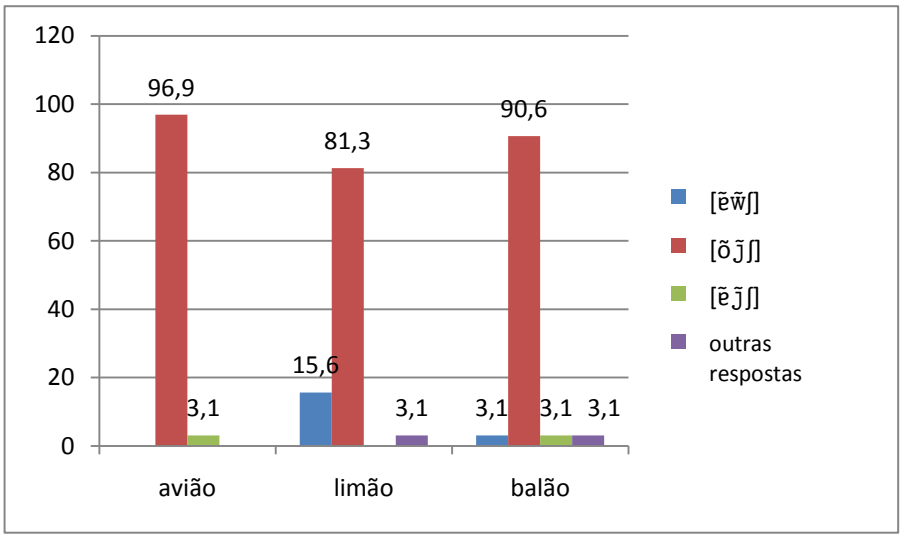


Gráfico 32 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV, por item lexical no paradigma [õ̞j̃/]

Através da observação do gráfico, verifica-se alguma dispersão nos resultados entre os três itens lexicais. Os itens *balão* e *avião* reúnem maior consenso no que se refere à preferência pelo formato alvo, sendo que *limão* revela ainda algumas produções desviantes. Estes resultados parecem estar relacionados com o efeito de frequência no alvo: *aviões>>balões>>limões* (*Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo - CLUL*), uma vez que *limão* é o item menos frequente: o item *avião* é o que apresenta maior fidelidade ao alvo (96,9%), seguido de *balão* (90,6%) e de *limão* (81,3%).

No que se refere às possibilidades de formas desviantes, estas variam em função de cada item. A possibilidade de [ẽw̃ʃ] como forma desviante ocorre em *limão* (15,6%) e em *balão* (3,1%). Pode considerar-se que a ocorrência deste formato em *limão* é a única forma desviante com alguma expressão, já que as restantes ocorrências apresentam valores residuais. O formato [ẽj̃ʃ], enquanto forma desviante, ocorre residualmente (3,1%) em *avião* e *balão*. No que se refere a *outras respostas* dadas pelas crianças nas palavras pertencentes ao paradigma [õj̃ʃ], apenas foram registadas em *balão* (3,1%) e *limão* (3,1%) e são apresentadas no quadro seguinte.

Quadro 34 - Outras respostas apresentadas pelo Grupo IV para as palavras do paradigma [õ ʃ̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Autocorrecções incorrecto →correcto	Limões [li´mõ ʃ̃ʃ]	1ª prod. [li´mɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [li´mõ ʃ̃ʃ]	Criança 123 (6A 3M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Balões [bɐ´lõ ʃ̃ʃ]	1ª prod. [bɐ´lɐ̃ ʃ̃ʃ] 2ª prod. [bɐ´lɐ̃w̃ʃ]	Criança 126 (6A6M)

3.4.1.3.Paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ ʃ̃ʃ]

Seguidamente, apresentamos os resultados globais obtidos pelas crianças do Grupo IV para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃ ʃ̃ʃ].

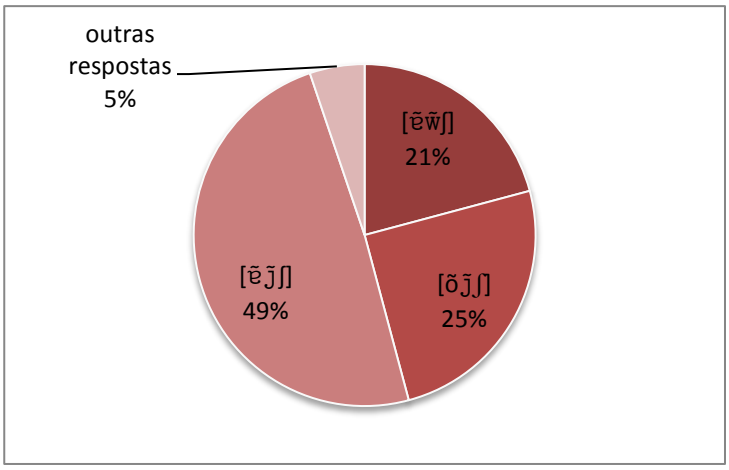


Gráfico 33 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=96) do Grupo IV no paradigma [ɐ̃ ʃ̃ʃ]

O paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ ʃ̃ʃ] é aquele em que se regista uma maior instabilidade nos resultados, com menor fidelidade ao alvo. Apenas 49% das respostas do grupo coincidem com a estrutura alvo, verificando-se que [õ ʃ̃ʃ] se apresenta como segunda opção (25%), muito próxima de [ɐ̃ ʃ̃ʃ], que regista 21% de respostas. Há ainda

a registar 5% de *outras respostas* dadas pelas crianças, como é possível verificar no *Quadro 35*.

Quadro 35 – Outras respostas apresentadas pelas crianças do Grupo IV para as palavras do paradigma [ɐ̃ʃ̃ʃ]

Tipo *Outras Respostas*	**Estímulo**	**Produções**	**Identificação da criança**
Autocorrecções correcto →incorrecto	Pães [ˊpɐ̃ʃ̃ʃ]	1ª prod. [ˊpɐ̃ʃ̃ʃ] 2ª prod. [ˊpɐ̃w̃ʃ]	Criança 126 (6A 6M)
Autocorrecções incorrecto →correcto	Pães [ˊpɐ̃ʃ̃ʃ]	1ª prod. [ˊpõʃ̃ʃ] 2ª prod. [ˊpɐ̃ʃ̃ʃ]	Criança 139 (6A 5M)
Autocorrecção ambas as produções incorrectas	Capitães [kɐpiˊtɐ̃ʃ̃ʃ]	1ª prod. [kɐpiˊtõʃ̃ʃ] 2ª prod. [kɐpiˊtɐ̃w̃ʃ] 1ª prod. [kɐpiˊtɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [kɐpiˊtõʃ̃ʃ]	Criança 118 (6A12M) Criança 130 (6A 6M) Criança 138 (6A 7M)

Descritos os resultados globais obtidos pelo grupo dos 6 anos para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃ʃ̃ʃ], segue-se a apresentação dos dados por item lexical, observável no *Gráfico 34.*

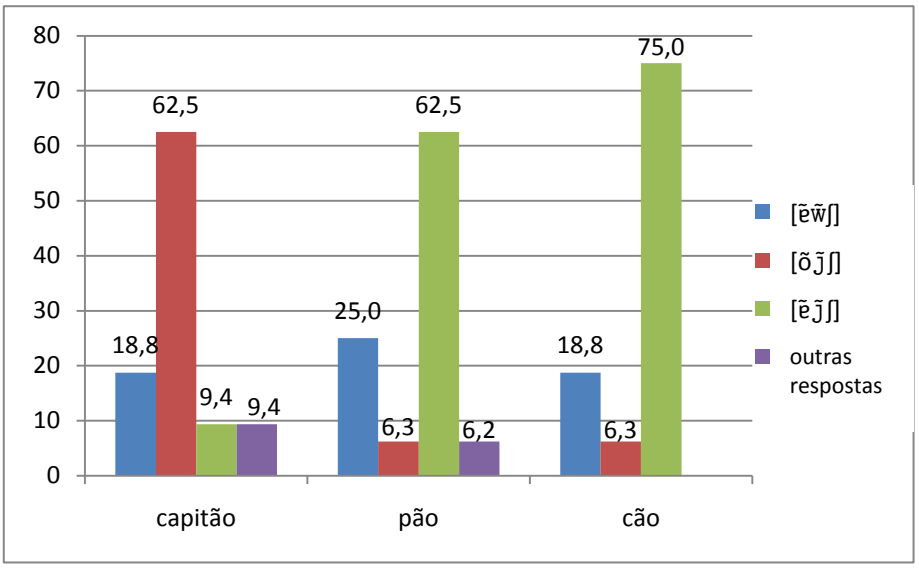


Gráfico 34 - Distribuição das médias das frequências relativas do Grupo IV, por item lexical, no paradigma [ẽ.j̃/]

Neste paradigma, não se observa uma tendência uniforme relativamente aos alvos apresentados. Os itens *pão* e *cão* apresentam a mesma tendência, registando uma preferência pelo alvo [ẽj̃ʃ], sendo que para o primeiro se regista 75% e para o segundo 62,5% de ocorrências. Ambos dão privilégio ao formato [ẽw̃ʃ] como forma desviante (*pão* (25%) e *cão* (18,8%)) e [õj̃ʃ] como forma desviante menos preferencial (tendo os dois itens revelado o mesmo valor percentual de 6,3%). O item *capitão* apresenta um comportamento bastante díspar dos restantes, já que a generalidade das respostas das crianças não coincide com o alvo, ou seja, apenas 9,4% do Grupo IV realiza o plural de acordo com o modelo adulto. Assim, o formato preferencial para este item é [õj̃ʃ], tendo o mesmo obtido um valor percentual de 62,5%, seguido do formato [ẽw̃ʃ], com 18,8%. Constatou-se ainda a ocorrência de 9,4% de *outras respostas* (consulte-se *Quadro 35*).

Os resultados obtidos por este grupo neste paradigma parecem evidenciar um efeito lexical: *cão* e *pão* aproximam-se do alvo, embora o valor para este último não seja alto; *capitão* sofre a influência do efeito gramatical. O comportamento das crianças não se espelha no alvo (*cães>>capitães>>pães*), embora pareça estar de acordo com a frequência no léxico infantil, para o qual não há dados de referência no PE.

3.4.2. Resultados do Grupo IV na prova de pseudopalavras

Nesta secção apresentar-se-ão os resultados obtidos pelo Grupo IV na prova de pseudopalavras, sendo apresentados em dois momentos: i) resultados globais das produções para as pseudopalavras (por formato de plural) e ii) apresentação dos resultados por pseudopalavra.

No *Gráfico 35* encontram-se sistematizados os resultados genéricos, relativos ao grupo das crianças do primeiro ciclo, na prova de pseudopalavras.

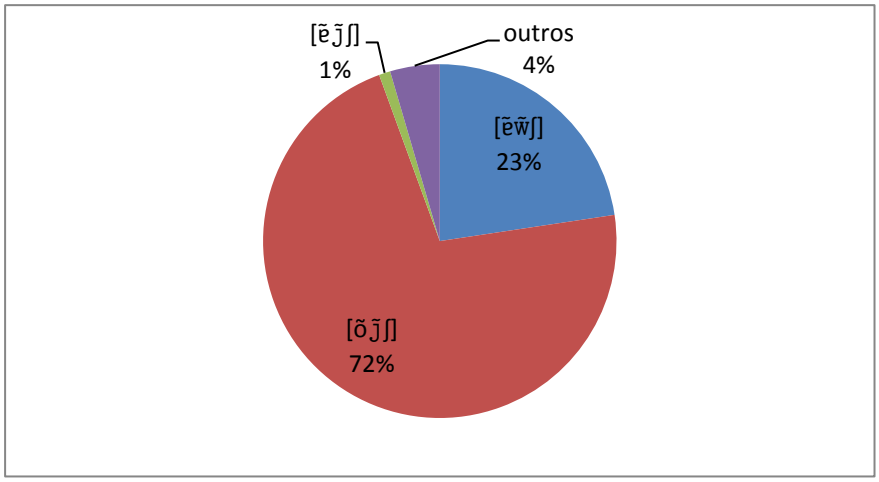


Gráfico 35 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas globais (n=288) do Grupo IV para a prova de pseudopalavras

De acordo com os dados apresentado no *Gráfico 35*, é possível constatar como reagem as crianças deste grupo perante a prova de pseudopalavras. Assim, observa-se que a maioria (72%) dá privilégio ao formato [õʒʃ] e apenas 23% opta por [ɐ̃w̃ʃ]. As restantes produções apresentam valores residuais: [ɐ̃ʒʃ] regista apenas 1% de ocorrências, tendo-se verificado 4% de *outras respostas* por parte das crianças do Grupo IV, apresentadas no *Quadro 36.*

Quadro 36 - Produções residuais do Grupo IV na prova de pseudopalavras

Produções Residuais	Estímulo	Produções	Identificação da criança
Uso de [ɐ̃j̃ʃ]	Catão [kɐ´tɐ̃w̃]	[kɐ´tɐ̃j̃ʃ]	Criança 136: 7A 1M
	Sufão [su´fɐ̃w̃]	[su´fɐ̃j̃ʃ]	Criança 136: 7A 1M
	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dɐ̃j̃ʃ]	Criança 130: 6A 2M
Alternância do formato fonético	Bitão [bi´tɐ̃w̃]	[bi´tõʃ]	Criança 138: 6A 7M
	Nibão [ni´bɐ̃w̃]	[ni´bõʃ]	Criança 134: 6A 6M
	Midão [mi´dɐ̃w̃]	[mi´dõʃ]	Criança 134: 6A 6M
Ausência de marcador de plural	Tipão [ti´p ɐ̃w̃]	[ti´pɐ̃w̃]	Criança 123: 6A3M Criança 129: 6A 10M
	Bitão [bi´tɐ̃w̃]	[bi´tɐ̃w]	Criança 134: 6A 6M
	Futão [fu´tɐ̃w̃]	[fu´tɐ̃w̃]	Criança 134:6A 6M
Autocorrecções [ɐ̃j̃ʃ] → [õj̃ʃ]	Bitão [bi´tɐ̃w̃]	1ª prod. [bi´tɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [bi´tõj̃ʃ]	Criança 124: 6A10M
	Midão [mi´dɐ̃w̃]	1ª prod. [midtɐ̃j̃ʃ] 2ª prod. [mi´dõj̃ʃ]	Criança 115: 6A10M
Autocorrecções [ɐ̃w̃ʃ] → [õj̃ʃ]	Vatão [vɐ´tɐ̃w̃]	1ª prod. [vɐ´tɐ̃w̃ʃ] 2ª prod. [vɐ´tõj̃ʃ]	Criança 128: 6A 3M Criança 130: 6A 2M

Apresentamos no *Gráfico 36*, as médias de ocorrência dos diferentes tipos de ditongos registados no desempenho da tarefa, em função de cada estímulo apresentado.

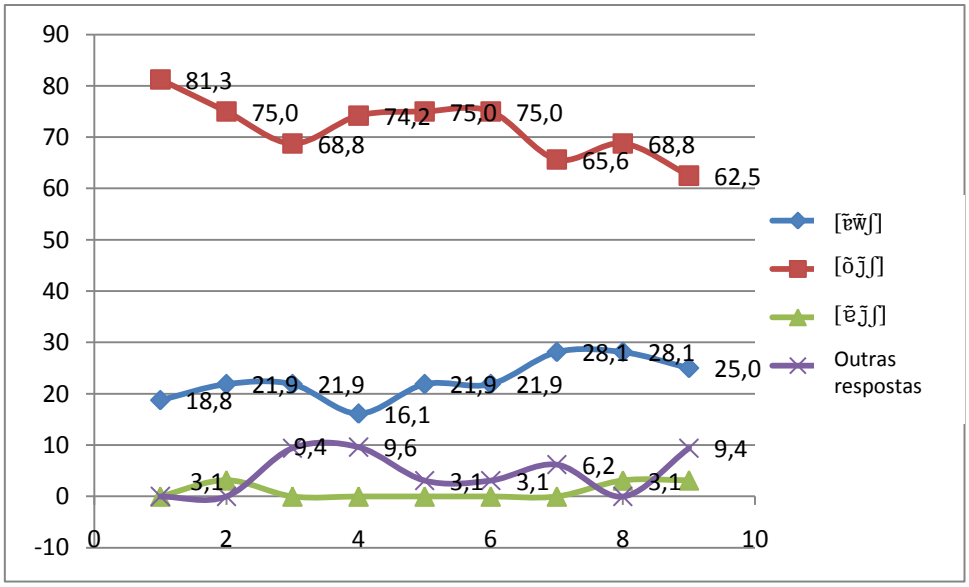


Gráfico 36 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=288) do Grupo IV na prova de pseudopalavras, por item apresentado

O formato preferido para as pseudopalavras é [õj̃ʃ], tendo registado um mínimo de 62,5% e um máximo de 81,3%. O uso de [ɐ̃w̃ʃ] é bastante mais reduzido, tendo apresentado valores entre os 18,8% e os 28,1%. Conforme mencionado anteriormente, as restantes produções registadas (uso de [ẽj̃ʃ] e *outras respostas*) e apresentadas no *Quadro 32* manifestaram valores residuais.

3.4.3. Sumário

Após a apresentação dos resultados para o Grupo IV, foi possível constatar os seguintes comportamentos linguísticos por parte deste grupo:

(i) as crianças deste grupo dão preferência ao uso de [õj̃ʃ], em detrimento de [ɐ̃w̃ʃ], quer na prova de palavras, quer na de pseudopalavras;

(ii) para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], a maioria das crianças mantém-se fiel ao alvo. Observa-se, no entanto, um aumento na selecção de formato desviante [õj̃ʃ] relativamente ao alvo [ɐ̃w̃ʃ];

(iii) o formato [ẽj̃ʃ] muito raramente constitui uma opção ao alvo e o seu uso restringe-se a itens lexicais específicos;

(iv) para as palavras incluídas no paradigma [õj̃ʃ], os valores percentuais de fidelidade apresentam-se acima dos 80% para todos os itens lexicais nele incluídos;

(v) relativamente às palavras incluídas no paradigma [ẽj̃ʃ], regista-se um aumento de preferência pelo alvo, atingindo quase os 50%. As formas desviantes seleccionadas ocorrem de forma muito próxima, mas com prevalência de [ẽw̃ʃ];

(vi) verifica-se neste grupo a ocorrência de efeito lexical nos itens *mão* e *cão*;

(vii) no que se refere às pseudopalavras, revela-se um aumento de [õj̃ʃ], acentuando a assimetria entre [õj̃ʃ] e [ẽw̃ʃ].

3.5. Discussão dos resultados

Tendo em consideração o objectivo central da presente investigação, estudar a aquisição da formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal [ɐ̃w̃], é nosso intuito discutir, nesta secção, o modo como se processa tal aquisição na amostra considerada nesta tese (Grupos I, II, III e IV, que cobrem, respectivamente, as faixas etários dos 3, 4, 5 e 6 anos). Pretende-se que a mesma seja orientada da seguinte forma: i) comparação dos resultados obtidos para cada grupo etário, em função de cada um dos paradigmas estudados; ii) discussão dos resultados a partir das hipóteses colocadas no capítulo 2.

3.5.1. Comparação entre os grupos na prova de palavras

Nesta secção, proceder-se-á à comparação entre os grupos incluídos no presente estudo, pretendendo-se, assim, desenhar um perfil, com base em dados transversais, do desenvolvimento linguístico associado à formação do plural em nomes terminados em ditongo nasal no PE. Serão, primeiro, comparados os valores globais registados para cada grupo, independentemente do alvo. Seguidamente, passar-se-á à comparação entre os grupos, feita em função dos paradigmas estudados (palavras terminadas em [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ]). Finalmente, apresentar-se-ão as comparações entre grupos por itens lexicais incluídos na prova.

3.5.1.1. Valores globais

No *Gráfico 37,* é apresentada a comparação entre os Grupos I, II, III e IV relativamente às suas prestações para a prova das palavras. Estão representados os valores globais obtidos para a produção das sequências [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], independentemente do paradigma e do alvo lexical apresentado.

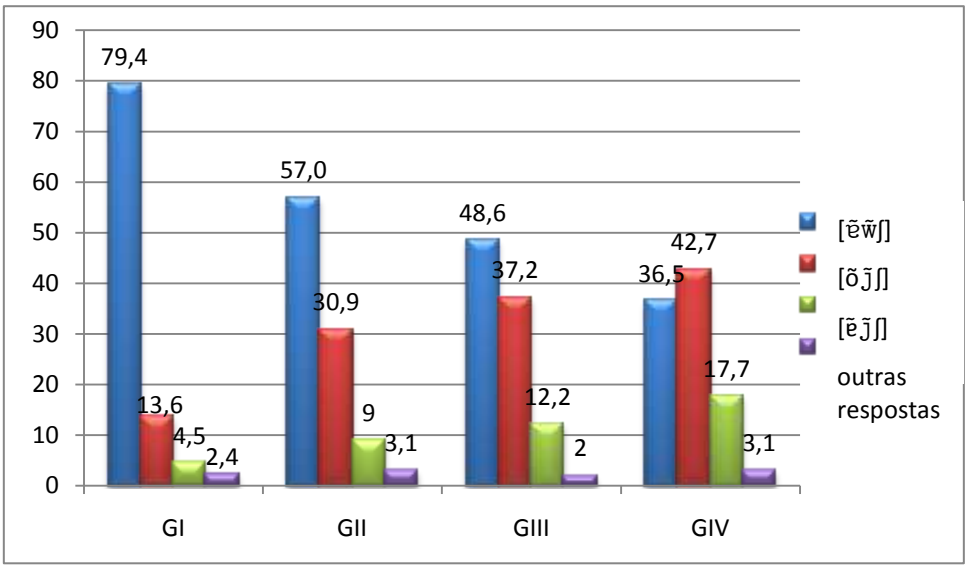


Gráfico 37 – Comparação das médias das frequências relativas globais (independentemente do alvo) das respostas (n=1170) dadas pelas crianças de cada grupo

Através da análise do *Gráfico 37*, constata-se que o comportamento global se vai alterando em função da faixa etária. O formato [ɐ̃w̃ʃ] é o mais usado inicialmente, com preferência manifesta na faixa etária dos 3 anos (79,4%), diminuindo gradualmente nos grupos que integram idades mais elevadas (56,96% aos 4 anos, 48,6% aos 5 anos e 36,46% aos 6 anos). Já o formato [õj̃ʃ] apresenta um comportamento inversamente proporcional, registando valores muito baixos inicialmente e revelando um aumento progressivo, à medida que a idade aumenta (Grupo I: 13,6%; Grupo II: 30,91%; Grupo III: 37,2%; Grupo IV 42,71%). No que se refere ao uso do formato [ɐ̃j̃ʃ], o comportamento das crianças face ao mesmo é similar ao de [õj̃ʃ], aumentando gradualmente nos quatro grupos etários, apesar de as frequências de uso registadas serem bastante baixas (Grupo I: 4,2%; Grupo II: 9,03; Grupo III: 12,2% e Grupo IV: 17,71%).

3.5.1.2. Comparação dos grupos por tipo de ditongo

Seguidamente, apresentamos a discussão dos resultados em função de cada um dos paradigmas trabalhados nesta tese.

No *Gráfico 38*, é apresentada a comparação das médias apresentadas por cada grupo, para o paradigma dos nomes terminados em [ɐ̃w̃ʃ].

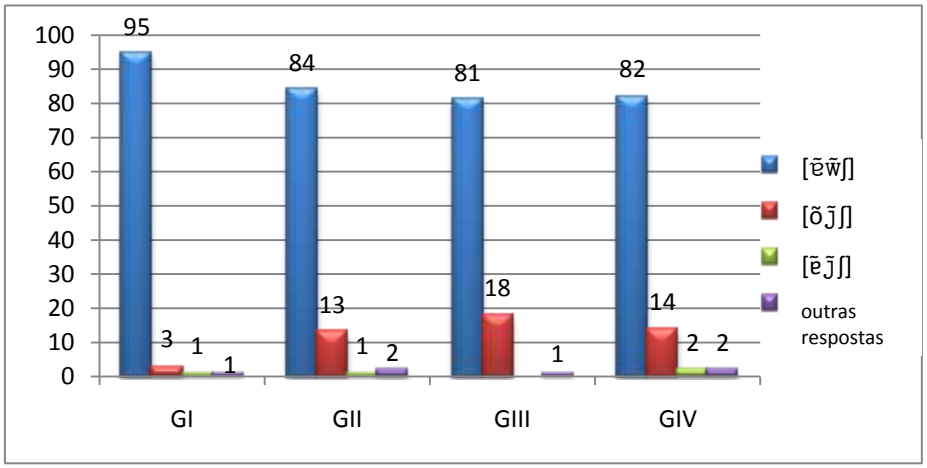


Gráfico 38 – Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) nos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

A partir da análise do gráfico, é nítida a fidelidade ao alvo desde os 3 anos de idade. Neste primeiro grupo etário, observa-se um valor de 95% de produções conformes ao alvo, que decresce, nos grupos seguintes, para os 80%. O único formato disponível como forma de substituição é [õj̃ʃ], uma vez que [ɐ̃j̃ʃ] não constitui uma opção de resposta. Com o aumentar da idade cronológica e consequente contacto com a frequência elevada do formato [õj̃ʃ] no léxico (lembre-se que este formato é o mais frequente na língua-alvo - cf. Cunha e Cintra, 1996; Sim-Sim, 1998; Duarte, 2000; Villalva, 2008; *Portal da Língua Portuguesa*, 2008, citado por Castro, 2008), esta forma vai interferindo progressivamente nos formatos seleccionados pelas crianças .

Quando o formato-alvo é [ɐ̃w̃ʃ], verifica-se que as crianças optam maioritariamente pela forma que, simultaneamente, é a do alvo e decorre do efeito gramatical associado à regra de formação do plural ([ɐ̃w̃ʃ]: *à forma do singular, acrescente um [ʃ]*), confirmando os dados de Castro (2008) para as pseudopalavras e a hipótese formulada em Sim-Sim (1998).

Aparentemente, e considerando os critérios de aquisição definidos nos *Aspectos Metodológicos* (capítulo 2), este paradigma está adquirido desde a faixa etária dos três

anos, uma vez que revela valores acima dos 95%. Contudo, e como já referido, a partir dos 4 anos observa-se uma regressão na fidelidade ao alvo, verificando-se uma diminuição para valores inferiores a 86%, indicativos de estrutura adquirida, mas não estabilizada. Mais tarde, neste capítulo, retomaremos a interpretação destes dados à luz dos potenciais efeitos gramatical ou de frequência a que as crianças obedecem.

Quanto ao alvo [õj̃ʃ], os valores obtidos para cada grupo etário registam-se no *Gráfico 39*.

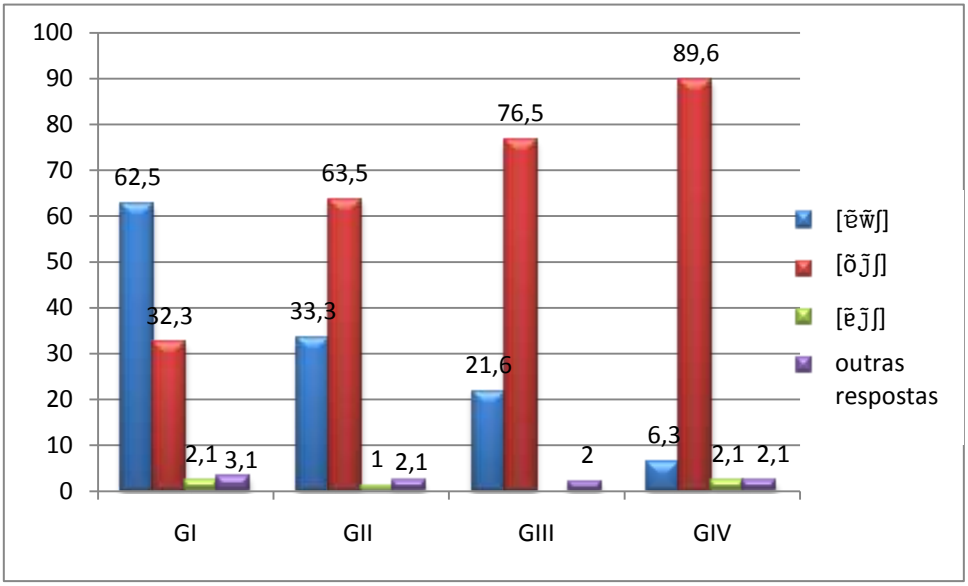


Gráfico 39 - Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [õj̃ʃ]

Para as palavras deste paradigma, denota-se também uma mudança no comportamento linguístico ao longo dos quatro grupos etários. Numa fase inicial, as crianças com 3 anos não são fiéis ao alvo, registando apenas 32,3% de respostas em conformidade com o mesmo. O fenómeno inverte-se aos 4 anos, em que a maioria das crianças (63,5%) passa a seleccionar o formato em conformidade com o alvo, preferência que se mantém nos grupos etários seguintes (76,5% aos 5 anos e 89,6% aos 6 anos). Relativamente ao padrão desviante [ẽw̃ʃ], este é o único que apresenta valores com expressão: as crianças com 3 anos optam preferencialmente por este formato (62,5%), observando-se uma diminuição do uso desta estratégia de substituição à medida que a faixa etária avança. Aos 3 anos, o predomínio de [ẽw̃ʃ] pode decorrer da sua natureza não marcada nos

sistemas linguísticos das crianças observadas, o pode ser interpretado como produto do efeito gramatical, como será aprofundado mais à frente neste capítulo. Tal como no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], também neste paradigma, o formato [ɐ̃j̃ʃ] não tem representatividade como estratégia de substituição.

Na faixa etária dos 3 anos, a estrutura alvo [õj̃ʃ] não se encontra adquirida, podendo considerar-se que esta só se inicia a partir dos 4 anos (valores entre os 51% e os 75% revelam que a estrutura está em aquisição). Aos 5 anos, a estrutura está adquirida, mas não estabilizada e, aos 6 anos, encontra-se adquirida e estabilizada.

No *Gráfico 40*, apresentamos a síntese da comparação entre grupos para o paradigma [ɐ̃j̃ʃ].

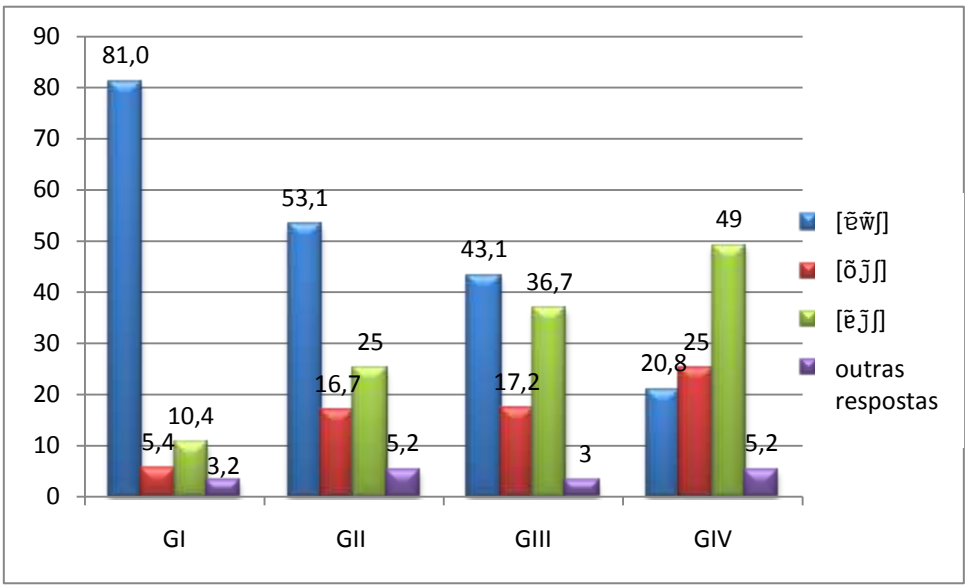


Gráfico 40 - Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dadas pelas crianças dos Grupos I, II, III e IV para o paradigma [ɐ̃j̃ʃ]

Ao contrário do acontece para os anteriores paradigmas, em que a distribuição dos valores era homogénea, neste paradigma e a distribuição por tipo de produção é mais heterogénea. Nas faixas etárias iniciais testadas, não se verifica fidelidade ao alvo, sendo que, aos 3 anos, apenas 10,4% das respostas estão em conformidade com o alvo. Este valor vai aumentando gradualmente (25% aos 4 anos e 36,7% aos 5 anos) e atinge um máximo de 49% no Grupo IV, o que é indicativo da não estabilização da estrutura [ɐ̃j̃ʃ] na faixa etária dos 6 anos.

Relativamente às formas desviantes, e tal como nos restantes paradigmas, aos 3 anos as crianças seleccionam preferencialmente o formato [ɐ̃w̃ʃ], sendo de registar 81% de respostas com este formato. O uso deste padrão tem tendência a diminuir ao longo dos restantes grupos, sendo que, aos 6 anos, apenas se contabilizam 20,8% de ocorrências deste formato. Para o paradigma [ɐ̃j̃ʃ], o formato [ɐ̃w̃ʃ] mantém-se como estratégia de substituição mais frequente até aos 5 anos. No que se refere à outra possibilidade para a estrutura em causa, o formato [õj̃ʃ], que inicialmente regista valores praticamente residuais (5,4% aos 3 anos), o seu uso como possibilidade de resposta sobe aos 4 anos para os 16,7% e continua com valores próximos até aos 6 anos: permanece como segunda opção de escolha aos 4 e 5 anos; aos 6 anos, a preferência por uma das duas formas desviantes não é clara (20,8% para [ɐ̃w̃ʃ] e 25% para [õj̃ʃ]).

Desta forma, pode considerar-se que [ɐ̃w̃ʃ] é não marcado para o paradigma [ɐ̃j̃ʃ] até aos 5 anos, por ser a estratégia de substituição preferencial. Este comportamento será interpretado, mais à frente, como efeito gramatical. Só aos 6 anos as crianças começam a considerar factores lexicais e de frequência, embora neste caso, e como discutido à frente, o efeito gramatical e o efeito de frequência pareçam ter pesos equivalentes nos sistemas linguísticos das crianças observadas. Podemos, assim, afirmar que os dados aqui descritos confirmam a natureza marcada de [ɐ̃j̃ʃ] no sistema alvo.

Apesar de não ser uma diferença muito evidente, é relevante referir que, no paradigma das palavras terminada em [ɐ̃j̃ʃ], foram registados valores de *outras produções* superiores aos registados nos restantes paradigmas, o que constitui um argumento a favor na natureza marcada desta forma alvo no PE.

O paradigma [ɐ̃j̃ʃ] assume-se como problemático para as crianças observadas, sendo, por isso, fundamental para esta discussão: é em contextos problemáticos que mais evidentemente se pode avaliar como as crianças estão a processar a informação e que tipos de estratégias usam para resolver situações de instabilidade linguística nos seus sistemas.

3.5.1.3. Comparação dos grupos em função dos itens lexicais

Nesta secção, far-se-á uma discussão dos resultados comparando o desempenho de cada grupo em função dos itens lexicais com a frequência de ocorrência dos itens na língua. Todas as referências às possibilidades de efeito lexical se relacionam com previsões a partir das frequências no sistema adulto, retiradas do *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo*, uma vez que não se dispõe de um léxico infantil de referência para o PE.

No *Gráfico 41*, apresentamos os resultados, por item lexical, dos estímulos incluídos no paradigma dos nomes terminado em [ɐ̃w̃ʃ].

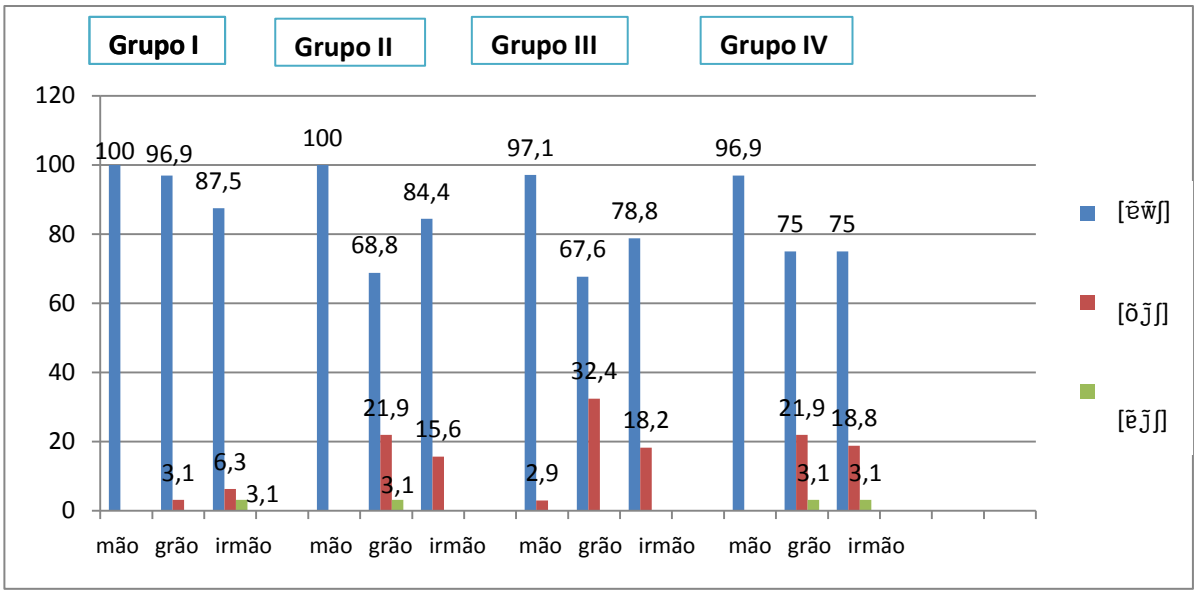


Gráfico 41 - Distribuição dos resultados por grupo no paradigma [ɐ̃w̃ʃ]

Conforme é possível constatar através da análise do *Gráfico 41*, o comportamento das crianças difere em função dos itens lexicais incluídos na prova. O item *mão* mantém-se estável ao longo das quatro faixas etárias estudadas, sendo o preferido e estando estabilizado desde os 3 anos, o que nos pode remeter para um eventual efeito lexical, se o confrontarmos com os restantes itens, cujo sucesso baixa nas faixas etárias seguintes. Na verdade, no que se refere ao item *grão*, este regista inicialmente uma elevada fidelidade ao alvo (96,9% aos 3 anos) e, apesar de se manter preferencialmente associado a [ɐ̃w̃ʃ], decresce aos 4 anos para 68,8% e para 67,6%, aos 5 anos, voltando a aumentar o seu valor aos 6 anos (75%), com um resultado inferior em cerca de 20% relativamente às crianças da faixa dos 3 anos. Em *irmão*, que se apresenta aos 3 anos

com 87,5% de respostas em conformidade com alvo, a preferência pelo alvo decresce ao longo dos quatro grupos (84,% aos 4 anos; 78,8% aos 5 anos; 75% aos 6 anos).

A única forma desviante que se destaca corresponde ao formato [õj̃ʃ]. No item *grão*, o uso de [õj̃ʃ] aumenta aos 4 anos (21,9%) e aos 5 anos (32,4%) e só regride aos 6 anos (21,9%). Para *irmãos*, o uso deste formato aumenta bastante da faixa etária dos 3 anos (3,1%) para a dos 4 anos (15,6%), verificando-se que, nas faixas etárias seguintes (5 e 6 anos), revela valores muito próximos (cerca de 18%).

Aos 3 anos, as respostas das crianças ocorrem na ordem *mãos>>grãos>>irmãos*, não sendo coincidentes com as frequências de ocorrência destes itens na língua (*mãos>> irmãos >>grãos* (cf. secção 2.6. do capítulo 2)). Nos grupos dos 4 e dos 5 anos, pelo contrário, as crianças vão ao encontro da frequência dos itens na língua. Aos 6 anos, os itens deixam de respeitar a ordem com que ocorrem na língua, passando *grãos* e *irmãos* a registar frequências iguais, com valores que revelam que ambos ainda se encontram em aquisição (cf. Hernandorena, 1990).

No *Gráfico 42*, registamos o comportamento das crianças ao longo das faixas etárias estudadas para os itens lexicais pertencentes ao paradigma das palavras terminadas em [õj̃ʃ].

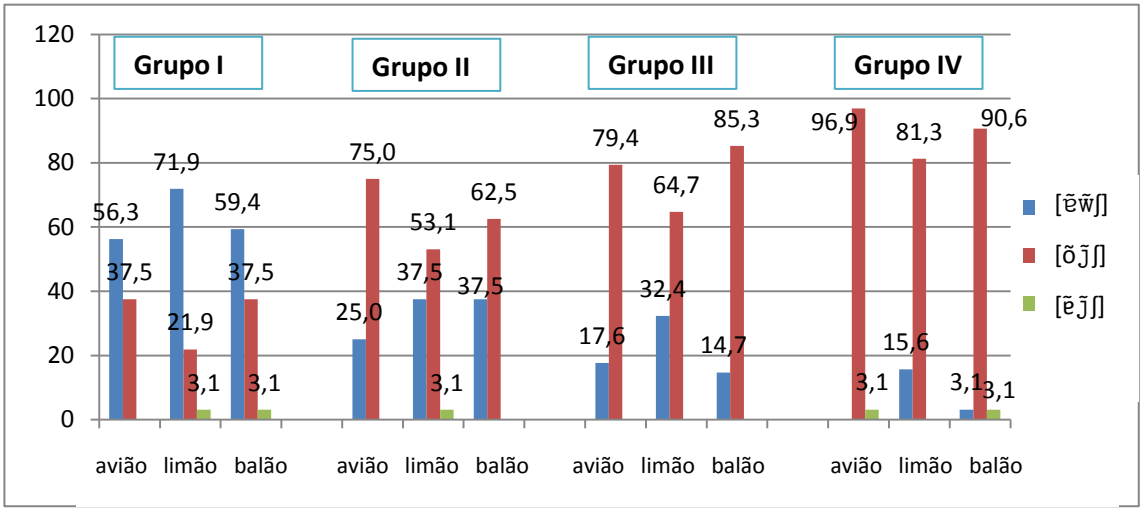


Gráfico 42 - Distribuição dos resultados por grupo no paradigma [õ̞j̃ʃ̞]

Todos os itens lexicais incluídos neste paradigma aumentam as respostas conformes ao alvo com o aumento da idade. No Grupo I, apesar de a maioria das crianças optar por um formato desviante, as produções em conformidade com o alvo (*aviões* (37,5%)>>*balões* (37,5%)>>*limões*(21,9%)) respeitam a frequência com que estes itens ocorrem na língua[28]. Nos grupos etários dos 4 e dos 6 anos, as crianças continuam a respeitar a ordem com que estes itens ocorrem na língua (*aviões*>> *balões*>> *limões*), sendo que, nestas faixas etárias, o item *avião* é o preferido. Verifica-se, no entanto, alguma competição com o item *balões*, que regista a mesma percentagem de ocorrência que *aviões* aos 3 anos, mas é preferido aos 5 anos. Pode afirmar-se que os itens com mais sucesso são *aviões* e *balões* e que *limões* é o item que revela menos conformidade com o alvo, em todos os grupos etários, respeitando, por isso, a ordem de ocorrência na língua.

A comparação entre os resultados relativos aos itens lexicais incluídos no paradigma das palavras terminadas em [ɐ̃ʒ̃ʃ] é apresentada no *Gráfico 43*.

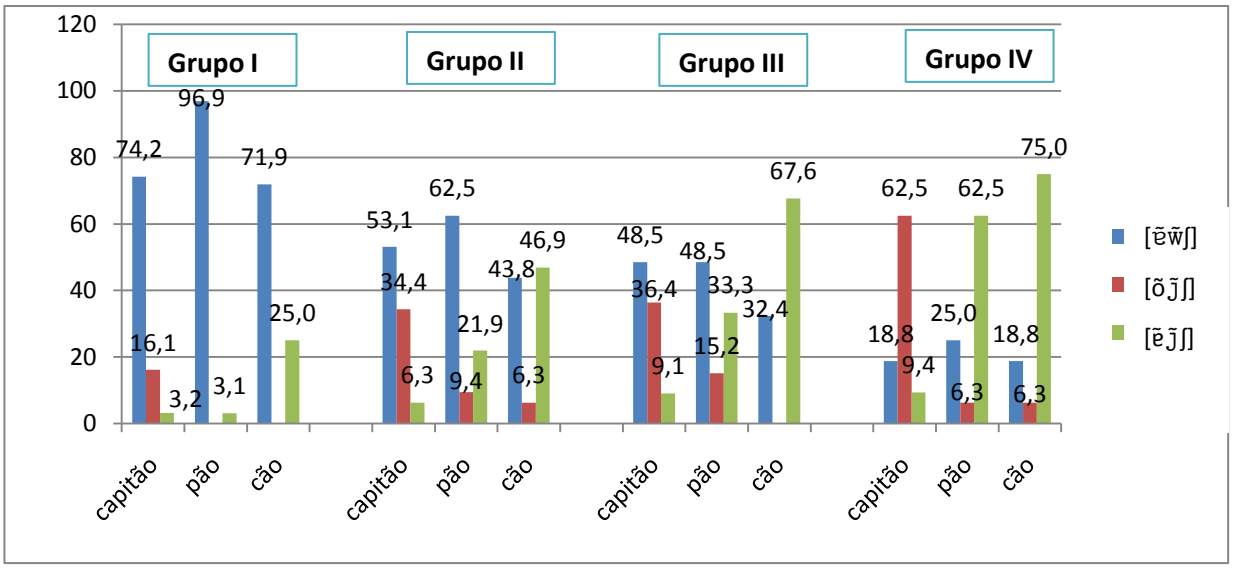


Gráfico 43 - Distribuição das médias das frequências relativas das respostas (n=390) dos Grupos I, II, III e IV no paradigma [ɐ̃ʒ̃ʃ]

[28] Cf. *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo – CLUL: aviões>>balões>>limões*

Neste paradigma, observa-se uma maior heterogeneidade nos resultados obtidos pelas crianças. Existe uma preferência inicial por [ɐ̃w̃ʃ], que se altera em função dos itens lexicais, como seguidamente se passa a descrever.

Relativamente ao estímulo *pão*, as crianças não dão preferência inicial ao alvo, usando maioritariamente o formato [ɐ̃w̃ʃ], que se mantém nas faixas etárias dos 3, 4 e 5 anos. Este tende a diminuir à medida que aumenta a preferência pelo modelo adulto. O item *capitão* apresenta-se, transversalmente, com respostas que não vão ao encontro do modelo adulto, sendo o que apresenta menor sucesso. Inicialmente, as crianças dão preferência a [ɐ̃w̃ʃ] como formato de resposta, a qual decresce nos grupos etários seguintes. Só na faixa etária dos 6 anos há uma inversão no comportamento, passando [õj̃ʃ] a constituir a maioria das respostas para *capitão* (62,5%). O item *cão* apresenta, desde a faixa etária dos 3 anos, um comportamento distinto dos restantes, verificando-se uma preferência crescente pelo alvo, sendo que, aos 6 anos, 75% das respostas já estão em conformidade com o mesmo.

Comparando as produções dos diferentes grupos etários com a ordem de ocorrência destes itens usados para testar [ɐ̃j̃ʃ] (*cães>>capitães>>pães*), conclui-se que apenas *cão* permanece como item preferido ao longo das faixas etárias estudadas, respeitando a ordem de frequência referente ao léxico-alvo, o que poderá ser interpretado como um efeito lexical. O segundo item com maior sucesso é *pão* que, como vimos, regista, a partir dos 4 anos, uma aproximação gradual ao alvo, parecendo existir um efeito lexical a partir desta faixa etária. No que se refere ao item *capitães*, as produções conformes ao alvo são reduzidas nos quatro grupos e sempre inferiores a *cães*, o que não reflecte a frequência no sistema-alvo. Uma vez mais se salienta o facto de a ordem *capitães>>pães* ser retirada do léxico adulto por ausência de dados sobre a ocorrência destes itens no léxico infantil.

Constata-se, assim, uma estabilização tardia de [ɐ̃j̃ʃ], que pode estar relacionada com os baixos valores de frequência de ocorrência na língua das palavras pertencentes a este paradigma (Cunha e Cintra, 1996; Sim-Sim, 1998; Duarte, 2000; Villalva, 2008; Portal da Língua Portuguesa, 2008, citado por Castro, 2008) e com o facto de os itens lexicais

que lhe estão associados parecerem, na sua maioria, não fazer parte integrante do léxico infantil. Para a prova usada nesta tese, tentou-se controlar este factor, usando itens que previsivelmente seriam facilmente reconhecidos pelas crianças.

Finalmente, acrescente-se que as palavras mais problemáticas para nomeação do singular por parte das crianças (sendo necessária nomeação do singular por parte do avaliador) foram, por ordem decrescente, *grão*, *capitão* e *irmão.*

3.5.2. Comparação entre os grupos na prova de pseudopalavras

Seguidamente, passamos a apresentar a comparação realizada entre os quatro grupos analisados neste estudo para a prova das pseudopalavras. No *Gráfico 44*, é apresentada uma comparação sumária das médias globais, obtidas para cada grupo, na prova mencionada.

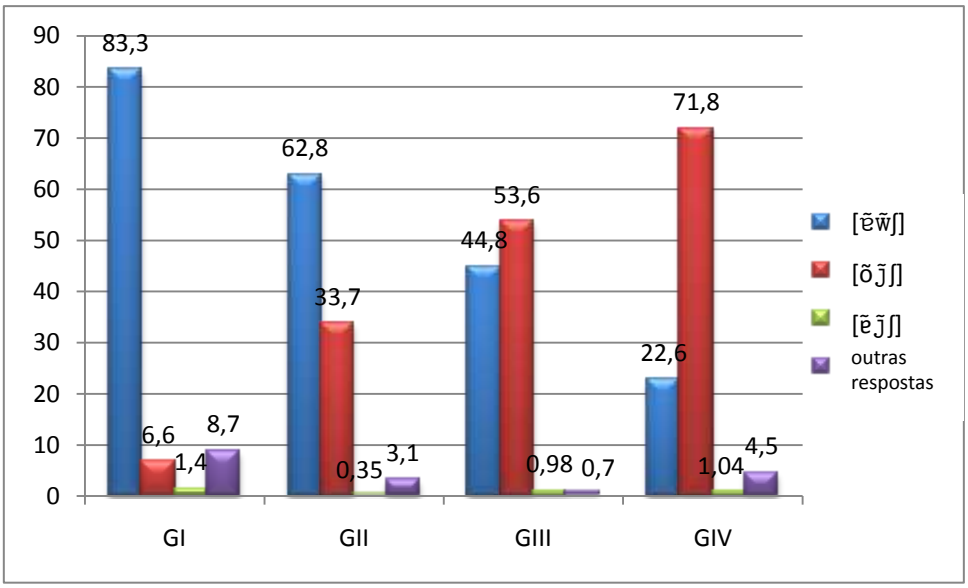


Gráfico 44 – Comparação das médias das frequências relativas das respostas (n=1170) dos Grupos I, II, III e IV na prova de pseudopalavras

Conforme foi possível verificar ao longo das secções anteriores deste capítulo, em estádios iniciais, e quer se trate de palavras ou de pseudopalavras, as crianças optam pelo formato [ɐ̃w̃ʃ]. No que diz respeito às pseudopalavras, o mesmo padrão é identificado: o Grupo I apresenta 83,3% de preferência por este formato, tendo o mesmo

diminuído no Grupo II, para 62,8%, ainda que se tenha continuado a manter como formato preferencial. No Grupo III, verifica-se uma preferência de 44,8% pelo formato [ɐ̃w̃ʃ] e, no Grupo IV, apenas 22,6% o usa como opção para as pseudopalavras. O formato [õj̃ʃ] praticamente não é seleccionado aos 3 anos (6,6%). No entanto, a partir dos 4 anos, há um aumento gradual do seu uso, sendo que, nesta idade, se regista um valor de 33,7%, aos 5 anos, 53,6% e , aos 6 anos, 71,8% de produções deste formato. O *Gráfico 44* mostra claramente que [ɐ̃j̃ʃ] não é seleccionado no contexto da formação do plural de pseudopalavras.

Na prova de pseudopalavras, o comportamento das crianças vai-se alterando ao longo dos quatro grupos, no que se refere à estratégia de não formação do plural, incluída na categoria *outras respostas*. Aos 3 anos, foram registadas 20/288 produções em que as crianças não realizaram o plural do estímulo apresentado (mesmo depois de terem sido estimuladas a fazê-lo). O valor de produções que não registam a marca de plural diminui aos quatro anos (7 produções) e aos 5 anos (1 produção). Aos 6 anos, observa-se um pequeno aumento para quatro produções. Este comportamento reforça a natureza das pseudopalavras enquanto contexto problemático. Na ausência de informação lexical, as crianças parecem, por vezes, hesitar e apresentar comportamentos típicos de faixas etárias anteriores.

No que se refere às pseudopalavras, o padrão de substituição não marcado é [ɐ̃w̃ʃ] aos 3 e aos 4 anos, o que denota um efeito gramatical. Aos 5 anos, [ɐ̃w̃ʃ] e [õj̃ʃ] apresentam valores muito próximos, tendo o efeito gramatical e o de frequência pesos equivalentes. Só aos 6 anos se verifica um claro efeito de frequência, através do predomínio de [õj̃ʃ].

Se pensarmos no confronto entre os resultados para as palavras e para as pseudopalavras, verificamos que, aos 3 e aos 4 anos, as crianças apresentam um processamento paralelo, sendo [ɐ̃w̃ʃ] usado preferencialmente em contextos problemáticos, atestando-se um claro efeito gramatical, discutido na próxima secção. No que se refere às crianças com 5 e 6 anos, as pseudopalavras deixam de espelhar o comportamento das palavras, autonomizando-se relativamente às palavras, como se retomará, mais à frente, na discussão das hipóteses.

3.5.3. Discussão dos resultados em função das hipóteses colocadas

Os dados apresentados e descritos neste trabalho mostram que o desenvolvimento linguístico associado à formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal é, em geral, muito lento e não se encontra estabilizado aos 6 anos. Note-se que, de acordo com descrições do desenvolvimento fonológico das crianças portuguesas (Freitas, 1997; Correia 2004), as estruturas silábicas associadas a estes ditongos se encontram estabilizadas mais cedo. Em Freitas (1997) é referida emergência precoce das Codas fricativas (com a idade 1;2); Mendes *et al.* (2009) afirma que, aos 3 anos, a Coda [ʃ] já está adquirida e em Correia (2004) refere-se que, entre os [2,10-3,6], sílabas com ditongos nasais e Codas [ʃ] estão adquiridas). A estabilização tardia das estruturas em análise nesta tese não decorre, assim, de aspectos fonológicos.

Como referido no capítulo 2, um dos objectivos deste trabalho é o de identificar, na aquisição do plural dos nomes terminados em ditongo nasal:

(a) a extensão do efeito gramatical (decorrente da sobre-aplicação da regra geral de formação do plural "Acrescente-se um [ʃ] à forma de singular", que gerará preferencialmente –[ɐ̃w̃ʃ]; Mateus, 1975/1982; Andrade, 1977; Mateus e Andrade, 2000; Mateus *et al.*, 2003) e/ou

(b) a extensão do efeito de frequência (decorrente da maior frequência de [õj̃ʃ] no alvo; Cunha e Cintra, 1996; Sim-Sim, 1998; Duarte, 2000; Villalva, 2008; *Portal da Língua Portuguesa*, 2008, citado por Castro, 2008; Bybee, 2001, Bybee e Hopper, 2001).

Assim, e tendo em conta a identificação dos efeitos gramatical e/ou de frequência no comportamento verbal dos meninos observados, ao longo das quatro faixas etárias, apresentamos a síntese que se segue:

(i) Aos 3 anos (Grupo I), observa-se claramente o efeito gramatical, que reforça o uso de [ɐ̃w̃ʃ] como forma não marcada em todos os paradigmas das palavras e em todas as pseudopalavras.

(ii) Aos 4 anos (Grupo II), começa a evidenciar-se uma mudança no comportamento das crianças, com a regressão do efeito gramatical: observa-se uma diminuição da preferência pelo alvo nas palavras pertencentes ao paradigma [ɐ̃w̃ʃ] e um aumento da

preferência pelo alvo nas palavras do paradigma [õj̃ʃ]; porém, nas palavras do paradigma [ẽj̃ʃ], [ẽw̃ʃ] continua a ser o formato não marcado, tal como nas pseudopalavras, ou seja, é usado em ambos os contextos problemáticos, o que constitui um argumento a favor de que é, de facto, o formato não marcado nos sistemas das crianças observadas. Em suma, o Grupo II já revela algum efeito de frequência (aumento do uso de [õj̃ʃ] nas palavras) mas continua a usar [ẽw̃ʃ] como o formato não marcado nos contextos problemáticos. O conhecimento lexical aumenta a aproximação ao alvo, mas o sistema morfofonológico mantém-se fiel à actuação da regra morfológica "Acrescente-se um [ʃ] à forma de singular", o que demonstra a presença de efeito gramatical aos 4 anos.

(iii) Aos 5 anos (Grupo III), regista-se uma diminuição do efeito gramatical, acompanhado de um aumento do efeito de frequência: no paradigma [ẽw̃ʃ], as crianças continuam a demonstrar preferência pelo alvo, ainda que os valores tenham diminuído, aumentando os valores de [õj̃ʃ] (potencial efeito de frequência); fortalece-se a preferência pelo alvo nos itens pertencentes ao paradigma [õj̃ʃ]; no paradigma [ẽj̃ʃ], aumenta o efeito lexical em *cão*, mas o formato desviante privilegiado, e com uma expressão de 43%, continua a ser [ẽw̃ʃ], o que pode querer dizer que este continua a ser o formato não marcado para o plural dos nomes terminados em ditongo nasal nesta idade (efeito gramatical). Contrastivamente, nas pseudopalavras, verifica-se um aumento da forma [õj̃ʃ] (54%), ultrapassando ligeiramente o formato [ẽw̃ʃ] (45%), tornando difícil a tarefa de identificar qual o factor com mais peso no processamento destas estruturas. Em contextos problemáticos, há aproximação entre o efeito gramatical e o efeito de frequência, no caso das pseudopalavras, mas há ainda efeito gramatical no paradigma [ẽj̃ʃ].

(iv) Só a partir dos 6 anos (Grupo IV), e na ausência de informação lexical, é que o efeito de frequência se começa a evidenciar: neste grupo, observa-se claramente o efeito de frequência nas pseudopalavras pelo uso preferencial de [õj̃ ʃ]. Quanto às palavras: no paradigma [ẽw̃ʃ], ainda se verifica uma ligeira descida da preferência pelo alvo em detrimento da forma mais frequente [õj̃ ʃ] (apesar desta descida, os itens lexicais,

individualmente, aparentam estabilização); no paradigma [õjʃ], continua a identificar-se um aumento nas produções conformes ao alvo; no paradigma [ẽjʃ], os valores do alvo são ainda muito baixos, havendo valores semelhantes para [ẽwʃ] e [õjʃ]. Se o efeito de frequência, aos 6 anos, é muito claro nas pseudopalavras, no caso do alvo [ẽjʃ], o efeito gramatical e o efeito de frequência co-ocorrem, espelhando-se na presença de valores muito próximos.

As três primeiras hipóteses colocadas neste estudo têm na base diferentes aspectos referidos na literatura. Assim, a Hipótese 1 parte da afirmação de Sim-Sim (1998), que prevê o uso precoce de [ẽwʃ] pelas crianças portuguesas, e de Castro (2008), que regista o uso preferencial deste formato em pseudopalavras:

Hipótese 1: ao longo das quatro faixas etárias, o uso preferencial de [ẽwʃ] no início vai sendo progressivamente substituído por produções conformes aos alvos [ẽwʃ], [õjʃ] e [ẽjʃ] (*efeito gramatical*).

A segunda hipótese assenta na predição de que as crianças portuguesas, adquirindo desde cedo o plural dos nomes (Freitas, 1997; Freitas, Miguel e Faria, 2001) e sendo precocemente sensíveis à alomorfia associada a estas palavras (Mateus 1975/1983; Andrade 1977, Mateus *et al.*. 2003; Veloso 2005; Villalva, 2008), também precocemente produzirão de acordo com o alvo os plurais dos nomes terminados em ditongo nasal:

Hipótese 2: não se regista progressão ao longo das diferentes faixas etárias, pois as crianças são precocemente fiéis aos alvos [ẽwʃ], [õjʃ] e [ẽjʃ].

A terceira hipótese tem na base a frequência elevada de [õjʃ] no sistema-alvo, em detrimento de [ẽwʃ] e [ẽjʃ] (Mateus 1975/1982; Mateus *et al.*. 2003; Villalva, 2008; Castro, 2008):

Hipótese 3: ao longo das quatro faixas etárias, o uso preferencial de [õj̃ʃ] no início vai sendo substituído por produções conformes aos alvos [ɐ̃w̃ʃ], [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ] (*efeito de frequência*).

Como verificámos anteriormente, o comportamento das crianças aos 3 anos (Grupo I) confirma a hipótese 1: não só o formato global preferencial é [ɐ̃w̃ʃ] como, em cada paradigma, este formato é usado (i) para aproximar os valores no paradigma [ɐ̃w̃ʃ] do formato alvo e (ii) para resolver problemas nos paradigmas [õj̃ʃ] e [ɐ̃j̃ʃ], sendo utilizado como padrão não marcado. No caso das pseudopalavras, as crianças com 3 anos claramente preferem o formato [ɐ̃w̃ʃ].

No entanto, o efeito gramatical não se regista apenas na faixa etária inicial e o seu desaparecimento não ocorre homogeneamente nas palavras e nas pseudopalavras. Aos 4 anos (Grupo II), o efeito gramatical mantém-se no paradigma [ɐ̃j̃ʃ] e nas pseudopalavras, tendo diminuído no paradigma [õj̃ʃ]. Aos 5 anos (Grupo III), o paradigma [ɐ̃w̃ʃ] regista um aumento de produções de tipo [õj̃ʃ] e o sucesso com alvos [õj̃ʃ] aumenta, o que evidencia o efeito de frequência; no entanto, [ɐ̃w̃ʃ] continua a ser o padrão usado por defeito no paradigma [ɐ̃j̃ʃ] (efeito gramatical); nas pseudopalavras, [ɐ̃w̃ʃ] e [õj̃ʃ] têm valores aproximados, sendo difícil identificar o predomínio de um padrão sobre o outro (efeito gramatical e efeito de frequência com pesos idênticos). Aos 6 anos (Grupo IV), o efeito de frequência é claro no uso de pseudopalavras (preferência por [õj̃ʃ]); no entanto, para palavras-alvo de tipo [ɐ̃j̃ʃ], o efeito gramatical e o efeito de frequência co-ocorrem, como se pode observar na presença de valores muito próximos.

Considerando ainda a frequência com que [ɐ̃w̃ʃ] ocorre na língua (1,8%), só o peso do efeito gramatical (regra morfológica de formação do plural) pode justificar a frequência de [ɐ̃w̃ʃ] nas produções das crianças mais novas para este paradigma, o que reitera o papel de [ɐ̃w̃ʃ] como estrutura não marcada nos contextos problemáticos (pseudopalavras e paradigma [ɐ̃j̃ʃ]) e o de [ɐ̃j̃ʃ] como estrutura marcada no sistema-

alvo. Os factos descritos nesta tese questionam, portanto, o papel da frequência do *input* nos estádios iniciais de aquisição.

Assim, a Hipótese 1 é parcialmente verdadeira, uma vez que a estratégia inicial de produção claramente decorre do efeito gramatical. No entanto, o desaparecimento deste efeito não é nem precoce nem homogéneo, se considerarmos as palavras e as pseudopalavras testadas em cada uma das faixas etárias.

Quanto à Hipótese 2, como referido anteriormente, o único paradigma em que as crianças são precocemente fiéis ao alvo é o das palavras-alvo terminadas em [ɐ̃w̃ʃ]; porém, o nível de sucesso neste paradigma diminui em faixas etárias subsequentes. No caso dos alvos com [õj̃ʃ] e com [ɐ̃j̃ʃ], os níveis de insucesso são muito elevados aos 3 anos, estando os níveis altos de insucesso com [ɐ̃j̃ʃ] presentes até aos 6 anos. Estes resultados não confirmam a Hipótese 2. Aparentemente, uma sensibilidade precoce à alomorfia, que permitiria definir desde cedo os formatos dos ditongos no plural, não está presente nas crianças observadas.

A Hipótese 3 tem na base a alta frequência de [õj̃ ʃ] no sistema-alvo. No que se refere ao uso do formato-alvo [õj̃ ʃ], esta hipótese prediz a sua estabilização precoce; a hipótese prediz , ainda, que todos os outros paradigmas sejam afectados pela preferência por [õj̃ ʃ] (Cunha e Cintra, 1996; Sim-Sim, 1998; Duarte, 2000; Villalva, 2008). Os dados obtidos não confirmam a hipótese, sendo que apenas se encontra um efeito de frequência:

(i) aos 5 e aos 6 anos: no paradigma [ɐ̃w̃ʃ], produções bem sucedidas aos 3 e aos 4 anos passam a ser produzidas com [õj̃ʃ];

(ii) aos 6 anos: as pseudopalavras são preferencialmente produzidas com [õj̃ʃ].

Como referido no capítulo 2, dados os potenciais efeitos lexicais nas respostas das crianças, foram introduzidas pseudopalavras no instrumento criado, com o objectivo de testar o processamento morfofonológico dos ditongos na ausência de informação lexical (Castro-Caldas, 2000; Ingram, 2007; Corina e Knapp, 2006). Assim, colocou-se a seguinte hipótese para as pseudopalavras:

Hipótese 4: Em cada faixa etária, o comportamento verbal exibido para as pseudopalavras espelhará o das palavras.

Os resultados descritos neste trabalho confirmam parcialmente a Hipótese 4, na medida em que apenas alguns dos grupos incluídos no estudo aqui desenvolvido mostram paralelismo entre o comportamento para as palavras e para as pseudopalavras. Assim, a hipótese é confirmada aos 3 anos, já que o comportamento deste grupo é semelhante nas duas provas: o efeito gramatical condiciona o predomínio de [ɐ̃w̃ʃ], tanto nas palavras como nas pseudopalavras. Aos 4 anos, esta hipótese também é confirmada: embora [õj̃ʃ] comece a ser mais usado, [ɐ̃w̃ʃ] mantém-se como o formato usado por defeito, sobretudo nas pseudopalavras e nas palavras-alvo com [ɐ̃j̃ʃ]. Porém, aos 5 anos, registam-se diferenças nos contextos problemáticas, sendo que, para as palavras incluídas no paradigma [ɐ̃j̃ʃ], se observa um efeito gramatical (43% para [ɐ̃w̃ʃ] e 17% para [õj̃ʃ]), emergindo [ɐ̃w̃ʃ] como não marcado, ao passo que, nas pseudopalavras, os dois ditongos mais frequentes apresentam valores muito próximos ([õj̃ʃ] com 53% e [ɐ̃w̃ʃ] com 45%). No Grupo IV, o comportamento das crianças difere bastante, se tivermos em conta palavras e pseudopalavras. Para a prova de palavras, o único paradigma que continua a ser problemático é o dos nomes terminados em [ɐ̃j̃ʃ], no qual não é claro o efeito gramatical ou o efeito de frequência (25% para [õj̃ʃ] e 21% para [ɐ̃w̃ʃ]). No entanto, na prova de pseudopalavras, observa-se claramente o efeito de frequência ([ɐ̃w̃ʃ] regista 23% de respostas e [õj̃ʃ], 72%). A diferença de comportamentos entre as pseudopalavras e as palavras regista-se a partir dos 5 anos e mantém-se aos 6 anos, de forma ainda mais consistente. Assim, a Hipótese 4 é confirmada para os Grupos I e II e infirmada para os Grupo III e IV.

4. Considerações finais

Com a realização desta investigação, pretendemos compreender o modo como as crianças portuguesas observadas processam o plural dos nomes terminados em [ɐ̃w̃], através da análise do seu comportamento verbal na realização de uma prova de nomeação com palavras e com pseudopalavras.

Constatámos a presença de um forte efeito gramatical na faixa etária dos 3 anos, que progressivamente vai dando lugar ao efeito de frequência. Considerando os critérios definidos no capítulo dos *Aspectos Metodológicos* para a aquisição de uma estrutura, vários dos itens incluídos neste trabalho não se encontram estabilizados aos 6 anos, pelo que podemos concluir que se trata, efectivamente, de uma estrutura de estabilização tardia. Deste modo, torna-se necessário alargar a recolha de dados a faixas etárias superiores, de forma a verificar em que idade a estrutura se encontrará estável.

A complexidade morfofonológica associada à realização do plural dos nomes terminados em *–ão* (d'Andrade, 1977; Mateus, 1982; Mateus e Andrade, 2000; Villalva, 2008) e os vários aspectos envolvidos na aquisição desta estrutura (efeito gramatical, efeito de frequência e efeito lexical) levam a que as crianças procedam a reanálises da estrutura ao longo do seu desenvolvimento, o que se traduz numa estabilização tardia da mesma.

Na prova das palavras, as crianças até aos 4 anos seleccionam como padrão não marcado [ɐ̃w̃ʃ], sendo que, a partir dos 5 anos, começam a demonstrar sensibilidade ao efeito de frequência. As pseudopalavras apresentam resultados semelhantes aos das palavras nos Grupos I e II, com uma produção preferencial de [ɐ̃w̃ʃ]; aos 5 anos, as produções de [ɐ̃w̃ʃ] e [õj̃ʃ] são muito próximas e, aos 6 anos, o formato preferido já é [õj̃ʃ].

Simultaneamente, registou-se a ocorrência de um efeito lexical em alguns dos itens lexicais incluídos na prova, cuja produção se manteve estável ao longo das faixas etárias estudadas, sendo de destacar o efeito associado ao item *mãos*.

Nos dados das crianças observadas ficou claro que a marcação do plural, que emerge precocemente, é condicionada pelo efeito gramatical, no caso da estrutura estudada, o qual é registado nas faixas etárias mais baixas; à medida que as crianças se confrontam com a elevada frequência de [õjʃ] no alvo, vão integrando este padrão no sistema, passando a ser este o formato não marcado nas faixas etárias mais altas (efeito de frequência).

Embora a emergência do plural no paradigma nominal em PE seja precoce, podendo ocorrer antes dos 2 anos (Freitas, 1997; Freitas, Miguel e Faria, 2001), a observação dos dados relativos à formação do plural dos nomes terminados em ditongo nasal mostra que a sua estabilização ocorre tardiamente, não como consequência do processo de aquisição da formação do plural mas como efeito da complexidade morfofonológica associada às estruturas [ɐ̃wʃ], [õjʃ] e [ɐ̃jʃ]. Os dados mostram, assim, que a emergência precoce que dada estrutura linguística apresenta nem sempre implica a sua estabilização precoce (Berko, 1958; Cadzen, 1968; Brown, 1973, citados por Peters, 1995:464).

No decorrer da elaboração deste trabalho, deparámo-nos com algumas limitações de natureza metodológica. Parece-nos importante referir, a este respeito, que, em próximos estudos, se devem contemplar mais estímulos lexicais e testar mais anos de escolaridade, de forma a obter um panorama global da aquisição das estruturas testadas nesta investigação. No caso das pseudopalavras, teria sido preferível integrar outros estímulos visuais, que não animais, factor que pode ter suscitado o processamento destes como nomes próprios, situação a evitar em investigações futuras desta natureza.

Este estudo permitiu recolher dados sobre o desenvolvimento de uma estrutura ainda pouco estudada para o PE. A sua aquisição tardia traduz o seu grau de complexidade, tendo-se verificado que é durante as faixas etárias estudadas que se dá a grande divergência de comportamentos, tendendo a estabilizar nos primeiros anos de escolaridade. Estes dados podem ser tomados como valores de referência para linguistas, profissionais de educação (educadores de infância e professores) e profissionais de saúde (terapeutas da fala, psicólogos, entre outros). Estudos como o aqui apresentado permitem contribuir para o conhecimento do processo de aquisição e de desenvolvimento linguístico normal, possibilitando o estabelecimento de metas e

objectivos pedagógicos no sentido de promover estratégias que maximizem o potencial linguístico das crianças. Por outro lado, o conhecimento acerca do desenvolvimento considerado normal permite, ainda, definir estruturas-alvo adequadas à construção de instrumentos de avaliação, de carácter normativo. Consequentemente, será possível prevenir e intervir precocemente em alguns tipos de patologia de linguagem, assim como definir estratégias de intervenção mais eficazes.

5. Referências Bibliográficas

Andrade, E. P. (1977). *Aspects de la phonologie (generative) du portugais*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Instituto Nacional de Investigação Científica.

Andrade, E. (1994). *Temas de fonologia.* Lisboa: Edições Colibri.

Barberena, L., Keske-Soares, H. (2008). Generalização baseada nas relações implicacionais obtida pelo modelo "ABAB-Retirada e Provas Múltiplas". *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 13(2):143-43.

Befi-Lopes D.M., Rodrigues A., Puglisi M.L. (2009). Aquisição do morfema de número em crianças em desenvolvimento normal de linguagem. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. abr-jun;21(2):171-4.

Behrens, H. (2009). Grammatical categories. In Bavin (eds) (2009). Handbook of child language. Cambridge University Press: Cambridge.

Bellusci, S. (1995). *Epidemiologia.* (4ª ed). São Paulo: Senac

Bernhardt, B., Stemberger, J. (1998). *Handbook of phonological development. From a nonlinear constraints-based perspective.* San Diego, CA: Academic Press.

Berko, J. (1958). The child´s learning of english morphology. *Word*. (14) 150-174.

Bybee, J. (2001). *Phonology and language use*. Cambridge University Press: Cambridge.

Bybee, J., Hopper, P. (eds) (2001). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure.* Amsterdam: John Benjamins.

Carmo, H., Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

Castro, A., Ferrari-Neto, J. (2007). Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identidade de informação de número no DP. *Letras de Hoje.* 42(2). 65-76

Castro, A. (2008). Aquisição de concordância nominal por crianças portuguesas – contributos da Linguística para a Terapia da Fala. *manuscrito*

Castro Caldas, A. (2000). *A Herança de Franz Joseph Gall: O cérebro ao serviço do comportamento humano.* Amadora: McGraw-Hill.

Clark, E. (2001). Morphology in language acquisition. in Spencer, A., Zwicky, A. (eds). The Handbook of Morphology. Blackwell Publishing, 2001. Blackwell Reference Online. 28 December 2007

Clark, E. (2009). *First language acquisition.* (2º ed). Cambridge: Cambridge University Press

Corina, D., Knapp, H. (2006). Psycholinguistics and Neurolinguistic Perspectives of Sign Languages in Traxler, M., Gernsbacher, M. *Handbook of Psycholinguistics (2nd ed)*. UK: Academic Press (Elsevier).

Correa, L., Augusto, M., Ferrari-Neto, J.(2005). O Processamento da Informação de Interface na Aquisição do Sistema de Número Gramatical no DP em Português Brasileiro. In *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN,* 1075-1082. disponível on-line: http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf

Correia, S. (2004). *A Aquisição da Rima em Português Europeu. Ditongos e Consoantes em Final de Sílaba.* Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Cunha, C., Cintra, L. (1996). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta

Duarte, I. , Oliveira, F. (2003). Referência nominal. In Mateus, M.H.M., Brito, A.M., Duarte, I., Faria, I.H. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Faria, I. H., Falé, I. (2001). Fendas Palatinas – Estudo Multidisciplinar. Lisboa: Edições Colibri.

Freitas, M.J. (1997). *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa

Freitas, M.J., Miguel, M., Hub Faria, I. (2001). Interaction between prosody and morphosyntax: Plurals within codas in the acquisition of European Portuguese in Weissenborn, J., Höhle, B. (eds). Approaches to bootstrapping: phonological,

lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co pp. 45-58

Freitas, M.J, Santos, A.L. (2001). *Contar (histórias de) sílabas. Descrição e implicação para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri

Fromkin, V., Rodman, R. (1993). *Introdução à Linguagem.* Coimbra: Livraria Almedina

Gonçalves, M.F. (2004). Riqueza morfológica e aquisição da sintaxe em português europeu e brasileiro. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Évora.

Gonçalves, F., Guerreiro, P., Freitas, M.J. (*no prelo*). *O conhecimento da língua. Percursos de desenvolvimento.*

Griffin, Z., Ferreira, V. (2006). Properties of spoken language in Traxler, M., Gernsbacher, M. *Handbook of Psycholinguistics (2nd ed).* UK: Academic Press (Elsevier).

Guasti, Teresa (2002), *Language Acquisition – The Growth of Grammar.* Cambridge: The MIT Press

Guimarães, I., Grilo, M. (1997). *Manual de articulação verbal*. Alcoitão: Fisiopraxis

Instituto do Emprego e Formação Profissional (2001). (2ª ed). Classificação Nacional das Profissões. Lisboa: IEFP

Ingram, J.C.L. (2007). *Neurolinguistics - An Introduction to Spoken Language Processing and its Disorders.* Cambridge: Cambridge University Press.

Kouider, S., Halberda, J., Wood, J., Cary, S. (2006). Acquisitions os English number marking: the singular-plural distinction. *Language Learning Development*, 2(1), 1-25.

Laprecht, R.R. (2004). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Lum, C. (2002). *Scientific thinking in speech and language therapy*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates.

Martinet, A. (1976). *Conceitos fundamentais de linguística*. Portugal: Editorial Presença

Mateus, M.H.M. (1982). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Mateus, M.H.M., d'Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

Mateus, M.H.M, Andrade, A., Viana, M.C., Villalva, A. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mateus, M.H.M, Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I.H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Mateus, M.H.M., Falé, I., Freitas, M.J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português.* Lisboa: Universidade Aberta.

Mendes, A., Afonso, C., Lousada, M., Andrade, F. (2009). *Teste Fonético- Fonológico da Avaliação da Linguagem pré-escolar – ALPE*.

Morais Barbosa, J. (1965). *Études de phonologie portugaise.* Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 2.ème éd.(1983): Évora: Universidade de Évora.

Morais Barbosa, J. (1994). *Introdução à Fonologia e Morfologia do português.* Coimbra: Livraria Almedina.

Morales-Front, A., Holt, E. (1997), On the interplay of morphology, prosody and faithfulness in Portuguese pluralization. In Martínez-Gil, F., Morales-Front , A. (eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages.* Washington DC: Georgetown University Press. 393-437.

Peters, A. (1995). Strategies in the Acquisition of Syntax. In Fletcher, P., MacWhinney, B. (eds). The handbook of child language. USA: Blackwell Publishing

Reynell, J. (1980). *Language development and assessment.* Lancaster, England: M2P Press Limited.

Ribeiro, G. (2008). Tradução técnica, terminologia e lingüística de corpus: a ferramenta Wordsmith Tools. *Cadernos de Tradução*. América do Sul, (2) 10, 160-174.

Santos, R., Scarpa, E. (sem data). *A aquisição da morfologia nominal e sua relação com o acento primário em Português do Brasil.*

Selkirk, E. (1984). On the Major Class Features and Syllable Theory. In: Aronoff, M., Oehrle, R. (eds.) *Language, Sound, and Structure. Studies Presented to Morris Halle by His Teacher and Students.* Cambridge (Mass.): The MIT Press: 107-136.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem.* Lisboa: Universidade Aberta.

Smit, A.B. (2004). *Articulation and Phonology: Resource Guide for School-Age Children and Adults*. USA: Thomson Learning.

Vázquez Cuesta, P., Luz, M.A. (1971). *Gramática Portuguesa*. Madrid: Editorial Gredos

Veloso, J. (2005). Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em "-ão": onde reside a "irregularidade"?. In Rio Torto, G.M., Figueiredo, O.M., Silva, F. (coords, 2005). *Estudos de homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol 1: 325-338.

Viana, F. L. (2004). *Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Gaia: Edipisico.

Vigário, M., Falé, I. (1993). A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 465-478.

Vigário, M., Martins, F., Frota, S. (2004). Frequência no PE: a ferramenta FreP. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 897-908.

Vigário, M, Frota, S., Martins, F. (2009). A frequência que conta na aquisição da fonologia: *types ou tokens*. Apresentação no XXV Encontro da APL. Universidade de Lisboa.

Villalva, A. (2003). *Estrutura morfológica básica.* In Mateus, M.H.M., Brito, A.M., Duarte, I., Faria, I.H. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Villalva, A. (2008). *Morfologia do Português.* Lisboa: Universidade Aberta.

Wood, J., Kouider, S., Carey, S. (2009). Acquisition of singular-plural morphology in *Develpmental Psychology*. Vol 45(1) 202-206. APA

Apêndice I: Pedido de Autorização para as escolas e jardins-de-infância

Universidade Atlântica

Colégio "Os Filhotes"

Barcarena, 30 de Março de 2009

Exmos. Senhores,

Integrado no Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação – Ramo de Especialidade: Linguística Portuguesa Aplicada, da Universidade de Évora, a Prof. Ana Margarida Ramalho, Terapeuta da Fala e docente do Curso de Terapia da Fala da Universidade Atlântica, encontra-se a realizar a sua Tese de Mestrado com o tema "Análise dos processos fonológicos e morfológicos usados pelas crianças na formação dos plurais de nomes e adjectivos terminados em ditongo nasal", tendo como Orientadora a Prof. Doutora Fernanda Gonçalves e Co-Orientadora a Prof. Doutora Maria João Freitas.

O seu estudo tem como principais objectivos a avaliação do domínio que as crianças de 3, 4 e 5 anos têm sobre o ditongo /ão/, através de diferentes tarefas; a identificação dos factores que contribuem para a aquisição da estrutura (frequência e complexidade da estrutura); a identificação da forma que primeiro é dominada pelas crianças; a avaliação dos erros mais frequentes antes do domínio da estrutura e a análise das diferenças entre as faixas etárias.

Para a recolha de dados, será realizada uma tarefa de nomeação de imagens e gravação audio da aplicação da prova.

Vem por este meio a Universidade Atlântica solicitar a V. Exas. autorização para que a Prof. Ana Margarida Ramalho possa realizar o seu estudo na vossa instituição, junto das crianças que se encontrem na faixa etária dos 3 aos 5 anos.

Junto se envia a folha de registo de recolha de dados e o modelo de pedido de autorização para os encarregados de educação das crianças. Aguardamos a vossa anuência, para posterior contacto no sentido de combinarmos convosco o melhor procedimento para operacionalização da recolha da dados.

Para qualquer esclarecimento adicional que necessitem, por favor contactem a Prof. Ana Margarida Ramalho – Tel.: 214398225, Tlm.: 965788820 ou e-mail: amargaridamcramalho@gmail.com ou aramalho@uatla.pt .

Antecipadamente gratos pela atenção dispensada ao assunto, subscrevemo-nos com elevada consideração,

Pede deferimento,

A Coordenadora do Curso

Ana Paula Vital

Antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena, 2730-036 BARCARENA
Telef.: 21 4398285 www.uatla.pt

Apêndice II: Autotrização Encarregados de Educação

Ana Margarida Monteiro Cortes Ramalho, aluna de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação, na Universidade de Évora, vem por este meio solicitar autorização para proceder à recolha de dados (em formato áudio) junto do vosso educando.
No âmbito da elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação da Universidade de Évora, está a proceder-se à recolha de dados junto de crianças entre os 3 e os 5 anos de idade.

O nosso estudo, cujo tema é a "Aquisição dos Plurais dos Ditongos Nasais em Português Europeu", pretende avaliar qual a forma do plural que prevalece nas crianças de cada uma destas faixas etárias e identificar os processos morfológicos e fonológicos envolvidos nesta formação.

Para a recolha dos dados serão apresentadas algumas imagens a cada criança e estas apenas terão de as nomear, sendo este procedimento registado na gravação áudio, para posterior análise. Será garantida total confidencialidade relativamente à identidade das crianças participantes no estudo, servindo os dados recolhidos, única e exlclusivamente, para fins académico-científicos.
Solicita-se assim a vossa autorização para a recolha dos dados, pois a colaboração das crianças é fundamental e, só desta forma, poderemos realizar a investigação pretendida.

Para algum esclarecimento adicional poderão contactar e-mail: amargaridamcramalho@gmail.com.
Grata pela colaboração.

A Aluna,

_____

A.Margarida M. C. Ramalho

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

_____ encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____, autorizo a participação do meu educando no estudo "Aquisição dos Plurais dos Ditongos Nasais em Português Europeu".

Data: ____/_____/_____ Assinatura do Encarregado de Educação

_____

Apêndice III: Ficha de registo dos dados

Folha de Registo

Avaliação nº: _____ Data: _____ JI : _____
Nome: _____ Idade: _____ D.N: _____
Nacionalidade: _____ Português como Língua única: ___
Mãe – Nacionalidade: _____ Profissão: _____ Hab. Académicas: _____
Pai – Nacionalidade: _____ Profissão: _____ Hab. Académicas: _____

Palavra	Prod. espontânea	Pista Semântica	Nomeação Singular	Obserações
Bota				
Rato				
Bata				
Mãos	__ ãos __ões __ães			
Roda	__ s			
Capitães	__ ãos __ões __ães			
Fada	__ s			
Grãos	__ ãos __ões __ães			
Pinto	__ s			
Pães	__ ãos __ões __ães			
Pato	__ s			
Irmãos	__ ãos __ões __ães			
Vaca	__ s			
Aviões	__ ãos __ões __ães			
Dedo	__ s			
Limões	__ ãos __ões __ães			
Dado	__ s			
Cães	__ ãos __ões __ães			
Tampa	__ s			
Balões	__ ãos __ões __ães			
Tambor	__ s			

Pseudo-Palavras	Produção	Observações
Coto		
Vato		
Boma		
Pifão	__ ãos __ões __ães	
Tito	__s	
Catão	__ ãos __ões __ães	
Tago	__s	
Tipão	__ ãos __ões __ães	
Cada	__s	
Mada	__s	
Bitão	__ ãos __ões __ães	
Futão	__ ãos __ões __ães	
Dica	__s	
Nibão	__ ãos __ões __ães	
Bito	__s	
Vatão	__ ãos __ões __ães	
Boda	__s	
Sufão	__ ãos __ões __ães	
Modo	__s	
Midão	__ ãos __ões __ães	
Roba	__s	

Apêndice IV: Profissões dos pais das crianças integradas no estudo, de acordo com o Código Nacional das Profissões (IEFP, 2001)

No que se refere às variáveis *profissão da mãe* e *profissão do pai*, e tendo em consideração a extensão da amostra assim como uma melhor análise dos dados do ponto de vista social, estratificou-se a amostra de acordo com os níveis previstos na *Classificação Nacional das Profissões* (Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2001) que os agrupa em nove categorias.

- **Grande Grupo 1** - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa
- **Grande Grupo 2** - Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
- **Grande Grupo 3** - Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio
- **Grande Grupo 4** - Pessoal Administrativo e Similares
- **Grande Grupo 5** - Pessoal dos Serviços e Vendedores
- **Grande Grupo 6** - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas
- **Grande Grupo 7** - Operários, Artífices e Trabalhadores Similares
- **Grande Grupo 8** - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
- **Grande Grupo 9** - Trabalhadores Não Qualificados

Profissão Mãe	Freq. absoluta	%
sem registo	7	5,4
Grande Grupo 1	7	5,4
Grande Grupo 2	51	39,2
Grande Grupo 3	23	17,7
Grande Grupo 4	25	19,2
Grande Grupo 5	11	8,5
Grande Grupo 8	1	,8
Grande Grupo 9	1	,8
Doméstica	3	2,3
Desempregada	1	,8
Total	130	100,0

Profissão pai	Freq. absoluta	%
sem registo	4	3,1
Grande Grupo 1	18	13,8
Grande Grupo 2	55	42,3
Grande Grupo 3	28	21,5
Grande Grupo 4	6	4,6
Grande Grupo 5	9	6,9
Grande Grupo 7	5	3,8
Grande Grupo 8 -	2	1,5
Grande Grupo 9 -	2	1,5
Desempregado	1	,8
Total	130	100,0

Apêndice V: Nacionalidade dos pais das crianças integradas no estudo

Embora inicialmente tivesse sido prevista apenas a inclusão de crianças portuguesas filhas de pais portuguesas, por motivos de facilidade da recolha e acesso aos dados das crianças, muitas vezes a recolha foi feita e só posteriormente nos foram facultados os dados relativos às crianças. Assim, só depois dos dados recolhidos se constatou que a nacionalidade de um dos progenitores de algumas das crianças não tinha nacionalidade portuguesa.

Nas tabelas que se seguem, apresentamos a distribuição da nacionalidade dos pais das crianças, por grupo etário.

Idade * Nacionalidade Mãe

			Nacionalidade Mãe			
			Portuguesa	Angolana	Brasileira	Total
Idade	3,00	Freq. Absoluta	31	1	0	32
		% relativa à idade	96,9%	3,1%	,0%	100,0%
	4,00	Freq. Absoluta	31	0	1	32
		% relativa à idade	96,9%	,0%	3,1%	100,0%
	5,00	Freq. Absoluta	33	1	0	34
		% relativa à idade	97,1%	2,9%	,0%	100,0%
	6,00	Freq. Absoluta	32	0	0	32
		% relativa à idade	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Total		Freq. Absoluta	127	2	1	130
		% relativa à idade	97,7%	1,5%	,8%	100,0%

Idade * Nacionalidade Pai Crosstabulation

			Nacionalidade Pai					
			Português	Angolano	Caboverdiano	Indiano	Sueco	Total
Idade	3,00	Freq. Absoluta	30	1	1	0	0	32
		% relativa à idade	93,8%	3,1%	3,1%	,0%	,0%	100,0%
	4,00	Freq. Absoluta	32	0	0	0	0	32
		% relativa à idade	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
	5,00	Freq. Absoluta	31	1	0	1	1	34
		% relativa à idade	91,2%	2,9%	,0%	2,9%	2,9%	100,0%
	6,00	Freq. Absoluta	31	0	0	0	0	31
		% relativa à idade	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
Total		Freq. Absoluta	124	2	1	1	1	129
		% relativa à idade	96,1%	1,6%	,8%	,8%	,8%	100,0%

Apêndice VI: Instrumento de recolha de dados (CD)

Apêndice VII: Transcrições fonéticas (CD)

Apêndice VIII: Base de dados (*SPSS*) (CD)